

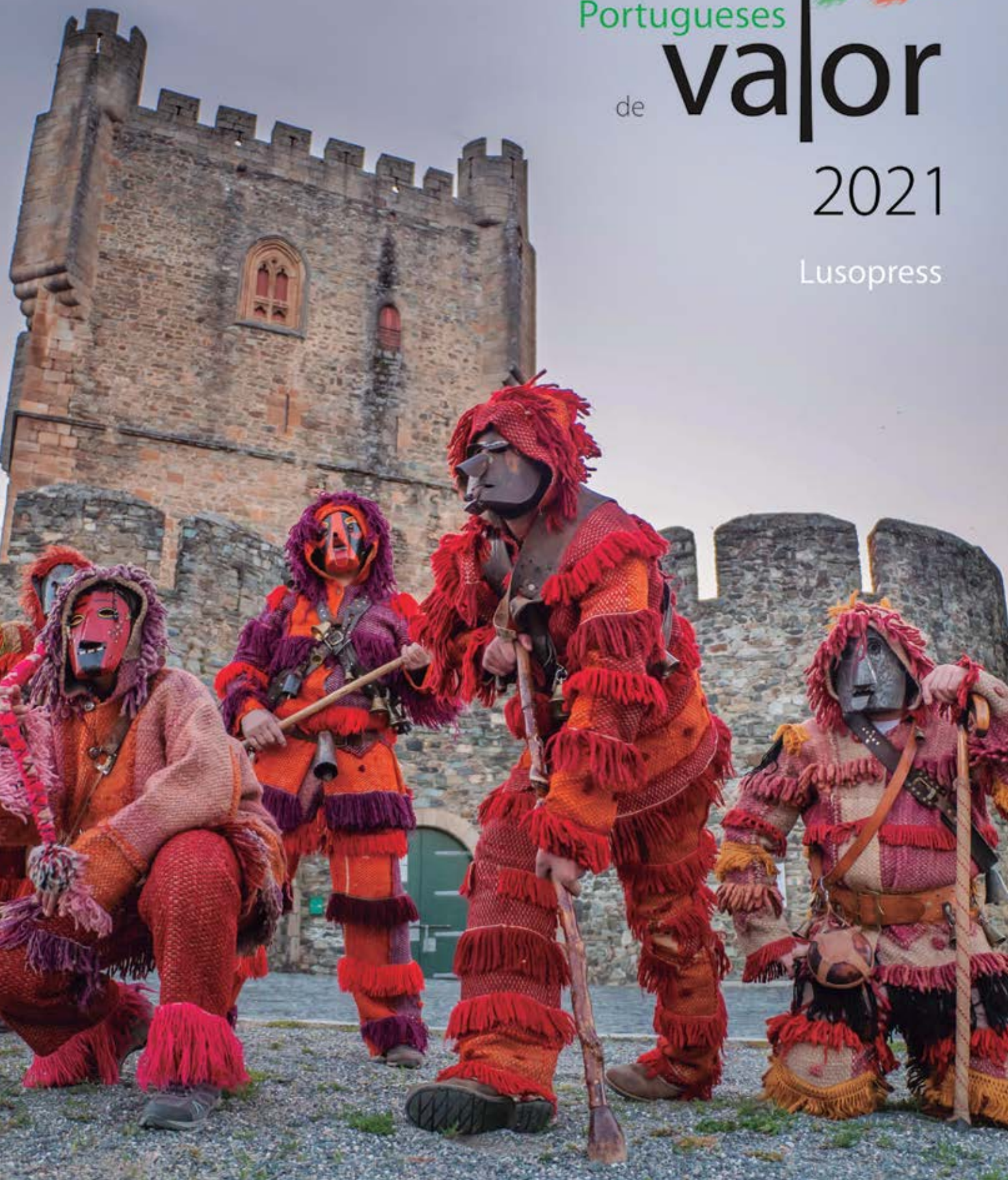


Portugueses

de **valor**

2021

Lusopress



# PRO.FIL

SARL

Démolition - VRD - Espaces Verts

01 64 05 16 77  
[contact@profil77.fr](mailto:contact@profil77.fr)

Une expérience  
de plus de 35 ans  
à votre service !



**LUSOPRESS**

*UNINDO OS PORTUGUESES*



magazine  
**LUSOPRESS**  
*UNINDO OS PORTUGUESES*

Portugueses  
de **valor**

**LUSOPRESS** **TV**  
*UNINDO OS PORTUGUESES*





Portugueses  
de **valor**

2021

Lusopress



Jorge Torres Pereira

Embaixador de Portugal em Paris

## De Filipe a Philippe

Philippe Da Silva (1954-2021)

A conversão dum “éfe” em “pê agá” e a duplicação do “pê” foi o preço, modesto mas simbólico, a pagar por um adolescente em Cogolin para vir a ser um dia um grande **Chef** em Paris e depois em Callas, na Provença. A “francização” do seu primeiro nome como passo para facilitar a sua imersão no país que acolheu os seus pais e a si. E que espantosa imersão a sua! De cozinha em cozinha, com distinções e estrelas pelo meio, de Toulon a Port Grimaud, de Tours a Napoule, de Mougins a Gennevilliers até Paris, e finalmente nas Gorges de Pennafort. O percurso dum português que ascende pelo seu trabalho e talento à concretização das suas ambições. Um Português de Valor.

Philippe Da Silva deixou-nos há pouco tempo. Tive o privilégio de o conhecer (graças à amizade generosa do seu conterrâneo de Cogolin, Joaquim Pires). De conhecer a forma como não perdera a simpatia autêntica, o sorriso caloroso e simples



Portugueses  
de **valor**

que é algo que nos enobrece. De conhecer também o prazer que nos proporcionava com os seus pratos, uma degustação em crescendo que nos atordoava as papilas e os sentidos. Disse que se lembrava bem da maneira como a sua avó cozia o pão, e são talvez essas memórias que fizeram dele o cozinheiro único que era, com algo de rústico e sofisticado ao mesmo tempo.

Acredito que a vida de Philippe Da Silva (assim mesmo, escrito como o próprio decidira) é exemplar dum percurso de tantos que com raízes em Portugal as transplantaram parcialmente para o país em que entenderam “ganhar a vida”. Transportaram consigo, em memórias e hábitos transmitidos, em atitudes e maneiras de estar na vida, um espólio resumido da “arte de ser português” que haveria de ser uma espécie do caixa de ferramentas ou de manual de instruções para a nova vida e ambições que entendiam prosseguir.

No novo país, nas novas condições que permitiam

os maiores sonhos e as maiores ambições, quase se operava uma mudança de identidade, como de Filipe para Philippe, mas a explicação central, o núcleo donde tinham partido, permanece lá.

Aquilo que cativava todos os que desfrutaram dos seus dotes de **Chef** era bem mais que o tour de force gastronómico, ou a exaltação dos sentidos, era a forma como nos recebia, a energia doce de calor humano com que nos envolvia, que nos ligava, por esses momentos com ele, a um tempo em que a simplicidade do cheiro do pão cozido em casa ou a recordação da avó bem querida nos basta e nos comove. Lembrar Philippe Da Silva é lembrar-nos do que essencialmente somos, e de procurarmos ser fieis a isso, antes de nos lançarmos a ganhar a vida e ao longo da concretização das nossas ambições. É um dado comum, creio, aos Portugueses de Valor.

Paris, 30 de Junho de 2021



## Hernâni Dinis Venâncio Dias

Presidente da Câmara Municipal de Bragança

É com enorme satisfação que Bragança acolhe a Cerimónia “Portugueses de Valor 2021”, que homenageia empresários e empreendedores da diáspora, que contribuíram para enobrecer o papel dos lusodescendentes no mundo. Pessoas corajosas, autónomas e resilientes, que deixaram as suas terras, à procura de melhores condições de vida, com o objetivo maior de dignificar o seu país, apesar das dificuldades e agruras da vida, por vezes, longe da família e amigos.

Quero, desde já, deixar uma palavra de apreço e reconhecimento ao trabalho desenvolvido pela Lusopress, pelo rigor e brio profissional, não só, no que concerne à organização deste tipo de eventos, mas também, no que diz respeito à promoção e divulgação da língua portuguesa nas comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo. Tendo recaído sobre Bragança, a escolha para a realização desta edição da Cerimónia “Portugueses de Valor”, o Município de Bragança está orgulhosamente comprometido em acolher, como sempre, todas as pessoas que nos queiram dar a honra da sua visita, com a genuinidade e afetuosidade próprias das nossas gentes.

Bragança é, hoje, um concelho atrativo, dinâmico e inteligente, com uma gastronomia ímpar, uma oferta turística em franca expansão e um património cultural de referência, tendo registado, pelo quarto ano consecutivo, a melhor eficiência financeira na Região Norte (num total de 30 Municípios de média dimensão), ocupando a 17.ª posição a nível nacional (no universo dos 98 Municípios de igual dimensão).

É desta forma que, desde há alguns anos a esta parte, o Município de Bragança tem vindo a apostar numa estratégia de promoção do desenvolvimento sustentado do território, com particular incidência na criação de condições que contribuam para a atração de investimento e consequente criação de emprego e para a afirmação de uma Smart City, com uma preocupação especial na mobilidade e na sustentabilidade. Desejo a todos os nomeados, os melhores sucessos profissionais e pessoais e formulo votos para que continuem a fazer história, nas várias vertentes da nossa sociedade, contribuindo para a construção de um país onde o empreendedorismo assume um papel preponderante, criando riqueza e progresso, por forma a que possamos encarar o futuro com esperança e otimismo.

Sintam-se todos bem-vindos a este cantinho de Portugal, o nosso “Reino Maravilhoso”.

Portugueses  
de Valor





Lídia Sales

As duas primeiras edições de Portugueses de Valor tiveram lugar em França, na terceira edição decidimos que seria Portugal a acolher os Portugueses de Valor. Desde então foram sete os municípios anfitriões que deram a conhecer o que de melhor cada região tem, Troia, Viana do Castelo, Açores, Leiria, Boticas, Figueira da Foz e Faro receberam dezenas de portugueses vindos de França, Inglaterra, Estados Unidos, Bélgica e também de Portugal, muitas destas regiões desconhecidas para alguns.

Nesta 10ª edição iremos descobrir paisagens, cultura, gastronomia e história da região de Bragança.

Agradeço ao Presidente do Município de Bragança, Dr. Hernâni Dias a disponibilidade demonstrada, apesar da situação vivida por todos.

Para o ano façam as malas, iremos ao berço de Portugal, a histórica cidade Guimarães.



Isabel Oliveira

Depois de uma edição em 2019 cheia de bons momentos, não esperava aguardar dois anos para assistir à 10ª edição dos Portugueses de Valor. De Faro a Bragança, esperava assim, em 2020, atravessar o país para ver galardoados mais dez portugueses. Não aconteceu em 2020, mas não desistimos. Bragança manteve-se como a cidade anfitriã de mais uma edição. Que seja memorável, como tem sido até hoje. Nestes dois anos de 'pausa' dos Portugueses de Valor, introduziram-se novas palavras e novos conceitos no vocabulário do nosso dia-a-dia: pandemia, Covid-19, máscara... distanciamento. Esta última palavra surge como um desafio à Lusopress, sendo o nosso slogan "unindo os portugueses". Unir com distanciamento? Sim, é possível. É assim que temos continuado a trabalhar, dia após dia, mostrando ao mundo o valor dos portugueses. Trabalhamos mais à distância, apesar de não ser igual. É bom sentir as expressões das pessoas, o seu estado de espírito, aquilo que a tecnologia não deixa passar. Como é bom ver a alegria e o orgulho dos premiados em cima do palco. É por isso que não baixamos os braços, porque os portugueses merecem ver o seu trabalho valorizado. E em tempo de pandemia, os portugueses mostraram, uma vez mais, a fibra e a raça que está nos nossos genes.

E se falo em portugueses, tenho de referir a expressão mais portuguesa, que nos marca como povo: saudade. Esta palavra é, há muito, catalogada como sendo "só portuguesa". Significa um desejo melancólico ou nostálgico por uma pessoa, por um lugar ou por um momento. A Lusopress sentiu saudade dos Portugueses de Valor, porque este evento marca todos aqueles que o vivem por dentro. Não é só o ato de premiar dez portugueses, entre os 100 nomeados. É o convívio, é a descoberta do nosso país, são os conhecimentos que se travam. É a envolvência e a paixão pelo nosso país: Portugal. Espero assim três dias com o melhor de Portugal: paisagens únicas a descobrir, cultura a aprender, gastronomia típica a saborear. No final, mais dez portugueses levam para casa o troféu de Portugueses de Valor, mas todos o merecem. Merecem pelo sacrifício, pelo empreendedorismo, pela inovação, pela resiliência e solidariedade. Apenas dez levam o troféu, mas todos os presentes levam o coração cheio de portugalidade. E, no final de contas, é isso que importa.



Júri



Armindo Freire



Fernando Lopes

Portugueses  
de **valor**

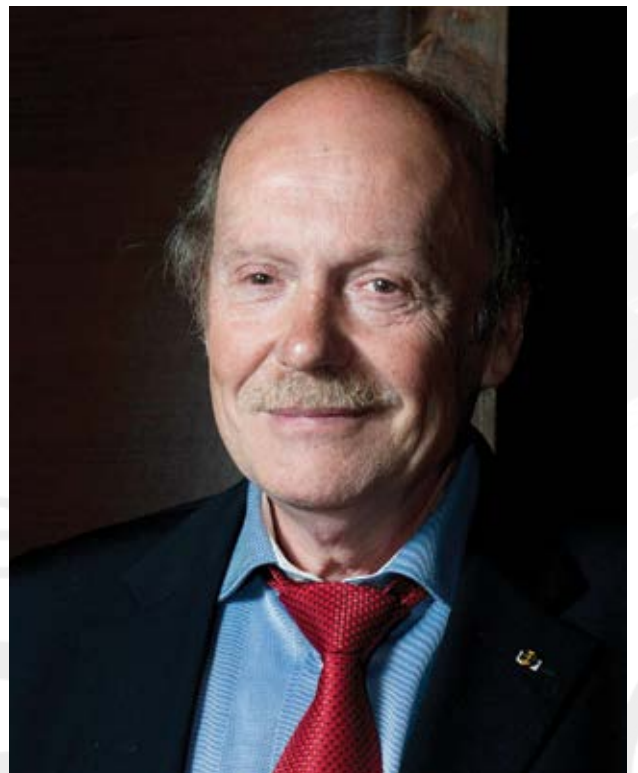
A stylized graphic of the Portuguese flag, consisting of a vertical black line on the left and a series of horizontal brushstrokes in green and red on the right, representing the flag's colors.



Ildeberto Medina



Joaquim Barros



Nuno Cabeleira

Portuguese

de

Va

Com o Alto patrocínio das marcas e empresas











Portugueses  
de **valor**

2011

2012

2013

2014

2015

2016

2017

2018

2019



**Albano Francisco**  
2014



**Amândio Silva**  
2011



**Antónia Gonçalves**  
2012



**António Amorim**  
2015



**António Fernandes**  
2012



**António Pedro Leal**  
2015



**António Teixeira**  
2018



**Armando Lopes**  
2011



**Armando Rio**  
2012



**Armindo Freire**  
2018



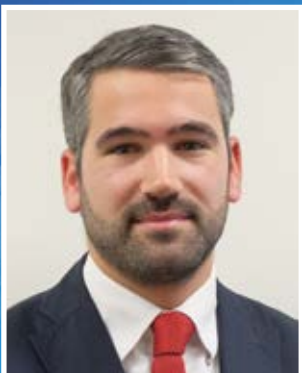
**Armindo Gameiro de Abreu**  
2016



**Assunção Nascimento**  
2019



**Benjamim Duarte**  
2011



**Bruno Costa**  
2017



**Carlos Ferreira**  
2016



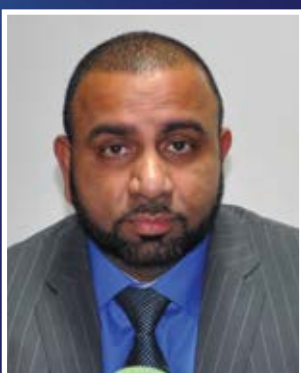
**Carlos Gonçalves**  
2016



**Carlos Matos**  
2011



**Carlos Vinhas Pereira**  
2017



**Casimiro Dias**  
2017



**Chantal da Costa**  
2016



**Delmar Barreiros**  
2018



**Diamantino Marto**  
2013



**Domingos Silva**  
2019



**Elizabeth Lopes**  
2016



**Emília Reis**  
2013



**Fernando Amorim**  
2019



**Fernando da Costa**  
2013



**Fernando Duarte**  
2019



**Fernando Lopes**  
2016



**Françoise Casaca**  
2014



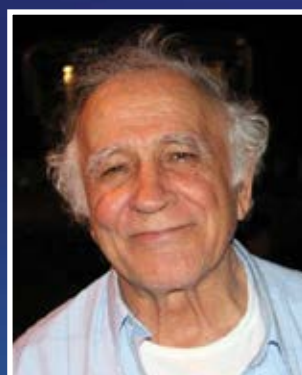
**Henrique Costa**  
2018



**Ildeberto Medina**  
2017



**Isabel da Ponte**  
2018



**Joaquim Alberto**  
2014



**Joaquim Barros**  
2018



**Joaquim Filipe**  
2019



**Joaquim Pires**  
2017



**Joaquim Sousa**  
2012



**Joe Salvador**  
2013



**José Afonso**  
2019



**José Carlos Mesquita**  
2015



**José Correia**  
2011



**José Costa**  
2014



**José Gonçalves**  
2019



**José Maria Costa**  
2019



**José Mateus Antunes**  
2017



**José Oliveira**  
2013



**José Trovão**  
2014



**Josefina Rodrigues**  
2015



**Luís Gonçalves**  
2018



**Luís Malta**  
2012



**Manuel Lopes**  
2012



**Manuel Moreira**  
2015



**Mapril Baptista**  
2011



**Maria José Guimarães**  
2013



**Mário Martins**  
2017



**Mário de Sousa**  
2015



**Mark Cafua**  
2014



**Miguel Pires**  
2014



**Nathalie Fordelone**  
2017



**Nuno Cabeleira**  
2013



**Odete Lopes**  
2012



**Paula de Sousa**  
2013



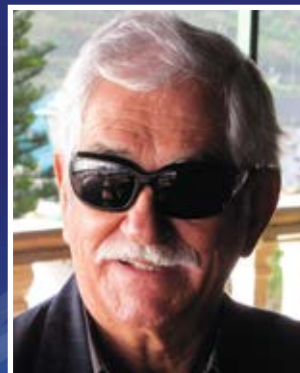
**Pierre Antoine Lacerda**  
2017



**Primitivo Marques**  
2012



**Ramiro Alves**  
2019



**Ramiro Neves Jorge**  
2012



**Raúl Castro**  
2019



**Reinaldo Teixeira**  
2016



**Ricardina Pederneira**  
2016



**Ricardo José**  
2017



**Rogério Vieira**  
2011



Rui Nabeiro  
2011



Suzete Fernandes  
2018



Tiago Martins  
2018



Tina Dummont  
2019



Valdemar Francisco  
2013



Victor Ferreira  
2018



Victor Gil  
2011

Portugueses  
de valor

Portugueses  
de valor

Portugueses  
de valor

# no meados 2021









**Local de nascimento:**

Boalhosa, Ponte de Lima

**Onde vive:**

França

**Actividade:**

Empresário



## Abílio Lourenço

Abílio Lourenço é natural de uma aldeia de Ponte de Lima. Em 1980 emigrou para França como muitos portugueses e transformou-se num verdadeiro “homem dos 7 ofícios”. O primeiro trabalho que encontrou foi nas vindimas, mas depois seguiram-se várias profissões. Em Paris seguiu os passos de muitos emigrantes e foi parar à construção civil. Em 1981 conheceu um patrão que lhe ofereceu trabalho, legalizou-o no país e arranhou-lhe todos os papéis necessários para a sua estabilidade. Abílio lutou, procurou sempre alcançar melhores condições de vida e nunca baixou os braços. Mais tarde passou pela limpeza, ainda esteve ligado à pintura apesar de não se considerar um pintor profissional e, há 22 anos, que tem uma empresa associada à cerâmica. Pelo caminho ainda se ligou à restauração, mas fez apenas isso para ajudar um amigo. Em 2006 o primeiro patrão que teve em França enfrentava alguns problemas e desabafou com Abílio Lourenço. Apesar de não ter grandes possibilidades, o empresário sentiu que podia e devia ajudar quem também já lhe tinha estendido a mão, acabando por comprar um restaurante que ele tinha. Abílio não percebia nada de restauração e aquela não era definitivamente a sua área, mas ainda hoje diz “que por um amigo é capaz de fazer tudo” e, se voltasse atrás, garante que “faria o mesmo”. Durante o seu percurso, foi aconselhado a apostar na cerâmica e actualmente confessa que esse “foi um bom conselho” e uma aposta ganha. No início, quando começou, todos os funcionários da empresa eram portugueses, mas actualmente em 40 colaboradores, apenas um terço tem nacionalidade portuguesa. O empresário recorda que quando chegou a Paris na década 80 ser português era considerado uma mais-valia, sobretudo para encontrar trabalho. Apesar de ter uma grande admiração pelas suas origens situadas no norte de Portugal, Abílio pensa que não teria alcançado a mesma estabilidade se tivesse continuado no país. “Se Portugal oferecesse as condições que nós tivemos quando chegámos aqui, nós não precisávamos de ter vindo. Antes de mim já vinham portugueses porque o país não oferecia o mesmo que a França e, quem diz a França, diz também outros países. Eu considero que Portugal é um país fantástico, é o meu país e eu procuro falar sempre bem dele, mas infelizmente não me deu a mim, nem a milhares de portugueses aquilo que nós queríamos”, afirma. Actualmente, Abílio Lourenço ainda realiza vários investimentos em Portugal, associou-se em França a uma empresa portuguesa que vende produtos de higiene e de limpeza. Apesar de dar a conhecer Portugal através deste e de outros trabalhos, Abílio afirma que “não espera nenhum reconhecimento do país”, confessa que já ajudou várias pessoas e associações, mas também não o faz para dizer em voz alta e opta sempre pela discrição. Termina a entrevista com uma mensagem que resume bem o propósito dos Portugueses de Valor: “Em França os portugueses lutaram muito e são, como vocês dizem, pessoas de valor”.



**Local de nascimento:**  
Oleiros, Castelo Branco

**Onde vive:**  
Portugal

**Actividade:**  
Empresário



# Adelino Gonçalves

Adelino Gonçalves é natural da região da Beira Baixa, tendo nascido no ano de 1970 em Oleiros, pertencente ao distrito de Castelo Branco. Da sua infância só guarda boas recordações, pela liberdade que tinha nesse período. “Cresci e vivi num meio rural onde tínhamos muita liberdade, não havia internet, e usufruíamos de tudo o que tínhamos: liberdade e natureza”. Adelino veio estudar para Leiria com 15 anos e, aos 21 anos, foi para a Marinha Portuguesa cumprir o serviço militar. Após esse período, aos 22 anos, começou a trabalhar na área da recuperação de crédito para empresas de leasing. “Na altura, trabalhava para a Euroleasing, que era uma empresa do Banco do Fomento Exterior”. No ano seguinte começou a trabalhar por conta própria, estabelecendo-se de imediato. Cinco anos volvidos, criou a Avalibérica e para além da área da recuperação de crédito, entrou também na área das falências das empresas que entravam em quebra. “Desde essa altura, a Avalibérica foi crescendo e, ao longo dos anos sofreu muitas alterações. Ela foi criada em 98, mas em 2010 vendi as minhas participações da empresa, ficando com o compromisso de ficar cá durante dois anos a fazer a passagem. Fiquei mais um, e no final desse ano perguntaram se eu pretendia recomprar. Na altura, recomprei 50% e fiquei com o meu sócio e hoje estamos aqui nesta atividade, mas pelo meio criamos outras sociedades, na área do investimento e na área do imobiliário”.

Adelino confessa que nunca foi um “rapaz de sonhos”, mas sim pessoa de metas. “E todas as metas que me tenho proposto, fui conseguindo alcançar todas. A minha principal meta e que tenho conseguido levar sempre para a frente é a que nunca ia ser empregado de ninguém. Desde os 22 que trabalho para mim próprio”. E esse seu espírito faz querer alcançar ainda muito mais. “Não estou minimamente satisfeito com o que já consegui. Pretendo fazer muito mais, evoluir nesta área de negócio onde estou, tenho muitos projetos de crescimento”.

Para si, há dois valores essenciais na vida: retidão e educação. Confessa que é um cidadão que poderia dar muito mais do que dá, mas ainda assim contribui ativamente para associações locais, festas e bombeiros e é, inclusive, um dos membros fundadores da associação Leiria Saudável.

Para si, ser português significa ser um cidadão do mundo. “Somos muito patriotas, temos orgulho da nossa pátria. Estamos em todo o lado”. A mensagem que deixa a todos os portugueses é que sejam sempre eles próprios. “Façamos pelos outros aquilo que podemos fazer. Somos pessoas de valor, onde quer que estejamos, que deixemos a nossa marca”.



**Local de nascimento:**

Carção, Vimioso

**Onde vive:**

Portugal

**Actividade:**

Empresário na área da restauração



24

## Adérito Gonçalves

Adérito Gonçalves é natural de Carção, uma pequena freguesia do concelho de Vimioso, tendo aqui nascido em 1955. Vimioso pertence ao distrito de Bragança, e é na capital de distrito que Adérito tem desenvolvido o seu percurso de vida. Da sua infância são poucas as recordações que tem, pois foi cedo que começou a trabalhar. Tinha 11 anos quando completou a instrução primária e começou a trabalhar na Pousada de São Bartolomeu, em Bragança. Entrou como funcionário do bar, mas aqui completou todo um percurso de aprendizagem, tendo passando também pela sala de jantar e cozinha. Fez de tudo na Pousada, tendo lá estado cerca de 12 anos a trabalhar. O diretor, inclusive, obrigou Adérito a frequentar a Escola de Hotelaria no Porto, fazendo o curso de Receção e Mesas. Adérito ainda cumpriu o serviço militar obrigatório, mas regressou à Pousada, onde tinha o emprego garantido. Depois, começou a pensar em estabelecer-se por conta própria e abriu o seu primeiro restaurante em Vinhais, onde esteve dez anos. Posteriormente regressa a Bragança, no fim dos anos 80, onde abriu o restaurante O Geadas, que mantém aberto até hoje. O seu objetivo de vida foi sempre ter o seu próprio projeto, por isso sente-se realizado. Hoje, gostava de usufruir um pouco do trabalho que sempre teve, mas o seu espírito comerciante faz com que continue a trabalhar todos os dias. Sempre se preocupou em ser um bom profissional e em cumprir todos os deveres financeiros para com a banca, o mercado e para com os funcionários. Adérito ajuda todas as associações que lhe pedem ajuda, mediante as possibilidades que tem. Ser português, para si, é um orgulho, e sente que sempre tentou ser um bom português ao longo da vida.

A todo o povo português deseja que continue a ser honesto. "Somos assim enquanto povo, e espero que todos cumpram com os seus deveres".

de

Valor



**Local de nascimento:**

Terroso, Bragança

**Onde vive:**

França

**Actividade:**

Empresário na área da restauração



## Adérito Martins

Foi numa pequena aldeia, a cerca de dez quilómetros de Bragança, que nasceu Adérito Martins em 1952. Em Terroso nasceu e ainda hoje lá mantém as suas raízes. Ainda jovem, emigrou para Madrid, onde cedo também começou a trabalhar. Começou por lavar loiça numa cozinha de restaurante. “Não havia máquinas na altura, era tudo à mão, e era assim que se começava”, conta. A realidade é que o sector da hotelaria evoluiu muito, mas quando Adérito começou não existiam as mesmas máquinas que hoje em dia. Entrou assim na hotelaria e não mais saiu deste sector. Foi subindo de posto, permanecendo no mesmo restaurante e trabalhando sempre para o mesmo patrão, com o qual ainda hoje mantém uma relação de grande proximidade. Com 20 anos teve de regressar a Portugal para cumprir o serviço militar obrigatório, tendo sido colocado na Guiné. Terminada esta fase da sua vida, a ideia era regressar a Madrid, mas abriu um restaurante em Bragança com quatro sócios, em que uma das quais, conterrânea de Adérito, o desafiou a trabalhar neste novo espaço de restauração. Adérito aceitou, longe de imaginar o que viria a suceder. Uma tragédia fez com que a sócia que o contratou falecesse, levando Adérito a comprar a sua quota no restaurante. Rapidamente comprou as restantes quotas, ficando como único dono do restaurante. “Foi um processo complicado, apenas com recurso a créditos porque não tinha dinheiro”, lembra. Adérito Martins manteve o restaurante de portas abertas durante 30 anos, até que algumas dificuldades chegaram. A abertura da autoestrada A4 fez desviar vários clientes. No período de maior dificuldade, alguns amigos desafiaram Adérito a emigrar para Paris e pegar num espaço que se encontrava fechado. Assim o fez, tendo emigrado para França em 2002, já depois de ter completado 50 anos de idade. Confessa que o início foi duro, “ninguém falava francês”, mas a união da família e o trabalho de todos fizeram a diferença. Adérito vingou e hoje já pode descansar um pouco mais, dividindo o seu tempo entre Portugal e os seus três filhos que permanecem em França.

Orgulha-se da postura correta que sempre manteve na restauração, criando assim vários clientes fiéis que mantiveram com o passar dos anos. Nunca descurou o lado benevolente no restaurante, fazendo preços mais acessíveis sempre que é necessário ajudar alguma instituição. Para si, ser português, é um orgulho. “Sou uma pessoa que, além de ser português com muito gosto, sou muito regionalista. Gosto muito da minha terra, do local onde nasci que, apesar de só ter 27 casas, gosto muito. Ainda vivo lá, fiz lá uma casa. Tenho muito orgulho em ser de Bragança e transmontano”. Ainda assim, Adérito não esquece a França. “Deu-me muito da minha vida é certo, é um país que temos de ter consideração. Mas dentro do coração, Portugal é Portugal”.

Aos portugueses, deseja que nunca desmoralizem e que nunca baixem a cabeça, mesmo nos momentos de maior fraqueza.



**Local de nascimento:**

Guilhadeses, Arcos de Valdevez

**Onde vive:**

Estados Unidos da América

**Actividade:**

Empresário de construção civil



## Adriano Fernandes

José Adriano de Caldas Fernandes tem, desde sempre, uma história de emigração ligada à sua vida. Nasceu a 28 de Fevereiro de 1962 na freguesia de Guilhadeses, concelho de Arcos de Valdevez. Com apenas um ano de idade, os pais emigraram para a Venezuela, levando-o com eles, e aqui passou uma boa parte da sua infância. Já com dez anos de idade, os pais manifestaram o interesse que Adriano Fernandes aprendesse a língua portuguesa nas escolas em Portugal. Desejo que o fez regressar a Portugal, onde passou cerca de dois anos com os avós, até os pais regressarem de vez ao país de origem. Foi em Arcos de Valdevez que Adriano Fernandes fez os seus estudos, tendo completado o 12º ano. Por um período de dois anos, devido à falta de professores, ainda lecionou no Liceu de Arcos de Valdevez as disciplinas de Geografia e Físico-Química. Aos 20 anos conheceu a sua actual esposa, que estava emigrada nos Estados Unidos da América desde os sete anos de idade. Começaram a namorar e Adriano Fernandes acabou por ir para os Estados Unidos, onde se mantém até hoje. Em solo americano, desde os 22 anos, a intenção era continuar os estudos, pois o sonho de infância era a medicina. A vida não o permitiu, acabando por começar a trabalhar no sector da construção civil, onde foi aprendendo a profissão. Manteve-se a trabalhar na mesma empresa durante dez anos, até sentir a necessidade de voos mais altos. O cunhado, que era também colega de trabalho, lançou-se sozinho criando uma empresa em 1993. Adriano Fernandes juntou-se a ele um ano mais tarde, formando assim uma sociedade que dura até aos dias de hoje - a Martins Construction, uma grande empresa de manutenção e construção de pontes.

A qualidade do trabalho português é distintiva em solo americano. "O português está aqui bem visto, porque é trabalhador e honesto no seu trabalho. De uma forma geral, a comunidade portuguesa, está muito bem vista", diz. Adriano Fernandes mantém a ligação a Portugal e faz questão de manter informado sobre o que passa no seu país de origem, lendo diariamente todos os jornais portugueses.

Aos portugueses, envia uma mensagem de solidariedade. "Têm passado bastante nos últimos anos, devido aos problemas de austeridade, mas felizmente as coisas estão a ficar melhor".



**Local de nascimento:**

Colmeias, Leiria

**Onde vive:**

França

**Actividade:**

Empresário



## Adriano Portela

Adriano Portela retrata a história de muitos portugueses que se viram forçados a emigrar à procura de melhores condições de vida. Nasceu em Colmeias, no concelho de Leiria e até aos 18 anos aqui viveu bons momentos de convívio. Começou a trabalhar com 13 anos em mecânica, e aos 18 anos seguiu para França continuando no mesmo ramo de atividade. “Emigrei para ganhar mais alguma coisa na vida”, conta. Com 24 anos tornou-se empresário, criando uma sociedade no ramo dos trabalhos públicos, com aluguer de máquinas e camiões.

Um acidente que Adriano Portela teve, fez com a sociedade se desfizesse e o incentivasse a avançar para a criação de uma nova empresa, mas agora sozinho. Assim nasceu a LTDTP, em 1997, também dedicada a trabalhos públicos como demolições, terraplanagens, saneamentos, aluguer de máquinas e reciclagem de materiais.

Como todas as pessoas, Adriano admite que sempre quis para a sua vida ter possibilidades de ter bons carros e fazer boas viagens. Hoje, conseguiu alcançar um nível de vida que lhe proporciona esses prazeres, mas sente que já alcançou tudo o que gostava de ter. Preza até hoje a educação que recebeu e é essa que tenta transmitir aos seus descendentes. “Uma educação correta, que me permitiu chegar onde cheguei”. Não faz parte do meio associativo português em França, mas participa sempre que é solicitado. Para si, ser português é uma felicidade, e nunca esquece as suas origens. A todos os portugueses deseja muita saúde, felicidade e que tudo corra pelo melhor.



**Local de nascimento:**

Freches, Trancoso

**Onde vive:**

Portugal

**Actividade:**

Empresário



## Agostinho Fonseca dos Santos

Agostinho Fonseca dos Santos é natural de Freches, uma aldeia pertencente ao concelho de Trancoso e da qual ainda hoje guarda muitas recordações da infância. “Lembro-me quando a catequista me interrogou, eu saber dizer o catecismo todo. Assim como quando fui realizar o exame da escola primária a Trancoso, eu fiz o meu e ainda ajudei os meus colegas”, conta. Pequenas memórias de uma infância bem diferente da atualidade. Agostinho nasceu em 1948 e quando saiu da escola foi aprender a profissão de alfaiate, tendo começado a trabalhar por conta própria com 18 anos. Até aos 22 anos foi esta profissão que o ocupou, andando pelas ruas de Trancoso à procura de clientes, com sucesso. Seguiu-se o serviço militar obrigatório e o casamento, altura em que decide mudar de atividade. Juntamente com a esposa, Maria da Conceição Belo Plácido, iniciam a actividade de abate e comercialização de carne de porco, enchidos e presuntos nas principais feiras e mercados da região. “Tivemos o primeiro carro isotérmico da região, naquele tempo ainda não havia. Daí para cá, com as exigências do Governo, resolvemos vir para a cidade de Trancoso na década de 90, onde implementamos a Salsicharia Trancosense, passando depois a ser conhecida por Casa da Prisca”. Hoje é um nome reconhecido nacional e internacionalmente, muito pela dinâmica que os filhos de Agostinho implementaram ao negócio. Agostinho sempre foi um homem dedicado ao trabalho, por isso os grandes sonhos nunca tiveram lugar na sua vida. “Com o trabalho que realizei, penso que me saí sempre muito bem e estou feliz pela participação que tenho dado à Casa da Prisca”. Ainda hoje, já reformado, Agostinho está todos os dias na loja da Casa da Prisca localizada no centro de Trancoso. Os seus sonhos hoje continuam a misturar-se com a atividade profissional: “quero uma Prisca mais forte, mais dinâmica, mais internacional e que talvez possa desenvolver projetos de turismo que ainda estejam por concretizar”.

Para si a honestidade é a base de tudo. E conta um exemplo: “uma senhora comprou-me um presunto no mercado de Penedono. Passado uma hora estava a duvidar de mim em relação ao peso. Caiu-me mal, mas certifiquei-me que estava errada. Ela achava que os feirantes eram todos uns aldrabões. A maior prova honestidade que me deu foi nunca mais deixar de ser minha cliente, porque acabou por acreditar em mim. Honestidade sempre acima de tudo”.

Agostinho também esteve sempre ligado ao mundo associativo, tendo passado pela Banda Musical de Freches, pelos bombeiros, pela Cooperativa de Freches, pelos Cursos de Preparação Matrimonial e ainda fazendo parte de campanhas eleitorais. “Fiz muito por mim, mas sempre me preocupei com os outros”. Orgulha-se de ser português, e por pertencer a um dos países mais seguros do mundo. “A todos os portugueses desejo felicidade e que o mundo seja cada vez melhor”.





**Local de nascimento:**  
 S. Simão de Litém, Pombal

**Onde vive:**  
 França

**Actividade:**  
 Empresário



## Aires Mendes de Abreu

Aires cresceu e foi educado no distrito de Leiria, em Pombal. O pai já era emigrante em França e estava com ele apenas nas férias. Na bagagem trazia a saudade e algumas prendas que ainda hoje recorda com um sorriso. “Uma vez ele levou-me duas bicicletas dentro do comboio para me dar de prenda. Naquele tempo eram poucos os que tinham uma bicicleta em Portugal. Eu já emprestava e alugava as bicicletas quando era pequenito”, conta. Previa-se assim um jeito para o negócio que, mais tarde, veio mesmo a confirmar-se. Aires seguiu os passos do pai assim que conseguiu. Via nele uma inspiração e procurou ser sempre “bem alinhado” como ele desejava. Em 1971, com apenas 17 anos, partiu para França e, apesar da tenra idade, começou logo a trabalhar na construção. “Cheguei a um domingo, no fim de Agosto, e comecei a trabalhar logo na segunda. Já tinha arranjado trabalho nas obras. A primeira coisa que eu aprendi a fazer foi a colocar azulejo”, recorda. Durante alguns anos, ainda trabalhou num restaurante nos arredores de Paris, mas não foi na restauração que se lançou melhor por conta própria. Na França começou a construir casas e criou os pilares para uma empresa e família sólida. Aires formou uma equipa com a esposa. Juntos, encontraram a tática certa e criaram a sociedade “ArchiBat”. “Como a minha mulher era arquitecta e eu já percebia de construção, foi só avançar. A minha esposa fazia o projecto, eu construía e vendia as casas depois de já estarem feitas. Nunca trabalhava para particulares”, recorda. Lucinda idealizava, ele executava. “A minha esposa tinha uma arquitectura fora do normal, muito trabalhosa, mas muito bonita no final”. Mais tarde, aventuraram-se na construção de prédios e procuraram deixar uma marca bem portuguesa no primeiro trabalho. A residência Magellan foi baptizada pelo emigrante e é uma homenagem ao célebre navegador português Fernão de Magalhães. “Eu gosto de ser português a 100%. Os nossos navegadores foram fortes e descobriram muitas coisas, mas nós também fomos fortes e viemos construir uma boa parte da França”. Já emigrou há 45 anos, mas continua a ajudar freguesias e associações do concelho de origem, em Pombal. “Não posso ir a Portugal sem ir à minha terra. Fiz isso uma vez e fiquei doente”, confessa. Apesar de ainda ter vários prédios alugados e novas construções no horizonte, encerrou a empresa há alguns anos. Neste momento, dedica-se ao golfe e é um grande coleccionador de carros antigos. As colecções, tal como os sonhos, não param de crescer e confessa que gostava de ter até um museu no Algarve. Com mais de 60 anos garante, que é um homem feliz e termina a conversa lembrando: “tive sorte talvez, mas também a procurei”.



**Local de nascimento:**

Toronto, Canadá

**Onde vive:**

Faro, Portugal

**Actividade:**

Director ao Aeroporto Internacional de Faro



## Alberto Mota Borges

Alberto Mota Borges nasceu no Canadá, em Toronto. Os pais eram emigrantes, mas regressaram às origens, cedo. Apesar de ter vivido alguns anos no estrangeiro, confessa que a sua matriz de funcionamento é portuguesa” e do Canadá trouxe apenas a ligação e o afecto pela diáspora. Quando fala, não consegue esconder o bom sotaque açoriano e foi na ilha de São Miguel que desenvolveu uma boa parte do seu percurso profissional. Alberto Mota Borges foi chefe da Divisão de Planeamento, Gestão e Controle da ANA Aeroportos de Portugal para a Região Autónoma dos Açores, na estrutura instalada no Aeroporto João Paulo II, em Ponta Delgada. Em 2015 deixou a ilha e descolou-se em direcção ao Algarve. Atualmente, é o director do Aeroporto Internacional de Faro e confessa que recebeu este cargo de braços abertos. “É o melhor projecto que eu poderia ter neste momento. Eu desenvolvo-o com muito entusiasmo, alegria e empenho. Todas as energias que eu tenho, concentro-as neste trabalho da melhor forma possível”.

Desde que assumiu a direcção do Aeroporto de Faro, já anunciou novas rotas e prepara-se para fazer sempre melhores anos. Alberto Mota Borges quer voar mais alto e acredita que assim, consegue levar o nome de Portugal mais longe. “Eu consigo levar o nome de Portugal mais longe nas actividades que desenvolvo porque têm interacção com o estrangeiro. Procuo fazê-lo de uma forma profissional, leal, assertiva, preocupando-me sempre com o interesse geral e não com os interesses particulares ou específicos”. Acredita que o melhor reconhecimento que pode ter é a satisfação das pessoas” e a convicção de que “elas estarão melhor no dia seguinte do que no dia anterior”. Durante o seu percurso, fez a preparação de crianças e jovens para provas de natação e semeou assim uma semente que já produziu resultados e melhorou a vida de alguns. “Ter amigos que hoje são nadadores é um prazer incrível e eles reconhecem que alguma coisa foi feita por eles”, afirma.

Quando está fora de Portugal, “tenta aprender e ver o que de melhor se faz lá fora” e confessa que só sente falta da família e dos amigos. Afirma que “é preciso arriscar, aceitar os desafios que vão surgindo” e pede aos portugueses para acreditarem mais nas suas capacidades. “Nós temos as condições totais para ter sucesso em qualquer parte do mundo”. Aos 50 anos arriscou, mostrou que é possível ter sucesso em Portugal e colocou o mundo mais perto dos portugueses. Até porque os sonhos estão muitas vezes à distância de uma pequena rota de avião.



**Local de nascimento:**

Portugal

**Onde vive:**

França

**Actividade:**

Construção Civil



## Albino Gonçalves

Emigrou para França em 1987. Deve o seu sucesso ao trabalho realizado neste país, onde os portugueses são bem vistos, têm uma boa imagem, principalmente na construção civil. Por isso, o facto de ser português tem influenciado de algum modo a sua vida. Ainda não obteve de Portugal qualquer reconhecimento pelo seu trabalho. Apesar de já ter investido no seu país, acha que neste momento prefere investir onde vive. Considera os portugueses patriotas e corajosos, apontando a inveja como o seu único defeito. Na sua empresa, a maioria dos trabalhadores são portugueses, com a excepção de dois de origem africana (Mali). Sente saudades da sua terra natal e da família. Dirigindo-se aos portugueses, acha que eles deveriam ser mais unidos e não puxar cada um «a brasa à sua sardinha».

Portugueses

de valor



**Local de nascimento:**

Galegos (Santa Maria), Barcelos

**Onde vive:**

Portugal

**Actividade:**

Artista e Empresário



## Albino Miranda

Albino Miranda nasceu 1967, na freguesia de Galegos (Santa Maria), pertencente ao concelho de Barcelos. Da sua infância recorda as brincadeiras nos riachos que hoje já nem água levam, do valor dado à Primavera, que permitia ir brincar para os campos. São ainda algumas imagens e cheiros que o fazem recordar esses momentos da infância. Também em pequeno herdou a “arte” do seu pai, que tinha uma oficina de carpintaria e marcenaria. “Vi o meu pai trabalhar era eu muito pequeno, em que ainda não chegava ao banco de carpinteiro e isso marcou aquilo que sou hoje”. Albino transformou-se num homem em que o trabalho manual é a sua vocação e paixão. Começou por trabalhar com o pai, esculpindo madeira, e seguiu-se a área da cerâmica, onde desenvolveu produtos para várias empresas. “Sei que tenho milhares de produtos feitos que ainda hoje vejo e recordo que fui que os criei”. Mais tarde, Albino Miranda criou a sua própria empresa, mantendo sempre a área criativa, já que é também amante de arquitetura e decoração de interiores. A Albino Miranda Lda é uma empresa do setor decorativo, que cria e desenvolve mobiliário e esculturas para ambientes de interior e exterior através das suas marcas KARPA e GANSK. “Sempre que algo me obrigue a criar, eu estou feliz. Não sou bom a negociar, portanto nunca daria um bom negociador”.

O seu sonho, desde sempre, era casar e formar família cedo, para que mais tarde pudesse voltar a ter tempo para namorar. Também sempre quis viver da arte. “Sou um artista que acabei por criar condições para que muito mais pessoas possam ter uma peça de arte em sua casa. Não me tornei famoso, nunca o procurei, então as minhas coisas não são vendidas muito caras”. De futuro, falta-lhe concretizar um sonho que já tem alguns anos: uma exposição individual, totalmente solidária. Para si, são essenciais os valores de honestidade, respeito e sinceridade. Faz parte da Academia do Bacalhau do Minho, e o que cativou na associação foi dar com a mão direita sem mostrar a mão esquerda. “Fazer o bem sem estar a divulgar que o fizemos”. Confessa que não tem o mesmo patriotismo e o sentimento de saudade que alguém que tenha emigrado, mas gosta cada vez mais do seu país, Portugal. “Os portugueses são muito mais do que aquilo que pensam que são, temos muito mais valor do que pensamos. Temos de deixar de ter discurso de coitadinho. Damos cartas por esse mundo fora. O que desejo a todos é que sejam verdadeiros, felizes e que ocupem o seu pensamento o máximo possível em coisas positivas, e valorizar o abraço”.



**Local de nascimento:**  
Castelo do Neiva, Viana do Castelo

**Onde vive:**  
França

**Actividade:**  
Empresário na área da restauração



## Alexandre da Cunha

Natural de Castelo do Neiva, em Viana do Castelo, Alexandre da Cunha nasceu em 1970 e desde cedo revelou uma enorme ligação ao mar. São ainda muitas as recordações que tem das brincadeiras na praia, da apanha do sargaço com a avó, de ver os barcos a chegar do mar. “Tive uma infância sem internet e sem telemóvel, mas muito feliz, sempre com a minha mãe ao meu lado”. Filho de mãe solteira, como assim costuma dizer, com ela sempre teve grande ligação. O pai aperfilhou Alexandre da Cunha, mas logo no ano em que nasceu emigrou para França e depois para o Canadá. “Foi a minha mãe que me criou e fez o homem que sou hoje em dia”. Alexandre cedo começou a ajudar a avó nos trabalhos domésticos, fosse na agricultura ou na pesca e assim que terminou o 6º ano começou a trabalhar para ajudar a mãe financeiramente. Aí surgiu o restaurante Pedra Alta, o seu primeiro emprego com 15 anos, que conciliou durante oito anos com a pesca. “Comecei com o senhor Fagundes, o fundador do Pedra Alta, mas logo no ano seguinte apareceu o senhor Joaquim Oliveira Baptista. Trabalhava em part-time porque era também pescador profissional, tinha a carta de pescador e arranjo de pesca”. Vida de luta é a expressão que usa para caracterizar o seu caminho. Só deixou de ser pescador para cumprir a última vontade da sua mãe, antes de falecer e foi aí que se agarrou a 100% ao Pedra Alta. Tinha 22 anos e era então responsável e gerente do restaurante em Gaia, onde esteve durante seis anos. Depois surgiu a oportunidade de implementar o Pedra Alta em França e Alexandre fez as suas malas e agarrou o desafio. Em 2000 chegou a terras gaulesas e o que se viu foi um desenvolvimento enorme do Pedra Alta em Pontault-Combault, sendo hoje uma grande casa e bem reconhecida. “Contribuí muito, mas o crescimento do Pedra Alta deve-se a um grande homem, o senhor Baptista, que foi meu mentor, meu professor e também meu pai. Foi e ainda considero que é”. O início foi duro, mas com o desenvolvimento começaram a abrir mais e mais casas. “A minha vida são 34 anos ligado ao Pedra Alta e, hoje em dia, quis fazer o meu próprio projeto. Sentia que era capaz, porque fui capaz de dar vida ao Pedra Alta em França”. Foi assim que Alexandre abriu o Mar Azul, no final de 2019.

Quanto a sonhos, o que sempre desejou era uma ter uma casa bonita, pois na sua infância não teve essa oportunidade. Todos os outros bens materiais para si são hoje banais e insignificantes. Hoje o seu sonho é que todas as pessoas que trabalham consigo que possam ter os seus próprios sonhos e que os concretizem. “Eu sem os meus funcionários não sou ninguém, eu preciso deles e eles de mim”. Para si, ser português é uma honra. “Portugal foi a maior potência do mundo em 1500, somos conhecidos em todo o mundo pelos trabalhadores. Somos um pequeno país, mas uma grande nação. Estamos em todo o lado do mundo e mostramos onde estamos que sabemos fazer alguma coisa”. O que deseja a todos os portugueses é tenham muita confiança em Portugal, que lutem e mostrem o verdadeiro valor de um português quando sai do seu país. “Nós gostávamos de estar no nosso país mas, derivado a certos fatores, somos obrigados a tentar uma vida melhor, mas uma vida de luta”.



**Local de nascimento:**

Lisboa

**Onde vive:**

França

**Actividade:**

Empresária



34

## Ana Peixoto

Ana Peixoto nasceu em Lisboa em 1985. Da capital apenas sabe que é o local que a viu nascer, pois ainda bebé seguiu para França com os pais. Ainda assim, as maiores e melhores recordações que tem da infância são das férias passadas em Portugal. O destino era São Pedro de Aboim, em Amarante, onde juntamente com avós e primos passava bons momentos no Verão. Na memória está-lhe também o momento em que o pai a colocou, pela primeira vez, numa máquina. Tinha seis anos, e ficou encantada com a atividade profissional do pai, que tinha uma empresa de comercialização de máquinas para o sector da construção civil. Sentiu, nesse momento, que o futuro era ali. Desde então, todas as férias escolares eram passadas na empresa do pai, a observar passo a passo o seu progenitor. Ana Peixoto fez um BTS em Gestão e Comércio em Paris e integrou a empresa Peixoto Frères em 2007, a tempo inteiro. Hoje, juntamente com o pai, é a responsável máxima da empresa. O seu pai, Agostinho Peixoto sempre foi o seu ídolo. “Sempre quis ser como o meu pai, fazer as coisas como ele. Também tive sonhos de infância que é normal, como ser veterinária, mas depois sempre me foquei no meu pai”. Hoje, o principal sonho de Ana Peixoto prende-se em poder dar um bom futuro ao filho e continuar a trabalhar no que gosta. Como hobby, gosta de pintar. Para si, os valores que guiam a sua vida é a integridade e sinceridade, para além de “pôr o coração em tudo o que fazemos”. Ana foi catequista e ajuda regularmente associações portuguesas ligadas ao futebol, patrocinando as equipas. Para si, ser portuguesa é não esquecer as suas raízes. Confessa que quando se tem um companheiro que não fala português, por vezes é difícil manter a ligação a Portugal, mas o seu coração e as suas origens vão sempre permanecer na terra de Camões. A todos, deseja muita saúde e que as famílias continuem sólidas. “Os nossos filhos são o nosso futuro, por isso temos de ser sempre sinceros com eles, para que se desenvolvam bem”.

de

valor



**Local de nascimento:**

Lisboa

**Onde vive:**

França

**Actividade:**

Empresária



## Anabela Cabral

Anabela Cabral nasceu em Lisboa, na freguesia de Benfica. “Menina bairrista” como assim se caracteriza, foi lá que passou a sua infância e adolescência. Momentos bons que ainda gosta de recordar. “Passeava com o meu pai, e nessa altura já ia com ele para as obras. Foi uma ótima infância, cheia de boas recordações. As minhas amizades continuam a ser as mesmas daquela altura”. Contra a vontade do pai, Anabela começou a trabalhar cedo no mundo da estética, profissão não bem vista na década de 80. Nessa altura, Anabela não imaginava as voltas que a sua vida iria dar. Nessa altura, conheceu o apresentador Júlio Isidro, com o qual trabalhou no Teatro Aberto e foi pelas mãos dele que Anabela chegou ao mundo da televisão, como caracterizadora. Mais tarde, abriu o seu próprio cabeleireiro, mas, depois dos 30 anos decidiu mudar de vida. Entrou no sector da construção civil, talvez por influência do pai, e hoje é uma das sócias da empresa Cabral & Carvalho, no sul de França. Para si, é um grande orgulho ter conseguido colocar o nome do seu pai na empresa. “Espero que ele esteja orgulhoso do que eu faço, a ele o devo. Não é muito comum uma mulher na construção, mas eu gosto”.

Em boa verdade, Anabela nunca esperou ter conseguido tanta coisa como conseguiu. “Espero que Deus me consiga dar saúde e alegria para continuar a levar isto a bom porto. Considero-me uma mulher feliz e realizada”. Na sua vida, os valores estão presentes desde sempre: honestidade e caridade são para si cruciais. “É importante não sermos os únicos a olhar, existe no mundo bem piores que nós. O meu lema é fazer aos outros o que quero que me façam a mim. Sou incapaz de prejudicar alguém porque não quero que o façam a mim. Vou continuar a seguir estes valores e orgulho de não me ter desviado do meu caminho”. Antes de ir para França, Anabela ia aos reformados fazer penteados e maquilhagem, numa forma solidária. Agora, em França, ajuda de acordo com o que o seu coração manda, mas não gosta de dizer as ações que pratica. Adora ser portuguesa: “Portugal é a minha raiz, a minha essência”. Como mensagem aos portugueses, apela a uma maior valorização das pessoas, da vida, da união e do amor. “O resto vem por acréscimo. Realizados, paz e amor, é tudo. Sejam felizes”.



**Local de nascimento:**

Barcelos

**Onde vive:**

França

**Actividade:**

Empresário



## Ângelo da Silva

Ângelo Gonçalves da Silva, é natural do concelho de Barcelos, no norte de Portugal. Aqui nasceu em 1950, e aqui passou a sua infância. Desses tempos, recorda os felizes momentos passados em família, em especial com os pais e os irmãos, e as brincadeiras na escola. “São tempos que nunca se esquece. É aqui que temos as nossas raízes”.

Começou a trabalhar na Póvoa de Varzim, na pastelaria Doce Póvoa. Nessa altura, andava a aprender a servir os clientes, fazia limpezas, e aprendia pastelaria. Depois, foi para um restaurante também na Póvoa de Varzim. Mais tarde, e mais perto de casa, em Vila Seca, trabalhou numas mercearias. Regressou novamente à Póvoa para trabalhar em restaurantes, a servir. Ainda passou pela Cozinha Nova, uma boate que existia em Vila do Conde. Aos 17 anos e meio foi para França. “Fui para ter uma vida melhor, para não fazer a tropa e por amor também”. Arranjou trabalho imediatamente, e foi acolhido na casa de um primo. Depois ingressou numa fábrica que fazia peças para carros e aviões e aí começou a fazer mecânica. “O meu primo trabalhava na Ford e também fui mecânico na Ford. Depois passei por outras empresas de cabos para a vinha, que até exportavam para Portugal. Depois encontrei um amigo que me falou de uma empresa que procurava mecânicos jovens disponíveis para trabalhar fora. Quando vi aquele trabalho adorei, porque nunca se fazia a mesma coisa. Hoje trabalha-se para aeroportos, depois em pedreiras, sucata, nunca era monótono”. Em 1974 aceitou o convite de um antigo patrão e fez sociedade com ele, mas acabou por criar a sua empresa em 1980. “Quando ele se reformou, em 1991, comprei a Alfyma. Vendi a minha casa e comprei a empresa e aí começamos a crescer. Ele tinha a empresa, mas não tinha ambições futuras. Eu comecei a comprar outras empresas, a fabricar máquinas, implementei um escritório de estudos e assim aconteceu um crescimento exponencial. Compramos 14 ou 15 empresas pequenas. Hoje temos 23 locais em França, faturamos 45 milhões, somos 230 pessoas, estamos a instalar no Luxemburgo, temos uma empresa em Portugal, na Tunísia tenho participação de 49% numa empresa, também abri na Polónia, mas nunca deu resultado”. Já em pequeno, Ângelo da Silva era inovador. “Sempre soube que a minha vida seria para ganhar dinheiro. Os meus pais eram lavradores, foram tempos muito duros, e eu sempre quis uma vida diferente. Tudo o eu pensei, ainda hoje, o faço”. Hoje em dia, os sonhos que tem é que a família continue com o mesmo crescimento e que todos se continuem a entender bem.

Adora o seu trabalho, considera-o mesmo uma paixão. Revela que também teve a sorte de ter uma mulher ao seu lado com as mesmas ideias, e que o apoia em tudo. Para si, a família é tudo e é um grande prazer ser português. Considera-se bom comercial de Portugal em França. Muitos amigos já vieram conhecer as suas raízes.





**Data e local de nascimento:**

Seixosa, Lourinhã

**Onde vive:**

Estados Unidos da América

**Actividade:**

Empresário



## António Baptista

António Baptista emigrou com os pais para França quando ainda era pequeno. Tinha apenas 11 anos quando fez a mala, saiu da aldeia que o viu nascer e atravessou a fronteira com os pais e os irmãos. Em Paris formou-se e passou uma boa parte da sua juventude, mas com 27 anos decidiu voar mais longe e correu atrás do sonho americano. Viajou até aos Estados Unidos, instalou-se no país e criou uma família para lá do Oceano Atlântico. “Dei mais um salto e vim para os Estados Unidos”, diz-nos. “O meu sogro encontrava-se na América e naquela altura tínhamos todos o sonho americano, aquela ilusão, por isso, decidi vir também”. Depois de passar algum tempo nos EUA, António Baptista ou Tony como é conhecido entre os amigos, começou a ponderar regressar à Europa, mas o sogro decidiu apoiá-lo na criação de um negócio e acabou por ficar. Hoje já tem filhos, netos e, apesar de continuar a adorar Portugal, reconhece que estes laços estabelecidos no continente americano tornam impossível qualquer regresso. “Portugal é sempre o meu país de sonho. É onde eu passo as minhas férias, onde fico bem porque sinto que é o meu país e sempre que tenho uma oportunidade vou para lá de férias”, diz-nos, “mas tive aqui os meus filhos, eles cresceram cá, hoje já tenho netos e reconheço que é impossível voltar”.

António Baptista já esteve ligado à construção civil, à restauração, fundou e dirigiu uma Escola de Karaté durante muitos anos e, graças a esse projecto, ajudou muitas crianças e jovens com problemas familiares que precisavam apenas de apoio. “Eu tenho ajudado muitas pessoas, alguns conhecidos outros não conhecidos, mas de facto ao trabalhar nas artes marciais ajudei crianças com problemas de álcool, problemas de drogas e, felizmente, consegui obter sempre bons resultados nesse trabalho. Eu notava que 75% dos problemas vinham de casa, não das crianças e acabei por ajudar a resolver muitas situações delicadas”, conta-nos. A Escola de Karaté fechou em 2015 e, atualmente, António Baptista está a trabalhar no ramo automóvel com uma oficina. Confessa que gostaria de investir na sua terra natal e pensa que “em Portugal existem as mesmas possibilidades de vencer” e triunfar. O empresário considera que os emigrantes saem do país com uma missão e lutam por vezes mais quando estão fora, quando estão longe da sua zona de conforto. “Eu acho que nós quando saímos do nosso país, saímos da nossa casa e queremos mudar de situação. No estrangeiro penso que depois trabalhamos com mais força, talvez porque queremos concretizar logo esse sonho do emigrante, mas em Portugal também seria possível e também poderíamos vencer. Aqui a nossa missão é melhorar a nossa vida. Uns conseguem, outros não, mas claro que só saímos do nosso país porque queremos condições melhores, um conforto maior e mais benefícios”, afirma. Apesar de ter vivido grande parte da sua vida fora de Portugal, continua a suspirar pelo país que o viu nascer e escolhe-o sempre como destino de férias. Descreve os portugueses como “trabalhadores, pessoas honestas e lutadoras” e pede para terem mais orgulho, para acreditarem mais nas suas conquistas. António Baptista também foi um lutador, conquistou muito para lá do Oceano Atlântico e, por isso, está nomeado para os Portugueses de Valor.



**Local de nascimento:**

Santa Marta de Portuzelo, Viana do Castelo

**Onde vive:**

Portugal

**Actividade:**

Empresário na área da restauração



## António Camelo

Hoje não há quem não conheça António Camelo de Viana do Castelo. Até porque dá nome ao seu famoso restaurante, visitado e apreciado por muitos que gostam da boa tradicional comida portuguesa. Nasceu em 1943 em Santa Marta de Portuzelo, concelho de Viana do Castelo, numa altura de crise, tendo por isso aspetos positivos e negativos da sua infância. Hoje, talvez consiga dar valor às dificuldades que passou na juventude, “porque as coisas tinham outro encanto”. António Camelo começou a trabalhar na Quinta da Preguiça, uma propriedade dos pais, que ainda hoje existe, apesar de dividida em seis porções pelos seis irmãos. Cumpriu o serviço militar, tendo sido mobilizado para Moçambique, onde esteve três anos. Regressado das ex-colónias, António Camelo ainda continuou na agricultura, mas rapidamente percebeu que o país não tinha evoluído enquanto esteve fora. “Percebi que não era ali que me ia safar”. Tentou, então, a via da emigração. O regime salazarista era fascista, porque mesmo depois do serviço militar tive de sair a salto, não consegui passaporte”. Ainda assim, saiu do país, emigrando para França. Já em território gaulês, teve dois meses de maior dificuldade, de adaptação ao país. “Depois trabalhei um ano na construção, mas não era uma atividade que me agradasse. Procurei um emprego e trabalhei durante 15 anos numa farmácia. No final desse tempo, resolvi vir embora e abri aqui, em Viana do Castelo, um restaurante. Comecei com um café pequeno e meia dúzia de mesas, mas teve um êxito total que tive de optar por terminar o café e alargar a restaurante. Hoje até temos salas a mais”, confessa.

O único sonho que tinha na vida era conseguir ser alguém. Pela luta que realizou, diariamente, sente-se realizado. “Nunca tive a ambição de ser ministro nem médico, mas na minha vida profissional cheguei ao topo que queria. Hoje, queria apenas durar até aos 100 anos. Quero ver os restaurantes a trabalhar bem e quero desfrutar do trabalho que tive em novo, dar uns passeios”. Ao longo da sua vida, orgulha-se de ter sido teimoso e de conseguir concretizar tudo o que metia na cabeça. Orgulha-se de igual forma de sempre ter respeitado toda a gente e de tudo fazer para manter a família unida. “Foi com a família que cheguei até aqui”.

Ao nível associativo e solidário, não tem parado. Faz parte da Associação Comercial de Viana do Castelo, da Associação Industrial do Porto, da Academia do Bacalhau do Minho, de três confrarias diferentes e ajuda sempre que pode com jantares a preço de custo para coletividades diferentes.

António Camelo dá um grande valor a ser português. “O português é uma raça que trabalha, luta, não cai ao primeiro empurrão e consegue, se quiser. O português tem essa fibra isso, vai longe, luta até ao fim pelos sonhos que tem. O português, a trabalhar, é um homem de sete ofícios”. Por isso, deixa uma especial mensagem a todos os portugueses que se encontram a lutar fora do país. “Não desanimem, lutem, pensem bem nas decisões que tomam, não se precipitem. Este país abre-nos a porta para termos sucesso”.



**Local de nascimento:**

Azurém, Guimarães

**Onde vive:**

França

**Actividade:**

Gestor Comercial



## António Faria de Castro

António Faria de Castro é natural de Guimarães, e daqui herdou um espírito conquistador. Nasceu em 1967 e até aos 14 anos viveu em França com os pais. Ainda veio a tempo de viver uma boa parte da sua juventude em Portugal, de onde recorda as saídas, as borgas, os passeios e convívios com os amigos. Em terras lusas começou por estudar à noite, porque surgiu uma oportunidade de trabalhar no escritório da Padaria Celeste, começando por ser escriturário aos 14 anos. Seguiu-se A Central de Cervejas – Sagres - onde começou uma vida ligada a empresas de compra e venda de alimentos ou bebidas em Portugal, por isso, quando emigrou para França, levou este currículo na bagagem. Durante vários anos trabalhou para a Central de Cervejas na área das vendas e, quando deixou o país, procurou seguir o mesmo percurso profissional. Em França teve vários trabalhos, passou por uma empresa do mesmo ramo, os armazéns Cândido, mas mais tarde acabou por mudar. Há alguns anos abraçou um novo projecto e integrou a equipa da Alimentar, onde foi Gestor Comercial da empresa. A companhia é hoje um dos mais importantes importadores do que melhor se produz em Portugal no ramo alimentar e das bebidas. Apresenta no seu portefólio grandes marcas portuguesas e contribui para o crescimento da balança comercial através das exportações. António Faria de Castro leva todos os dias até à capital francesa os melhores produtos das suas origens, apoiando assim Portugal, que precisa de escoar os seus artigos e ajudando os consumidores no estrangeiro que querem receber o que o país produz.

Mas António achou que era hora de voar pelos seus próprios meios e criou uma empresa da mesma área para a qual ambiciona sucesso.

O objetivo de vida de António sempre foi ter felicidade, sua e daqueles que o rodeiam. “Eu estou feliz se os meus amigos e familiares também o estiverem”. Um dos seus maiores motivos de orgulho é mostrar, em França, que Portugal tem produtos muitos bons e de extrema qualidade. A sua vida foi pautada essencialmente em três pilares: honestidade, sinceridade e trabalho, aspetos fundamentais para si.

Para si, é um orgulho ser português e deseja a todos muita saúde, paz e sucesso a nível pessoal e profissional.



**Local de nascimento:**

Santa Comba, Vila Nova de Foz Côa

**Onde vive:**

Lisboa, Portugal

**Actividade:**

Empresário na área da restauração



## António Joaquim Lopes

António Joaquim Lopes nasceu e viveu a sua infância na aldeia de Santa Comba, em Vila Nova de Foz Côa. É de origem de uma família pobre e, por essa razão, foi obrigado a sair da escola com apenas nove anos de idade para ir guardar as ovelhas no campo. “Ganhava 30 escudos por mês”, conta. As possibilidades na aldeia eram poucas e os mais velhos tinham de trabalhar para ajudar a criar os mais novos, sendo o caso de António Joaquim Lopes.

Só saiu da aldeia para cumprir o serviço militar em Angola, estando na guerra durante 27 meses. Ao regressar à terra, decide emigrar para França em busca de uma vida melhor. Aprendeu e trabalhava numa profissão que lhe permitiu arranjar umas economias. “Decidi, por isso, investir num restaurante na Cruz Quebrada, em Lisboa”. Juntamente com a esposa, também de Santa Comba, tiveram de abandonar França e tinham no restaurante uma hipótese de uma nova vida. Sem perceber nada de restauração, António Joaquim Lopes viu-se a abraçar uma nova vida com o seu restaurante na Cruz Quebrada. “Tive a felicidade do restaurante ser perto da Universidade de Educação Física, a única que existia no país e o único centro de estágio que havia na altura. Não percebia nada de restauração, mas adaptei-me, fui vendo como é que os profissionais faziam e venci. Tive noites sem ir à cama, mas consegui vencer”. Começou na restauração em 1974, estando nesse restaurante durante 20 anos consecutivos. Posteriormente, adquiriu um novo restaurante em Algés, onde aqui concentra toda a sua família a trabalhar há 25 anos.

Sempre foi um homem realista, apesar de sonhar sempre com algo melhor. Admite que em pequeno desejava ter um bicicleta, não imaginando que hoje teria mais do que um carro. “Sendo eu de uma aldeia com uma cultura pobre, nunca pensei chegar onde cheguei. Hoje, mesmo com 75 anos continuo a trabalhar e consegui coisas na minha vida que nunca pensei ter. Sempre sonhamos, mas um sonho mais recente e que já consegui alcançar foi criar a minha marca de vinhos - Ladeira de Santa Comba - que gasto no restaurante anualmente uma média de 20 mil litros”. É um homem de trabalho, o principal valor que tem na vida, continuando a trabalhar das 7h da manhã à meia noite, todos os dias.

Faz ainda parte do Lar de Santa Comba, tendo sido convidado para trabalhar e ajudar a desenvolver a instituição, “porque os velhinhos precisam muito. Está num sítio rural onde as pessoas têm baixas reformas e é preciso ajudar”. Apesar de ter começado a trabalhar em França, é a Portugal que pertence e onde gosta de estar. “Para mim ser português é desenvolvermos o nosso país, a nossa terra. A França ajudou-me a começar uma vida, mas é aqui que eu quero viver, é o nosso sol, é aqui que eu gosto de trabalhar. Sou 100% patriota”. A todos os portugueses que se encontram espalhados pelo mundo, António Joaquim Lopes lembra que é em Portugal que devem investir, trabalhar e fazer pela vida.



**Local de nascimento:**

Santa Eulália, Seia

**Onde vive:**

Portugal

**Actividade:**

Empresário na área dos lacticínios



## António Morais

Foi a cerca de 40 quilómetros da Serra da Estrela, na aldeia de Santa Eulália, pertencente ao concelho de Seia, que nasceu António Morais. Corria o ano de 1949 quando nasceu um homem destinado à actividade comercial de lacticínios. “Nasci pobre e humilde, e recordo-me de transportar leite com um burro numa carroça, para fazer queijos. Ia buscar o leite numa carroça, a minha mãe fazia o queijo e o meu pai vendia nas feiras”. António Morais fez ainda a vida militar e só quando regressou é que entrou a 100% na actividade de produção e comercialização de queijos, juntamente com o pai e o irmão. Apesar de ter estado sempre envolvido nesta actividade, foi nesta altura que surgiu a construção da Queijaria Anastácios. “Fomos crescendo aos poucos, a procura do nosso queijo sempre foi muita, pois era feito com assiduidade e muito cuidado para ser um bom queijo. Nós fomos pioneiros na produção de queijo nesta região, já apareceram outros produtores, mas nada que se compare à qualidade do nosso queijo”. António Morais revela-se um homem sonhador, que conseguiu cumprir o sonho de construir uma fábrica. Infelizmente teve um AVC há alguns anos, facto que o tem deixado impossibilitado de lutar por novas conquistas. Não deixa de ser uma pessoa solidária, ajudando sempre que possível organizações locais, entre as quais os Bombeiros. “Para mim ser português é um orgulho e sempre me considerei patriota. É importante trabalhar em prol do desenvolvimento, quer da minha vida, quer do desenvolvimento dos negócios”.







**Local de nascimento:**

Alijó, Portugal

**Onde vive:**

Portugal

**Actividade:**

Empresário na área da restauração e chef de cozinha



## António Sequeira

António Manuel da Cruz Sequeira é hoje conhecido simplesmente por Chef Sequeira. Nasceu no lugar de Francelos, freguesia de Vilar de Maçada, no concelho de Alijó, em Trás-os-Montes, a 2 de Agosto de 1972. Desses tempos, na aldeia, recorda a 'lavoura', atividade à qual se dedicava o pai. Era uma vida dura e difícil, mas sente nostalgia de andar de volta dos potes, onde se cozinhava na altura. Com 11 anos partiu da terra, e foi para Vila Nova de Gaia. Sozinho, começou logo por trabalhar em restaurantes, área que nunca mais deixou. Acabou por se formar na Escola de Hotelaria do Porto, como cozinheiro, e depois como chef de cozinha. A sua base e aquilo que gosta de confeccionar é a cozinha tradicional portuguesa, embora tenha outra paixão na sua vida: as carnes. Passou por vários restaurantes até chegar à Churrasqueira Portuguesa da Maia, há 23 anos. Hoje, o espaço é conhecido por Steak House Portuguesa da Maia, fruto do desenvolvimento e nas mudanças de conceito que António Sequeira foi implementando ao longo dos anos. É certificado Wagyu em Portugal e das carnes Kobe do Japão. Também ele próprio é produtor de carnes. A sua experiência nas carnes e na maturação de carnes levou a que a Steak House Portuguesa da Maia fosse reconhecida em todo o mundo pela sua qualidade. Ser cozinheiro é um sonho que vem desde criança. "Já a minha mãe dizia que eu iria ser cozinheiro, pois andava sempre à volta dela e dos tachos". Hoje, o que o move é paixão pelas carnes e continuar a expandir a Steak House, levando-a ao mundo todo. Faz diretos nas redes sociais, diariamente, com milhares de visualizações, contribuindo assim para a promoção da cozinha tradicional portuguesa, das carnes e, também, da Steak House Portuguesa da Maia. É um verdadeiro fenómeno das redes sociais.

Para si, o importante é a educação que vem desde a infância, a sinceridade e a palavra. "Só assim conseguimos evoluir na vida". António Sequeira também não esquece a vertente solidária. Ajuda e contribui quando sente que o deve fazer, de forma anónima e particular. "É importante todos contribuímos. Faz parte de nós, ajudarmos o próximo sem nada em troca".

Para si, ser português significa ser sério, correto, trabalhador e, no seu caso, levar mais longe a gastronomia e não deixar morrer o que é tradicional. "Tento ser o Embaixador das carnes maturadas em Portugal. Temos raças incríveis, somos reconhecidos em todo o mundo e em Portugal não é muito divulgado. Quero ser eu o divulgador e impulsionador, sem interesse nenhum, mas simplesmente por ser português. Temos da melhor gastronomia e das melhores carnes a nível mundial. Já corri o mundo todo e lá fora damos muito valor ao que é nosso, aqui temos de dar também. Gosto de tudo o que é português. Os diretos que faço são sempre com base na cozinha tradicional portuguesa".





**Local de nascimento:**  
Cepelos, Vale de Cambra

**Onde vive:**  
França

**Actividade:**  
Empresário



## Arlindo dos Santos

Arlindo dos Santos nasceu na aldeia de Cepelos. Cresceu no Norte de Portugal, no concelho de Vale de Cambra, mas tal como muitos portugueses, veio para França ainda jovem. “Precisava de arranjar trabalho” e, por isso, começou na área da construção, nos revestimentos de fachadas. Em Abril de 1987, decidiu fundar uma empresa e aventurou-se por conta própria. A “Enterprise dos Santos Arlindo” começou apenas com três empregados determinados e com vontade de avançar. Com o tempo, o negócio evoluiu e actualmente o empresário é presidente do grupo DSA.

Com mais de 700 funcionários e uma estrutura que poucos atingem, este grupo reúne um portefólio composto por várias empresas que cobrem todo o território francês. Dedicar-se essencialmente à criação de fachadas em construções, ao isolamento térmico exterior e à renovação interior e exterior. Abrange tanto os materiais convencionais, como o gesso, a pintura, o tijolo ou argila, como técnicas mais modernas. O empresário recorda que “foi evoluindo pouco e pouco”. Em 2004, a empresa abandonou a sede localizada na cidade de Cachan, no departamento Val-de-Marne e mudou-se para Chilly-Mazarin. Actualmente, o grupo DSA tem novas instalações situadas em Massy, nos arredores de Paris.

O empresário está convicto que só a coragem e a vontade das pessoas é que podem mudar a vida. Arlindo é determinado e teve talvez a coragem necessária para avançar. “É preciso trabalhar, ser sério e sofrer certos riscos porque nem tudo é dado”, afirma. O empresário já teve alguns percalços, já conheceu o reverso da moeda, mas hoje colhe frutos. “Foi difícil fundar a empresa, passar por aquelas dificuldades, mas hoje estou contente”, confessa. Quando está a falar do seu trabalho, nunca esquece os funcionários. Muitos deles já somam mais de 20 anos de casa e são “quase família”. “Eu gosto de os ter do meu lado porque foi com eles que eu consegui chegar até aqui”.

Hoje, descreve-se como pessoa discreta e séria. Desvia-se das câmaras, não procura protagonismo, embora o mereça. Lembra que “a vida pode ser curta” e, por isso, não pede nem espera muito mais do futuro. “Amanhã espero consolidar o que eu fiz até hoje”. Durante 30 anos, construiu um grupo sólido no estrangeiro, mas ainda tem saudades da terra onde nasceu. Arlindo dos Santos afirma que a França tem o seu respeito, mas Portugal pode contar sempre com o seu patriotismo. “O meu hino será sempre o português”.



**Local de nascimento:**

Melgaço

**Onde vive:**

França

**Actividade:**

Empresário



46

## Armandino Pereira

Foi em Melgaço que nasceu Armandino Lourenço Pereira, a 28 de Janeiro de 1964. Dividiu a sua infância entre Portugal e França, país para onde partiu com dez anos de idade. De Portugal recorda até hoje o 25 de Abril, acontecimento que o marcou particularmente. Foi precisamente nesse ano que partiu para solo gaulês. Começou a trabalhar cedo, para o irmão que tinha uma empresa no Sul de França. A sua vida profissional ficaria associada à construção de casas individuais, tendo começado nesta área numa empresa onde conseguiu chegar a condutor de trabalhos. Posteriormente, já noutra empresa, chegou a chefe, até 2001, anos em que decidiu abrir a sua própria empresa - a Maison Prisme, também ela dedicada à construção de casas individuais.

Ao longo da sua vida, dá valor à justiça, às seriedade, humildade e palavra. “É importante pagarmos a tempo e horas, e por isso tenho parceiros que trabalham comigo há mais de 20 anos”. Também a vertente mais solidária não fica de lado na vida de Armandino Pereira. “Ajudei durante muito tempo uma instituição que cuidava de crianças maltratadas pelos pais. Hoje, essa associação já não existe, mas continuo a colaborar com pedidos locais, nomeadamente no que diz respeito à polícia e bombeiros”, conta.

Para si, ser português é um orgulho. “Sempre me reivindiquei português e sempre serei português, com todo o orgulho. Os meus filhos vão pelo mesmo caminho”. Filhos, aliás, que já fazem parte da estrutura da empresa. A ligação a Portugal mantém-se forte até hoje, visitando o seu país todos os meses e efectuando, também em Portugal, vários negócios.

Ainda assim, Armandino Pereira tem um desejo: “gostava que todos os portugueses fossem mais unidos, que se ajudassem mais uns aos outros. Devemos ter orgulho de sermos portugueses, mas temos de nos preocupar mais uns com os outros”.

de

Valor



CASTRO BAR  
*Contradição*  
FAMÍLIA CASTRO



**Local de nascimento:**

Leiria

**Onde vive:**

França

**Actividade:**

Empresário



48

## Armindo Casalinho

Armindo Casalinho da Silva nasceu em 1962, em Leiria. Uma das maiores recordações que tem da sua juventude é o momento em que decide partir de Portugal, em direcção a França. Tinha na altura 18 anos, e decide abraçar um novo projecto de vida, a emigração. O objectivo era procurar ter melhores condições de vida, mas em França viu-se impossibilitado de obter os papéis para ficar legalizado. Armindo Casalinho não baixou os braços e manteve-se durante dois anos a trabalhar em terras gaulesas, mesmo sem os documentos. Conhecendo entretanto aquela que seria a mulher da sua vida, Armindo toma a decisão de casar e regressa a Portugal no mês de Janeiro para casar em Agosto. Nesse período, apenas com a ajuda de um jovem, conseguiu construir a sua casa em Portugal, com 140 metros quadrados. Já casado, regressa a França com a sua esposa e consegue a legalização.

Em França, começou por trabalhar numa oficina de motorizadas, mas rapidamente passou para o sector da construção, onde se mantém até hoje. Aprendeu rapidamente a sua profissão, foi crescendo profissionalmente até surgir a oportunidade, em 1986, de criar uma sociedade para uma empresa de construção. Dois anos depois, Armindo Casalinho decidiu deixar a sociedade e criar a sua própria empresa, que se mantém no activo até hoje.

Considera que com o esforço que tem feito, tem conseguido concretizar tudo aquilo que tinha pensado para a sua vida. “Quando cheguei não tinha nada, e só esperava casar, ter uma casa e uma vida melhor. Tudo isso consegui. Agora desejo continuar a ajudar os meus filhos e continuar com a vida mais estável. Gostava de deixar, daqui a algum tempo, a empresa para o meu filho mais novo, que já trabalha hoje comigo”.

Armindo Casalinho considera que foi com honestidade e seriedade que conseguiu alcançar as diferentes metas da sua vida. “Hoje não preciso de fazer publicidade, os meus clientes fazem-na por mim. Isso é sinal da seriedade do meu trabalho”.

A nível solidário, Armindo destaca a ajuda voluntária que prestou na ajuda à construção do Monumento em Champigny-sur-Marne, em homenagem aos emigrantes portugueses. Para si ser português, significa ser fiel ao seu país e deseja muita sorte e tudo de bom aos portugueses.



**Local de nascimento:**

Vieira do Minho

**Onde vive:**

França

**Actividade:**

Empresário



## Artur Brás

Artur Mateus Brás é o seu nome completo, mas hoje é conhecido em França apenas por Arthur Brás. Oriundo de Vieira do Minho, onde nasceu em Outubro de 1948, Artur teve uma infância semelhante às crianças daquela altura. Sente que foi um privilegiado por, aos 11 anos, ter a oportunidade de ir estudar para Braga, aquilo que designa pelo começo da sua vida. Em Braga esteve até 16 anos, onde completou o 5º ano na Escola Industrial Carlos Amarante. Assume que foi o momento mais difícil da sua vida, vinha apenas cerca de quatro vezes por ano a casa. Na altura, estava numa família de acolhimento. Era filho de lavradores e, por isso, também aqui tinha de ajudar no cultivo das terras, apesar de gostar muito de brincar e de ser acarinhado pelas pessoas de idade que o rodeavam. Aos 17 anos, decidiu emigrar para França, por causa da guerra das colónias portuguesas. Já em território francês, apesar de não conhecer ninguém, a sua ambição permitiu que rapidamente crescesse profissionalmente. “Comecei na construção, como muitos, era o nosso ponto de partida. Em pouco tempo, cerca de meio ano, consegui chegar a encarregado. Falava um pouco de francês, o que terá facilitado a minha integração. Pouco a pouco, fui subindo de escalão. Cheguei a encarregado geral com 20 anos, condutor de trabalhos com 23 e a director de agência com 26 anos. Sempre com ambição”, recorda.

Aos 27 anos regressou a Portugal, com a ideia de aqui se fixar de vez. Realizou vários investimentos em Vieira do Minho e começou a trabalhar por conta própria. Ao fim de um ano, um acidente numa obra fê-lo regressar a França, onde criou a sua empresa em 1977, especializada em vivendas de luxo. “Uma casa Arthur Brás, em França, é conhecida por ser uma casa de prestígio, optei sempre pela qualidade”. A empresa Arthur Brás Construções permaneceu no activo até ao dia em que Arthur Brás completou 40 anos e decidiu, novamente, regressar a Portugal. “Aí talvez já fosse tarde e tive dificuldades em me adaptar a Portugal. Voltei a França, e criei o grupo que tenho hoje. Recuperei a empresa que tinha na altura, que estava em dificuldades, e criei o Grupo Arthur Brás, onde desenvolvi a construção e promoção imobiliária, e agora também um hotel, o Hyatt Regency Chantilly”.

Arthur sempre foi ambicioso, querendo sempre estar na frente. “Ainda hoje, com a minha idade continuo a desenvolver grande projectos. Não está no meu objectivo parar”. Assume que os valores presentes na sua vida assentam na educação que recebeu dos seus pais - seriedade e palavra. “O nome Arthur Brás é nome de muito respeito e que não se toca, porque a única herança que tenho na minha vida foi a herança do meu pai da palavra e da seriedade”. Participa na comunidade portuguesa da região, já presidente de uma equipa de futebol e participa financeiramente sobre várias acções de solidariedade. Considera-se português para sempre. “Tive sempre a nacionalidade portuguesa, nunca precisei da francesa. E tenho sempre prazer, onde vou, de dizer que sou português”. Aos portugueses deixa uma mensagem de querer e de vontade. “Muita união e respeito pelos outros, é que isso que é importante na vida”.



**Local de nascimento:**

Cabanas, Macedo de Cavaleiros

**Onde vive:**

França

**Actividade:**

Advogada



## Carla Fernandes

Carla Fernandes nasceu em 1981, na pequena aldeia de Cabanas, pertencente ao concelho de Macedo de Cavaleiros, em Bragança. É do sentimento de liberdade que mais sente saudade quando recorda a sua infância. Esteve até aos nove anos em Portugal, período em que ia a pé para a escola com um grupo de amigos, brincavam e iam para os lameiros com as vacas. Eram donos de si mesmos, não davam pelas horas passar e tinham de ser os pais, por vezes, a chamar de volta a casa. Outro período da sua infância foi já passado em território francês, tendo vivido uma transformação drástica. De um total sentimento de liberdade, Carla Fernandes passou a viver num apartamento e teve dificuldades iniciais de integrar a cultura e a língua francesa. Apesar das dificuldades, nunca baixou os braços e desde cedo que sabia aquilo que queria para a sua vida: ser advogada. O esforço dos seus pais foi notório para lhe pagarem os estudos, mas Carla Fernandes nunca desiludiu. Formou-se em Direito, com uma especialização em Direito franco-português. "Orientei os meus estudos de tal maneira a poder fazer isso. Estudei em Dijon durante dois anos, fui para Nancy fazer um mestrado para me especializar nos direitos europeus e fiz um ano na Universidade Católica de Lisboa, onde tirei uma pós-graduação em Direito Comercial. Quando comecei a exercer como advogada cá, e desde o início, me especializei nas relações franco-portuguesas, ou seja, represento portugueses emigrantes cá em França que estão com contenciosos ou necessitam de conselhos, ou também em Portugal. Ajudo tudo o que é empresas portuguesas que querem desenvolver no mercado francês e agora tudo o que tem a ver com o estatuto de residente não habitual, que é uma clientela mais francesa que está interessado em instalar-se em Portugal".

Ser advogada e conseguir desenvolver a sua carreira profissional eram os sonhos que Carla Fernandes estabeleceu para a sua vida e que já os conseguiu alcançar, mas acrescenta outro: "ter uma família e ser feliz, é o mais importante. Ter uma família que nos pode apoiar nos nossos projectos pessoais e profissionais". A família representa exactamente um valor essencial para a sua vida, onde se juntam ainda a honestidade e a humildade.

Apesar de ter emigrado com apenas nove anos para França, Carla Fernandes não esquece Portugal, assumindo que para si, ser portuguesa, é promover Portugal e fazer publicidade ao seu país. Considera-se patriota e deu mesmo um exemplo disso. "Quando fui para Lisboa fazer os meus estudos, apresentei-me a um concurso, um diploma em Direito com muito valor, e fui recebida pelo director que me disse que não aceitava a minha candidatura porque Portugal não representava nada. Se queria desenvolver a minha carreira tinha de ter feito outra escolha, como a Escola de Comércio, ir para Inglaterra ou Alemanha. Quando fiz a escolha de ir para Portugal sabia que havia um risco de não integrar aquele diploma, que representava muito naquela altura para mim. Apesar disso fui, consegui o diploma, fiquei em 1º lugar no curso e agora aquela pessoa já me contactou várias vezes para que vá dar aulas sobre o direito português, porque é a grande moda. É uma maneira indirecta de ser patriota, na altura defendi Portugal e agora tive a oportunidade de mostrar que não me enganei no meu percurso".

Defendendo sempre a imagem de Portugal, Carla Fernandes deixa ainda uma mensagem pessoal: "Temos de continuar a promover Portugal, a cultura de Portugal, a nossa língua. A nível pessoal, há muita publicidade para Lisboa, Porto e Algarve, mas eu gostaria de promover Trás-os-Montes e o seu turismo rural, que deve ser conhecido, em particular o de Bragança".



**Local de nascimento:**

Coimbra

**Onde vive:**

França

**Actividade:**

Empresária na área da restauração



## Carla Martins

Nascida em 1974, parte rumo a uma nova aventura tinha apenas 17 anos. É nesta altura que decide deixar Coimbra para trás onde ganhou a paixão pelo comércio trabalhando numa sapataria, e foi aí que começou a sentir que a sua paixão estava no contacto com o público.

Consigo leva um curso geral de Administração e Comércio, facto que lhe permitiu abrir portas ao comércio, actividade que mantém até hoje. É verdadeiramente apaixonada pelo que faz e tendo sido sempre muito ambiciosa, o seu grande sonho passava por alcançar a sua independência, tendo sido este o factor de decisão para rumar a terras francesas.

Em 1994 aproveita, e bem, a oportunidade que lhe é dada de poder gerir um restaurante. Acérrima defensora da nossa língua, gastronomia, paladares e sabores, foi prosperando no ramo.

Salienta a importância da ligação que existe entre a comunidade portuguesa e as suas raízes, onde a gastronomia representa papel preponderante, no conforto e alegria dadas a quem procura matar saudades das receitas que nos são tão queridas, com as quais crescemos e fomos educados. Tenta sempre dar o máximo aos seus clientes para que possam, também eles, sonhar com o que deixaram para trás quando, também eles, tiveram de abandonar o país para lutar por uma vida melhor.

Carla Martins para além de grande embaixadora da nossa cultura revela o seu altruísmo no apoio dado a instituições, que vão desde o apoio a crianças desfavorecidas, até ao apoio a instituições de protecção aos animais.

A mensagem deixada por Carla Martins é a de que não devemos desistir dos nossos sonhos e devemos ter a coragem de avançar, pois quando queremos, conseguimos.



**Local de nascimento:**

Paris

**Onde vive:**

França

**Actividade:**

Empresário



52

## Carlos Baptista

Não nasceu em Portugal, mas sente a terra de Camões como ninguém. Para além disso, leva bem longe o nome e os sabores de Portugal. Carlos Baptista nasceu em Paris em 1976, e nesta cidade cresceu, estudou e continua a viver até aos dias de hoje, apesar de ter também casa em Portugal. A infância não vai muito longe e, por isso, as recordações são várias. Desde os pais, a família, amigos, primos e colegas, todos os momentos estão ainda bem presentes na memória e no coração do lusodescendente. Os seus pais emigraram para França em 1968, juntamente com outros seus tios. Hoje já regressaram a Portugal, mas Carlos Baptista decidiu permanecer em território francês e aqui desenhar um percurso de sucesso.

Começou por trabalhar com o pai na construção civil, mas várias aventuras traçaram um rumo diferente. Conheceu Albert Baussan, empresário francês, que precisava de uma pessoa de confiança. Viu em Carlos Baptista a pessoa certa. “A minha esposa também trabalha com a esposa do Albert Baussan, foram nossos padrinhos de casamento e, como não têm filhos, acabaram por nos adoptar como tal”. Albert Baussan ensinou tudo o que havia para ensinar a Carlos Baptista, no que diz respeito à grande distribuição e ao negócio de azeite. “Ele tinha a Oliviers & Co, uma grande marca com 90 lojas espalhadas pelo mundo inteiro, que vendiam azeite de alta qualidade. Esse negócio foi vendido, e eu criei a marca Queijaria Nacional”. O objectivo de Carlos Baptista ao criar esta marca era mostrar em França e em todo o mundo a excelente gastronomia portuguesa. A marca está já bem implementada, e emprega cerca de 20 colaboradores. Em todo o grupo de empresas que partilha com Albert Baussan, são 36 os funcionários, sendo 50% portugueses. Assume com convicção que as suas raízes são portuguesas e que, por isso, todos os anos, tal como todos os emigrantes, no mês de Agosto vai para Portugal passar férias, estar com a família e amigos e desfrutar da comida portuguesa. Mas não só de negócios se faz a sua vida. A solidariedade está presente através de uma associação fundada por Albert Baussan em parceria. Na Birmânia, têm seis orfanatos e 435 crianças apoiadas mensalmente. Os apoios revertem maioritariamente para alimentação, educação e saúde.





**Local de nascimento:**

Loulé, Portugal

**Onde vive:**

França

**Actividade:**

Empresário



## Carlos Fernandes

Tinha apenas três anos quando deixou a pequena cidade de Loulé situada no Algarve, por isso, não trouxe recordações de Portugal na bagagem e guarda apenas algumas histórias contadas pelos pais sobre esses tempos. Mais de 30 anos depois, Carlos Fernandes fala português correctamente, mas não consegue esconder o sotaque carregado de quem passou mais tempo fora do que dentro de Portugal. “O meu pai veio primeiro para Paris e só depois é que a minha mãe veio comigo. Foi uma senhora portuguesa que me deixou passar a fronteira entre Portugal e Espanha em cima de um burro”, conta sorrindo, “eu não me lembro claro, mas a minha mãe explicou-me”. Naquela altura as viagens ainda eram feitas a salto e apesar de Carlos Fernandes não se recordar do caminho percorrido até França, conhece as dificuldades descritas pela família e sabe que foi penoso.

Em França cresceu na região de Rouen e mostrou cedo o jeito para as contas. “Sempre gostei muito de organizar as despesas porque apesar do meu pai e da minha mãe saberem ler e escrever, eu é que fazia esse trabalho em casa desde pequeno”, diz-nos. Com apenas 17 anos fez contas à vida, colocou o bacharelato na mala e foi até Paris. Ainda era novo, mas começou logo a trabalhar num supermercado de produtos portugueses. Vendeu “tremoços, bacalhau, fruta” e aproximou-se das suas origens. Depois entrou no serviço de contabilidade do Grupo Printemps, mas como viu que para progredir na carreira ainda tinha que percorrer um longo caminho, decidiu acelerar o passo. Regressou às aulas, foi para a Escola Superior de Gestão e Contabilidade (ENGDE), conciliou o trabalho com os estudos, formou-se em Contabilidade e Finanças e foi um dos primeiros portugueses licenciados naquela área em Paris. “Quando me formei até fui ver se existiam outros luso-descendentes com o mesmo diploma, mas nesse momento éramos poucos. Nós não correspondíamos à imagem típica do emigrante português em França”, acrescenta. Começou a trabalhar sozinho em 2007, mas dois anos depois decidiu criar o seu próprio gabinete de contabilidade. A sociedade “Amparo Conseil” foi fundada em 2009 e actualmente, para além da sede situada no centro da capital, tem também um gabinete na Normandia. Para além da contabilidade pura e dura, uma das principais funções da Amparo Conseil “é acompanhar os dirigentes das empresas”. O nome “Amparo” inspirado num livro do escritor português Miguel Sousa Tavares tem a ver com isso mesmo. Carlos Fernandes quer amparar as empresas, ajudando a desenvolver e a gerir melhor os seus negócios. Em 2007 tornou-se membro da Câmara de Comércio e Indústria Franco-Portuguesa com um único objectivo. Queria passar a ser “um membro activo na comunidade de empresários portugueses” e actualmente tem “vários clientes do país”. O ano de 2017 também lhe reservou uma nova aventura. Pela primeira vez viajou até às suas origens para trabalhar, investindo na mesma área através de um novo projecto que está localizado em Lisboa: a Conta Up. Carlos Fernandes é mais um exemplo de um português que viveu mais anos fora do que dentro de Portugal, mas nunca se esqueceu de regressar à terra que o viu nascer e afirma com veemência que “Portugal é um país com futuro”.



**Local de nascimento:**

São Simão de Litém, Pombal

**Onde vive:**

Portugal

**Actividade:**

Empresária



## Clementina Jorge

Clementina Jorge nasceu na freguesia de São Simão de Litém, pertencente ao concelho de Pombal. Dos tempos de infância aí passado recorda os bailes e as festas da Igreja, as animações que existiam na altura. Nesse mesmo lugar completou a 4ª classe, o ensino máximo que ali existia até então. O destino da vida quis que Clementina emigrasse para Angola, e aqui conseguiu adquirir mais alguns conhecimentos. “Estudei à noite, mas trabalhei durante sete anos na fábrica de cerâmicas do meu sogro e aí é que ganhei conhecimentos de negócio”. Clementina esteve em Angola de 1962 até 1974, momento em que dá a independência das colónias e a liberdade em Portugal. Veio para Portugal com os filhos, mas trazia na bagagem um curso de confeção feito em Angola. Lá tinha a experiência de confeção de roupa por medida, mas em Portugal começou a fazer confeção, colocou inicialmente sete aprendizas, ensinou-lhes e o negócio evoluiu. Rapidamente passou a fazer peça de roupa por numeração e nos anos 80 já tinha uma coleção própria de 80 modelos e vendia por todo o país. “Já tinha 30 costureiras, mais os vendedores. Fiz durante os anos 80 e 90 a Feira Internacional de Lisboa”.

Clementina sonhava apenas poder sair de São Simão de Litém para conseguir aprender mais, pois ali o seu futuro estava reservado ao trabalho nas terras. Lutou por isso, e conseguiu. Hoje, herdou a empresa do seu já falecido marido em Angola, juntamente com a filha. A cada dois meses tem de se deslocar a Angola, onde a empresa mantém atividade com 50 colaboradores. Como pessoa, valorizar a família, o trabalho, as pessoas e a honestidade. O seu lado solidário está bem vincado, através da ajuda a todos os colabores em Angola. “Nunca damos menos que duas ou três vezes o valor do ordenado mínimo. Funcionário nosso nunca ganha o ordenado mínimo, e tem restaurante para ir comer, pago por nós. Isso já é fazer bem às pessoas, porque em Angola existe muita fome”. Fora isso, Clementina faz várias ofertas a instituições de solidariedade.

Sobre os portugueses, considera-os trabalhadores, com muito valor e honestos.



**Focal de nascimento:**

Fafe

**Onde vive:**

Fafe, Portugal

**Actividade:**

Professor e investigador



## Daniel Bastos

Daniel Bastos nasceu em 1980 em Fafe e é a partir daqui que tem desenvolvido um trabalho notório. Começou desde cedo por sentir uma grande ligação à sua freguesia, Cepães, que fica sensivelmente a quatro quilómetros do centro da cidade de Fafe. “Uma freguesia com alguma ruralidade, mas também com indústria têxtil”. Daniel assume que teve uma juventude muito marcada pela ligação aos avós maternos, pilares importantes na sua educação e formação.

Estudou em Fafe e, em 1998, ingressou na Universidade de Évora, onde se licenciou em História, via ensino, sendo ainda hoje professor de História no Colégio João Paulo II, em Braga, um colégio de referência no distrito. Tirou, também, um curso de teologia, não por uma questão de vocação, mas para alargar horizontes ao nível cultural. “Quando regresssei a Fafe, estive profissionalmente como assessor durante vários anos aqui no Município de Fafe, na área da cultura e educação. Estive também ligado algum tempo ao Museu das Migrações das Comunidades”. Durante esse período, Daniel Bastos fez ainda uma pós-graduação em Ética e Filosofia Política na Universidade Católica, em Braga, onde paralelamente foi consolidando um percurso na área da investigação e na edição de livros, onde tem colaborado, concebido e realizado, sobretudo na história na emigração portuguesa. Daniel é ainda colaborador assíduo com vários órgãos de comunicação da diáspora portuguesa, em diferentes regiões do globo.

Daniel Bastos valoriza a sua ligação às suas raízes e à sua terra. “Gosto e valorizo o facto de ter nascido em Fafe, sou muito apegado às pessoas, à terra e sobretudo à família. O meu maior sonho sempre foi constituir família, e ter uma vida tranquila. Para além disso, tenho um percurso e um prazer enorme em poder trabalhar de perto com as comunidades portuguesas. Tenho o privilégio e sorte de, ao longo desta última década, conhecer, trabalhar, poder editar e lançar obras junto da comunidade portuguesa em França, no Luxemburgo, na Bélgica e, mais recentemente no Canada e também no Brasil. Permite-me ter uma perspectiva diferente sobre as comunidades portuguesas, porque tenho uma perspectiva e visão de terreno. Sou uma testemunha de todo o trabalho e toda a mais-valia de que as comunidades representam para o nosso país”. É com base na generosidade, trabalho, dedicação e solidariedade que Daniel Bastos tem guiado a sua vida. “Estes valores, que procuro nortear na minha vida familiar e pessoal, também os consigo encontrar, e vou fortalecendo, nestes contactos que tenho com os nossos compatriotas espalhados pelo mundo”.

Daniel Bastos é ainda uma pessoa com fortes ligações ao mundo associativo. “Já fiz voluntariado, quando andava na Pastoral Universitária, na Madeira, junto de crianças carenciadas. Já participei várias vezes na campanha do Banco Alimentar. Estou muito inserido no meio associativo local, onde também fui colaborador e onde dei aulas a título gracioso na Universidade Sénior do Rotary Club de Fafe e vou procurando dar o meu contributo a nível local. Também colaboro com um conjunto de várias associações, espalhadas pela diáspora, muito com meios de comunicação social, como é o caso da Lusopress, que é um meio de comunicação social relevante em França. Recentemente, tive oportunidade de visitar o Museu da Emigração Açoreana, na ilha de São Miguel e fui convidado a fazer parte da associação”.

É grande a ligação às suas raízes e, por isso, sente um grande orgulho e honra em ser português. “Tenho orgulho nas raízes, na cultura, na história e na língua do nosso país, de uma forma cosmopolita, aberta, no sentido em que a história e o passado do nosso país rico deve projectar aquilo que é a construção do nosso presente e a afirmação do nosso futuro”.

Daniel deixa ainda uma palavra de apreço para os compatriotas que estão espalhados pelos quatro cantos do mundo, pelo desenvolvimento que têm dado ao país e às suas terras.



**Local de nascimento:**

Tremblay-en-France

**Onde vive:**

França

**Actividade:**

Comercial



56

## Daniel Peixoto

Daniel Peixoto nasceu em França, mas o sangue que lhe corre é bem português: a mãe é natural da Póvoa de Varzim e o pai de Guimarães. Nasceu em 1989 em Tremblay-en-France, e as melhores recordações que tem da infância são das idas ao rancho, onde começou a participar com apenas cinco anos de idade. “A maior parte dos amigos que tinha eram de lá e eram bons momentos. Encontrava-se muitas pessoas e passava-se muitos momentos de convívio”. Estudou electricidade, mas os seus pais sempre foram a favor de continuar os estudos, o que levou a tirar uma especialização em ar condicionado. Trabalhou durante 12 anos para uma empresa enquanto engenheiro comercial em ar condicionado. Em 2019, decidiu parar esta actividade com o objectivo de montar o seu próprio negócio. “Quero, acima de tudo, que seja uma paixão. Não quero encarar como um trabalho e uma obrigação, quero ter prazer no que vou fazer diariamente”.

A sua ligação à comunidade portuguesa sempre foi forte pela pertença ao rancho, onde chegou a ensaiador com 19 anos e a presidente do grupo com 23 anos de idade, um dos mais jovens a consegui-lo. Sempre ajudou portugueses através da associação, em todos os aspectos que fossem necessários. “O rancho não servia apenas para dançar, era para ajudar”. Sonha, um dia, poder vir a abrir uma ONG para conseguir ajudar os mais idosos. “Quero contribuir ainda mais para o mundo”. Daniel Peixoto assenta a sua vida na justiça e na igualdade. “No mundo somos todos iguais, não há um melhor que o outro. Para além disso, há que respeitar os outros. Foi sempre isso que os meus pais me ensinaram”.

Não nasceu em Portugal, mas isso não faz de Daniel menos português. “Adoro o povo português, sempre gostei da sua mentalidade, e adoro Portugal. Nas férias, quando passava a fronteira, chorava, sempre tive amor por Portugal, desde pequeno. Nasci em França, mas antes de tudo os meus pais são portugueses e o meu sangue é português”.

Aos portugueses, Daniel Peixoto deseja muito amor e “que fiquem unidos porque o povo português sempre foi um povo alegre, que gosta de fazer festa, e devem manter-se para ir para a frente, ajudando-se uns aos outros”.



**Local de nascimento:**

Carregal do Sal

**Onde vive:**

França

**Actividade:**

Jornalista



## Daniel Ribeiro

Daniel Ribeiro é hoje o diretor da Rádio Alfa, mas a sua história começou em Carregal do Sal. Nasceu em 1953 e, por isso, sabe bem o que foi o regime Salazarista. Natural da Beira Alta, região do Dão, recorda uma infância 'livre' numa zona agrícola. Fez o liceu no Carregado, num colégio privado, como assim predominavam nessa época. Desde os seus 15 anos que tomou consciência da natureza do regime português e da guerra colonial, empenhando-se na luta contra o fascismo. Já em Coimbra, para onde foi estudar Direito, começou a trabalhar no jornalismo, tendo começado num jornal clandestino da Universidade de Coimbra, que editava em sua própria casa. "Abordava temas como a luta pelo fim do regime, o acesso ao ensino para todos e não apenas para uma elite, e pelo fim da guerra colonial". A partir daí, Daniel ganha o gosto pelo jornalismo e, aos 25 anos, entra no jornalismo profissional. Começa no O Jornal, um passado longínquo da Visão, tendo depois passado para o Expresso, para o qual já trabalha há cerca de 30 anos. Chegou a França como correspondente da imprensa portuguesa, esteve quase 20 anos na RFI e, em 2000, entrou na Rádio Alfa. "Achei importante trabalhar junto da comunidade, sempre achei este projeto muito interessante". No Expresso continua a fazer jornalismo político, e na Alfa é o diretor de antena, coordenando os programas e toda a informação. Em jovem, leu um livro sobre um correspondente no Líbano, e teve a certeza que era isso que desejava ser. Era um dos sonhos, a par da luta contra o regime português. "Foi para mim uma grande alegria o 25 de Abril de 1974, porque permitiu acabar com a guerra, pôr fim ao regime totalitário e permitiu acesso ao ensino por todo o país". Hoje, Daniel tem o sonho de que todos os países e governos sejam mais solidários, que não haja extremismos e que apoiem mais os desfavorecidos. Para si a questão da desigualdade social sempre foi importante. Na profissão, exige ser correto, independente, dar as notícias com contraditório sempre, com independência e qualidade no que se faz". Nunca esteve diretamente envolvido no meio associativo, mas valoriza o apoio direto a quem conhece. Por isso, sempre ajudou os sem-abrigo da sua rua. Também valoriza o trabalho da Santa Casa da Misericórdia e o trabalho das associações com a vertente cultural. "Uma das missões mais importantes das associações é a transmissão da cultura para os lusodescendentes. Esse também é um dos papéis da Rádio Alfa, transmitir a cultura aos nossos ouvintes e fazer rádio para todos, de qualidade. Isso é difícil de fazer, uma rádio generalista para todas as pessoas, mas temos conseguido".

Para si, ser português é gostar de Portugal, e gosta muito do seu país, das suas gentes e da sua gastronomia. Considera-se um cidadão do mundo, que gosta do lugar onde nasceu. Daniel deixa uma mensagem, em primeiro lugar, para a Lusopress. "Que continue a fazer o trabalho de aproximar os portugueses, pois contribuiu para criar uma aproximação entre portugueses que não existia, colocou os portugueses todos em contacto, nomeadamente no sector empresarial. Envio também uma saudação para todos os portugueses de França e espero que gostem do nosso trabalho na Rádio Alfa".



**Local de nascimento:**

Aubervilliers, França

**Onde vive:**

França

**Actividade:**

Empresário



58

## David Fernandes

David Fernandes, jovem lusodescendente, quis seguir o mesmo percurso profissional do pai. Há alguns anos comprou-lhe a empresa com 74 trabalhadores, na área da construção e renovação de habitações sociais, que hoje faz cerca de 20 milhões de euros de volume de negócios.

Apesar de ter nascido em França, herdou a cultura e as raízes dos seus pais, por isso sente-se português e francês. Considera ter tido sorte em nascer num bom país e sem o êxito do seu pai, a quem está muito grato, nunca teria chegado a este nível empresarial. Tem muito orgulho nas suas raízes e nunca renegará as suas origens.

Como trabalha apenas com o Estado francês, acha normal não ter um reconhecimento pelo que faz, dado que Portugal não conhece as suas competências. Considera os portugueses patriotas, que mostram muito orgulho nas suas origens. Todos os anos, através da sua empresa, ajuda monetariamente uma associação de pessoas com deficiência motora ou mental. A sua empresa tem cerca de 30% de empregados portugueses. O pai é a pessoa que mais admira, é verdadeiramente o seu ídolo por aquilo que tem feito, tendo conhecido a miséria, como outros portugueses, lutou até ter alcançado o sucesso na sua vida.

Em relação a Portugal, tem saudades dos seus avós, que infelizmente já faleceram, do Sol e das pessoas que acha mais calorosas que em França. Expressa o desejo dos portugueses continuarem a ser orgulhosos do seu país e que sejam mais unidos. Espera também que os jovens saibam guardar essa cultura que lhes foi legada pelos pais.



**Local de nascimento:**  
Fernão Joanes, Guarda

**Onde vive:**  
França

**Actividade:**  
Reformada



## Deolinda Oliveira

Corria o ano 1956 e nascia Deolinda Oliveira na freguesia de Fernão Joanes, pertencente ao concelho da Guarda. Desses tempos e desse lugar recorda com saudade a infância passada na quinta com os pais onde guardava as ovelhas. Não conseguiu estudar e integrou jovem uma fábrica de lanifícios onde trabalhou durante sete anos. Com 21 anos Deolinda casou e acompanhou o marido numa nova vida em França. Recorda que a adaptação não foi fácil. “O início foi muito complicado, pois não sabia falar a língua, não trabalhava e engravidei pouco depois de cá estar. Morava no departamento 77, num castelo que me fazia lembrar a quinta dos meus pais, mas era isolado. Acabava por me sentir sozinha”, recorda. Estes fatores levaram-na a ir morar para o centro de Paris, com o objetivo de arranjar um trabalho. Assim foi, altura em que entra no sector da restauração. Neste meio trabalhou cerca de 40 anos, até chegar à reforma, tendo passado apenas por dois restaurantes diferentes.

Nunca teve grandes sonhos para a sua vida, mas sente-se realizada pelo caminho que traçou na restauração. “Quando entrei quase só sabia cozer batatas”. Depois de uma vida dedicada ao trabalho, Deolinda divide agora o seu tempo entre Portugal e França, gozando um pouco da reforma. Mas ainda tem sonhos por concretizar: “gostava de escrever um livro de receitas de cozinha, quero viajar mais e descobrir outas coisas”.

O mundo associativo tem feito parte da sua vida. “Nos anos 90 comecei a descobrir o mundo associativo, tendo entrado para uma associação em Clichy. A partir daí fiz parte da CCPF, da Casa dos Arcos, sou ainda tesoureira da Associação Beirões de França, ajudo no que posso a Santa casa da Misericórdia e a Cap Magellan”. Para si, ser portuguesa, é um orgulho e mostra o seu patriotismo agora mais que nunca. “Sempre misturei as duas línguas, mas agora acabo por falar mais o português, mesmo quando estou em França”. Aos portugueses, deseja que sejam bons uns para os outros.



**Local de nascimento:**

Luanda, Angola

**Onde vive:**

Portugal

**Actividade:**

Autarca



60

## Diogo Mateus

Luís Diogo de Paiva Mourão Alves Mateus, nasceu no ano de 1969 em Luanda, Angola. Apesar de ter nascido em território africano, veio para Lisboa apenas com um ano de idade, tendo aqui passado toda a sua infância e juventude. Tem três irmãos, e recorda-se de com eles passar bons momentos numa propriedade da família situada na zona de Lisboa, onde essencialmente andavam a cavalo e disfrutavam de um ambiente de quinta e de liberdade.

Diogo Mateus fez toda a escolaridade em Lisboa, só indo para Pombal mais tarde. A sua primeira atividade remunerada foi na promoção do sucesso educativo, ligado ao Município de Pombal, no final dos anos 80, em escolas de primeiro ciclo. Depois, fez várias coisas. “Tive uma empresa de publicidade que explorava os mupis da cidade, fui carteiro em 1991, e tudo antes de ir para a faculdade”. Diogo Mateus entrou na Câmara de Pombal para substituir outro vereador, e aí começou um trabalho intenso, na altura com o presidente Narciso Mota. Em 2002 saiu para se candidatar a presidente da Junta de Freguesia de Pombal, onde presidiu durante quatro anos. Regressou ao Município em 2005 para o lugar de vice-presidente até 2013. Desde então, assume as funções como presidente de câmara, em vigor até outubro de 2021.

Dos sonhos de criança, destaca o querer ser calceteiro ou astronauta. “Acho que os sonhos de criança nunca os conseguimos atingir”. Hoje, não tem nenhum sonho em particular. Encontra-se a desempenhar os últimos meses como presidente de câmara. “Saio porque quero fazer outras coisas, por exemplo ter uma vida espiritual mais intensa”. Para si, o trabalho é essencial. “Realizo-me muito a trabalhar. Como tenho 28 anos de vida pública, destaco também o exemplo no cumprimento das minhas funções”.

Sempre procurou não desequilibrar a função de presidente em relação às associações, mas sempre foi cultivando a vida associativa. “Fui presidente da associação de estudantes de Pombal, quando se tratou da legalização da associação em 1987, em que era uma grande luta da altura do movimento juvenil. Em Pombal estive ligado à fundação da associação de promoção de hábitos de vida saudável, e fui membro fundador da associação Aurora, de defesa do ambiente, e ainda fundador e sócio número 1 da associação de produtores florestais de Pombal. Mantenho uma ligação à Santa Casa da Misericórdia de Pombal. Tenho trabalho diverso espalhado por várias entidades e recentemente, enquanto autarca, destaco a associação dos caminhos de Fátima, para tirar os peregrinos na estrada nacional nº 1”.

Para si, ser português “significa ter uma responsabilidade na história do mundo e um papel que há centenas de anos temos vindo a fazer. Hoje, percebemos que continuamos a ter portugueses em todos os locais do mundo, que nunca se esquecem da nossa cultura. Portugal é a nossa casa, onde nos sentimos bem, e que tem um conjunto de valores que nos dão identidade e sentido de pertença”.





**Local de nascimento:**  
Chennevières sur Marne

**Onde vive:**  
França

**Actividade:**  
Empresário



## Dominic Fernandes

Dominic Silva Fernandes nasceu a 1 Fevereiro de 1976 em França. Apesar disso, é o sangue português que lhe corre nas veias. O pai era natural de Arouca e a mãe da região de Leiria, mas foi em Paris que construíram uma vida em conjunto e onde nasceu Dominic e o seu irmão. A sua infância teve bons momentos, de alegria, brincadeiras e cumplicidade com o seu irmão enquanto os pais trabalhavam. Família de poucas posses, mas sempre com amor no lar. Dominic começou a trabalhar com 18 anos a embalar caixas de telemóveis. Ao fim de três meses cansou-se do trabalho e foi convidado pelo presidente da empresa, de nacionalidade grega, a ser comercial de telemóveis para a zona de Paris. Três meses volvidos já era o maior vendedor de telemóveis em todo o território francês. Entretanto, surge uma vaga na empresa: o cargo de presidente a nível nacional. Dominic foi a pessoa nomeada, corria o ano 1995, ano em que assumiu o cargo, até 2004, quando abriu a sua própria empresa. Dedicar-se unicamente à importação e exportação de telemóveis, mas a sua empresa – Bluetooth, é um caso de sucesso em todo o mundo.

Em criança, sonhava ter uma casa bonita. Hoje, admite que tem os sonhos todos concretizados, o que agora gosta de fazer é ajudar quem mais precisa. Dominic mostra que sem ter grandes estudos, com força e querer, as pessoas conseguem chegar onde quiserem. A solidariedade é um dos pontos fortes da sua vida. Durante a pandemia de Covid-19 ajudou a Câmara Municipal de Arouca, os Bombeiros de Arouca, o Hospital de Santa Maria da Feira, o Hospital de São João, no Porto, várias instituições e hospitais em França também.

Orgulha-se de ser português. “Os portugueses eram criticados em França, vistos como uma comunidade mais fraca, mas mostramos que somos capazes de trabalhar sem ser nas obras e nas limpezas. Temos capacidade para isso”. Dominic deixa como mensagem aos portugueses que “podemos alcançar todos os sonhos que temos, podemos mostrar a todos que sendo um país pequeno somos uma grande comunidade e grandes pessoas, somos portugueses”.







**Local de nascimento:**  
Aguiar da Beira, Guarda

**Onde vive:**  
França

**Actividade:**  
Empresário



## Fernando Martins

Fernando Martins é natural de Aguiar da Beira mas cedo emigrou para França. Com 11 anos partiu rumo a Paris para, inicialmente, trabalhar no sector da construção civil. Aos 26 anos muda-se para a região do Champagne e começa a trabalhar, juntamente com a esposa, nas vinhas. Mais tarde, em 2001, surgiu a oportunidade de criar uma empresa de prestação de serviços vitivinícolas. Até hoje em funções, a empresa realiza todos os serviços nas vinhas, desde a poda à vindima. É precisamente nesta altura, na vindima, que Fernando Martins traz de Portugal cerca de 250 trabalhadores para, durante algumas semanas, trabalharem nas vinhas. Foi desta forma que Fernando Martins decidiu construir uma casa que pudesse alojar os vindimadores. “Em tempos cheguei a ter 350, hoje são cerca de 250 por ano. Por isso, pela construção da casa, acabei por me tornar empresário do sector da construção civil”, explicou. A atividade na construção não se ficou por aí, mantendo até aos dias de hoje a empresa em funcionamento. Da mesma forma que se trabalha na gestão de duas empresas, trabalha-se igualmente numa terceira. As ideias na cabeça de Fernando Martins não param e daí surgiu a construção do Gîtes des Sablons, um conjunto de casas rurais. Quando se pensa que Fernando Martins, com empresas em três sectores de atividade distintos, não tem novas ideias, está-se enganado. Em Junho de 2017 criou a Design Meubles, uma loja de móveis em Châtillon-sur-Marne. O empresário assume que todos os sonhos que tinha na vida já os conseguiu alcançar, mas que a cada dia que passa, um novo surgirá para tentar concretizar. Assenta a sua vida em lealdade e amizade, orgulhando-se de ter muitos amigos, quer em Portugal, quer em França. O seu lema de vida, que o deixa também a todos os portugueses é que “para conseguirmos alguma coisa da vida temos de trabalhar, não se pode esperar que o dinheiro caia do ar”.



**Local de nascimento:**

Lisboa

**Onde vive:**

Portugal

**Actividade:**

Actor e Apresentador



# Fernando Mendes

Fernando Mendes é dos rostos mais acarinhados da televisão portuguesa. Nasceu em 1963, em Lisboa, e ainda hoje recorda as felizes memórias de brincar na rua. “Hoje perdeu-se isso”, lamenta. Jogar ao berlinde, à bola, lançar o pião, jogar à apanhada eram coisas que enchem a alma das crianças. Fernando orgulha-se de ainda hoje manter amizades desses tempos de infância. Estreou-se no teatro em 1980, no Parque Mayer, na revista A Reviravolta. Seguiu-se passagens pelo Teatro ABC com algumas revistas e não mais parou a sua carreira. Nessa altura, surgiu também a oportunidade de fazer televisão com o programa O Foguete, com António Sala, Luís Arriaga e Carlos Paião. Entre novelas e programas, foram vários que o próprio Fernando já lhes perdeu a conta. Fica na memória os emblemáticos Nico D’Obra, 123 e Nós os Ricos. Foram mais de 20 revistas, dividindo assim o tempo e carreira entre teatro e televisão. A Prova dos Novos marcou de especial forma Fernando Mendes. “Foi importante para mim e para a malta nova do meu tempo, porque serviu de rampa de lançamento”. Há 18 anos que todos os dias podemos ver Fernando a apresentar o Preço Certo, na RTP1, sempre num registo único e característico. Também se tornou ‘empresário’ do teatro há quase 20 anos, levando pelo país todo, produções próprias. Neste momento tem em cena a peça Insónia, que dura há três anos. “Ao longos destes anos fiz muita coisa, e felizmente que fiz”.

Com uma vida ligada às artes, o primeiro sonho de Fernando era ser jogador de futebol. “Tinha a sorte de conhecer as grandes figuras do futebol dessa época, como o Eusébio, Manuel Fernandes, Yosalde, porque eram amigos do meu pai. Também sou muito amigo de alguns deles. O sonho do teatro vem mais tarde. Mas, claro, sendo o meu pai do teatro esse bichinho entrou e como eu via peças quase todos os domingos acabei por me apaixonar”. Hoje, confessa que não tem grandes sonhos para a sua vida, apenas quer continuar a trabalhar, ter saúde e continuar a divertir os portugueses. O sucesso que alcançou, esse, esteve sempre assente em sinceridade, amizade e em nunca ter inveja, valores que lhe foram transmitidos em criança.

Na sua vida, a solidariedade também não fica esquecida. Para além das mais de 100 associações que o programa Preço Certo já ajudou, Fernando faz questão de ajudar também ele pessoalmente. “Quando posso vou a instituições, nem que seja só dar um beijo, abraço e carinho, porque as faz felizes e já é ajudar. Monetariamente também ajudo de vez em quando algumas, mas o afeto é das coisas mais importantes, principalmente para os idosos. O meu programa também é visto pelas camadas jovens, mas é mais visto por pessoas idosas. Pelo carinho que têm por mim, sou obrigado a ir lá ter com eles e dar, pelo menos, um abraço”. Como não poderia deixar de ser, para si ser português “é um espetáculo”. Fernando gosta de Portugal e dos portugueses, mas deixa uma especial mensagem aos portugueses que estão espalhados pelo mundo. “Tiveram de sair do país, muitos deles à procura de melhores vidas, passando anos muitos difíceis. Para eles, um grande abraço que sei que também me consomem a nível televisivo”.



**Local de nascimento:**

Caldas da Rainha

**Onde vive:**

França

**Actividade:**

Empresário



## Francisco da Cunha

É natural das Caldas da Rainha, onde passou uma infância que apelida de agradável, tendo sido um bom período da sua vida. Saiu da terra com 16 anos, mas lá viveu momentos muito agradáveis. Francisco Barros da Cunha Leal chegou a França em Setembro de 1967, embalado pela situação de instabilidade política dos anos 60 em Portugal. Começou por trabalhar numa farmácia, mas rapidamente encontrou emprego na área para a qual tinha alguma formação: electricidade na área da construção civil. “Comecei num atelier a preparar material das obras, mas também passei pelas obras”. Depois, Francisco da Cunha foi técnico de estudos numa empresa de instalações elétricas. Aí encontrou um futuro sócio, com o qual trabalhou durante dez anos, até à criação da sua própria empresa, a ALPHA TP, em 1983. Hoje em dia, a ALPHA TP, com o estatuto de sociedade cooperativa trabalha no ramo das infraestruturas: estradas, aterros, saneamento, iluminação pública, redes elétricas.

Francisco diz que não gosta de ser “um trabalhador solitário” e considera-se uma pessoa perseverante naquilo que faz. Nunca teve um grande sonho para a sua vida, apesar de sempre querer estar bem na vida. A felicidade para si, é o suficiente. “Se recomencesse a minha vida agora, seria pouca coisa que mudaria”. Admite que tem receio, de uma certa forma, de não vir a ter tempo na sua vida para realizar todos os sonhos que tem, pois sente que ainda tem muito a fazer, seja a nível profissional e pessoal. Existem determinados valores que, para si, um ser humano não pode abdicar. “Honestidade, amor aos outros, sinceridade, trabalho. Não podemos escapar a isso. Com isso não há razões para ser infeliz na vida”.

Assim que chegou a França, integrou as primeiras equipas de futebol portuguesas, equipa que viria a designar-se Lusitanos de Saint-Maur, onde lá permaneceu durante 25 anos. Agora faz parte da direção do Créteil Lusitanos e é compadre da Academia do Bacalhau de Paris. “Para mim ser português é dignificante. Ainda hoje, Portugal está a ser citado com muito relevo por todas as comunidades europeias e mundiais. É um gosto e prazer ser português. Estou há mais de 50 anos em França e só continuo a ter nacionalidade portuguesa”. Por isso, deseja que todos os portugueses sejam felizes e que consigam realizar os seus sonhos, “assim como eu conseguir realizar alguns dos meus”.





**Local de nascimento:**

Celorico de Basto

**Onde vive:**

França

**Actividade:**

Empresário



68

## Francisco Teixeira

Francisco Teixeira nasce a 3 de Agosto de 1966, em Celorico de Basto, localidade essa que ainda hoje não abdica de visitar pelo menos uma vez por ano, salientando a sua forte ligação às suas origens. Contrariando a vontade do pai, optou por não continuar os estudos, tendo acompanhado o seu progenitor até França. Emigrou com 15 anos, iniciando-se logo de seguida no sector da construção civil. O infortúnio de um acidente de trabalho, faz com que decida criar a sua própria empresa, pois viu-se na impossibilidade de continuar a executar as funções exercidas até então. Passaram-se já cerca de 15 anos e a empresa de Francisco Teixeira foi prosperando, continuando a laborar em território francês na construção e renovação de habitações. Tem permanecido fortemente ligado à comunidade portuguesa e refere a importância desta aproximação, pois é o elo que permite com que a mesma seja cada vez mais uma referência de negócio, bem patenteada na qualidade dos trabalhos realizados. As recordações que tem de Portugal são as saudades da sua infância, e salienta a sua paixão por visitar anualmente a terra que o viu nascer, pois “as nossas raízes carregamo-las desde que nascemos, e por mais longe que estejamos, estarão sempre presentes em nós”.





**Local de nascimento:**

Noisy-le-Grand

**Onde vive:**

França

**Actividade:**

Empresário



## Franck Novais

Franck Novais Fernandes nasceu a 14 de outubro de 1980, em Noisy-le-Grand, França. Filho de pais portugueses, tem muitas recordações sobre a sua infância e os verões passados em Portugal. “Lembro-me de que o pai trabalhava muito e não passei muito tempo com ele, mas tive a sorte de passar férias todos os anos em Portugal. Também descobri outros países à conta desse trabalho do meu pai”. Franck Novais recorda-se ainda da avó paterna, com quem conviveu pouco tempo, e dos avós maternos, que lhe transmitiram muito conhecimento sobre as suas raízes e origem. Foi nesta altura que nasceu a paixão por Portugal, e conta uma história curiosa: “fiquei chateado quando comecei a falar e vim a Portugal e não conseguia perceber nem falar com a minha família portuguesa. Eu tinha quatro anos, mas prometi à minha avó que no ano seguinte, conseguiria compreender e falar português. Assim o fiz”.

Franck Novais frequentou a Escola de Comércio em Paris e trabalhou, durante alguns anos no negócio de automóveis, tendo sido, inclusive, dono de algumas concessões de marca francesa – Citroën. “Depois vendi as minhas partes e entrei numa empresa portuguesa — Metalusa — onde trabalhei e aprendi muito, e saí para entrar neste projeto da EchaGroupe”.

Sobre os sonhos, confessa que já os realizou. “Sonhava ter filhos, e poder olhar para eles e sentir que são felizes”. Mais recentemente, com a entrada na Echagroupe, da qual é sócio, conseguiu realizar o sonho de ter um projeto que encara como sendo o seu quarto filho. “Ter pessoas aqui dentro a conviver a partilhar momentos agradáveis é o melhor que se pode ter. Os colaboradores aqui sentem-se bem e nós, sócios da empresa, ao conseguirmos transmitir valores em que as pessoas se sintam bem no trabalho, a produtividade só pode ser positiva”.

Para si, os valores do respeito, humildade e trabalho, são tudo na vida. “Temos de aceitar que todos somos diferentes. A riqueza da vida é aceitar, entender e desenvolver esta diferença para ser ponto de ligação entre toda a gente”. Ao nível associativo, Franck Novais e a Echagroupe ajudam várias situações. “Fizemos eventos para juntar dinheiro e comida para enviar ao Haiti, ajudamos com bens para o Natal das crianças hospitalizadas em Portugal, ajudamos a população da Arménia durante a guerra. Temos de ajudar, temos de transmitir e ser o melhor possível”.

Para si, ser português, já teve vários significados ao longo da vida. “Em criança, significava férias. Com o crescimento, ser português era ser diferente. Porque éramos pessoas estrangeiras que vieram trabalhar quando não havia oportunidades em Portugal, e tentar ter vida um pouco melhor. Mas éramos vistos como estrangeiros”. Ainda assim, Franck Novais orgulha-se de ter tido sorte dos pais e avós lhes transmitirem amor por Portugal. “Quando entrei na Metalusa, senti uma grande emoção quando abrimos uma fábrica em Portugal, porque o país passava por uma crise e senti estar a dar a mão a Portugal”.



**Local de nascimento:**

Serapicos, Bragança

**Onde vive:**

França

**Actividade:**

Empresário



## Horácio Miranda

A aldeia de Serapicos, concelho de Bragança, viu nascer Horácio Miranda a 22 de Fevereiro de 1976. Foi sempre um dos melhores alunos e sonhou até ser médico, desfrutando de uma infância cheia de coisas boas, própria de família numerosa de oito irmãos, mas vê subitamente pairar sobre si, nuvens negras, no dia em que perdeu a mãe, perdendo também a vontade de sonhar. Progressivamente foi ultrapassando a tristeza e ultrapassada a mágoa, deu a volta à adversidade, mantendo-se focado nos estudos, que eram suportados por trabalho em França durante as férias escolares, a forma encontrada e bem demonstrativa do empenho e aplicação de Horácio. O destino fez com que conheça a mulher da sua vida, Sandra Miranda. E o amor tudo mudou. Horácio com 19 anos, e Sandra com apenas 17, decidem rumar definitivamente a França. Já instalados e ambos a trabalhar começam a pensar no alargar da família numa casa construída para garantir conforto aos rebentos de um amor forte e cúmplice. O primeiro filho nasce após um ano a viverem neste país, o segundo surge três anos mais tarde e estes belos rapazes vêm a família crescer com a chegada, desta vez, de uma menina. A vida foi sempre a rumar em frente, e já por conta própria torna-se empreendedor na construção de casas, projeto iniciado com três colaboradores, foi progredindo naturalmente ao ponto de, atualmente, serem já mais de 30 pessoas que estão envolvidas direta e indiretamente em construções modernas, alicerçadas no aproveitamento energético, pois corre nas veias a vontade de procurar mais e melhor. Não baixar os braços e sabermos batalhar por nós próprios, faz com que havendo honestidade e empenho tudo se alcança na vida.





**Local de nascimento:**  
Nogent-sur-Marne, França

**Onde vive:**  
França

**Actividade:**  
Empresário



72

## Hugo Morgado

Hugo Morgado nasceu em Nogent-sur-Marne, mas assume que se sente mais português que francês. Com um ano de idade, seguiu com os pais para Portugal, lá permanecendo durante sete anos. Foi numa localidade, perto da cidade de Óbidos, que passou a maior parte da sua infância. Recorda-se de uma vida rural, no campo, com liberdade e alegria. O seu regresso a França ainda hoje lhe está gravado na memória. “Foi num dia de Inverno, cheio de neve, coisa que eu nunca tinha visto na vida. Tinha oito anos de idade e ver a nova vida, em Paris, um centro totalmente urbanizado, foi uma grande surpresa para mim. Já no seu país de nascença, completou a sua formação, tirando um curso superior de Administração e Gestão de Empresas. Começou a trabalhar, juntamente com a mãe, nas agências de viagens, um negócio que ainda hoje é detido pela família. Seguiu-se uma experiência de cinco anos num banco, tendo chegado a diretor de agência, até que passou a gerir a Multipompage, uma empresa reconhecida em Paris pela especialidade em bombagem de betão.

Quando era criança, Hugo Morgado assume que tinha dois sonhos, hoje já completamente realizados. “Sonhava não viver um dia-a-dia fechado e monótono e, hoje, tenho a grande vantagem, que alcancei na vida, de ter essa liberdade nas minhas ações. Tenho o poder de decisão, onde posso escolher os caminhos por onde posso seguir. Também tinha o sonho de ter uma família unida, ter filhos próximos de mim, sempre tive essa educação, e isso também alcancei. Tenho uma família fantástica, filhos fantásticos, tenho a minha mãe que está comigo, a minha esposa é maravilhosa, ajuda-me bastante”. O passar do tempo, faz com que Hugo Morgado vá tendo novos sonhos e aspirações para a sua vida. Acima de tudo, deseja fazer descobrir a arte da bombagem de betão, “que é uma verdadeira arte, não é trabalho comum. É um trabalho que merece muito respeito, por isso queria fazer avançar o estado de espírito sobre essa profissão. Isto não é o que as pessoas pensam, são trabalhos muito técnicos, trabalhos abertos a mulheres e homens, são duros é certo, mas são muito técnicos e com muito futuro”.

Para Hugo Morgado, a palavra, a honestidade e o respeito de todos são os três grandes pilares da sua vida. “O mais importante na vida não é ter, é ser, e saber viver com os outros”. Hugo não esquece também a sua vertente mais solidária, apoiando clubes associativos e a associação Les Copains d’Hugo, associação à qual reconhece grande mérito pelo trabalho desenvolvido. “No meio que posso, tento ajudar quem tem iniciativas interessantes e com um projeto bem definido para ajudar os outros, aqueles que realmente necessitam”.

Para si, ser português é ser corajoso. Nasceu em França, passou por Portugal e depois regressou ao país que o viu nascer, mas com o passar dos anos vai-se sentindo cada vez mais português. “Por exemplo, quando a França ganhou o Mundial de futebol em 1998 estava muito contente e senti-me mesmo francês, mas com o passar da idade sinto que quero voltar às raízes e sinto-me um português de raiz, mesmo tendo nascido em França. Quando mais avanço na vida, mais me sinto português e tenho imenso orgulho porque é um povo fantástico e um país lindo”.

Hugo deseja que todos os portugueses continuem a valorizar Portugal e a representar o país da melhor forma possível.



**Local de nascimento:**

Colmeias, Leiria

**Onde vive:**

Leiria

**Actividade:**

Empresário



## Jaime Santos

Jaime Santos nasceu numa aldeia nos arredores de Leiria. O pai era emigrante em França, mas sair do país nunca foi uma aspiração que tentou passar aos filhos. “O meu pai sempre me transmitiu que era melhor ficar cá, não sair de Portugal. Ele achava que cá era sempre tudo mais fácil porque apanhou muitos percalços”. Jaime olhou bem para o caminho, seguiu os conselhos do pai e procurou desviar-se desses buracos. Depois de ter estudado na telescola, começou a trabalhar com 13 anos como mecânico em Leiria. Primeiro por conta de outrem, mais tarde por conta própria. No dia em que foi chamado para ir à tropa, ainda tentou fugir à regra. Pagou para não ir, mas o dinheiro só serviu para adiar o problema: “Como tive de ir para a tropa na mesma, interrompi tudo. Quando regresssei, retomei estas funções e comecei logo a trabalhar por minha conta como mecânico”, recorda. Durante os primeiros anos, estava praticamente sozinho aos comandos da empresa. Mais tarde, decidiu expandir o negócio e dedicou-se à reparação de automóveis e ao comércio.

A AutoMecânica da Confraria foi fundada em 1989, há mais de 28 anos. Pouco tempo depois da abertura, em 1992, a empresa já era apresentada como Agente Renault e, graças à evolução e à qualidade dos serviços prestados, atualmente é considerada Reparador Autorizado da marca. Destaca-se na região de Leiria pela sua liderança no mercado de viaturas usadas e seminovas, representa também a Dacia, Chatenet, Daihatsu e Ssangyong e tem três stands. Jaime nunca emigrou, mas ainda criou um novo serviço a pensar nos emigrantes. Em 1998, o leiriense fundou a Sarafauto, uma empresa de aluguer de automóveis que serve muitos portugueses que residem no estrangeiro quando vão de férias. “Temos um bom conhecimento com os emigrantes porque os alugueres permitem-nos isso”, explica. A empresa compra “muitos carros no estrangeiro e já é conhecida em alguns países, nomeadamente na Alemanha, na França, em vários países europeus e até no Canadá”.

Jaime Santos continua ao volante de uma empresa sólida, mas atualmente é acompanhado por cerca de 50 funcionários. Tem uma empresa PME Líder, mas ainda ambiciona mais. “Queremos abrir escritórios tanto em Lisboa, como no Porto porque nós neste momento entregamos as viaturas no Aeroporto de Lisboa e Porto, mas tudo sai da sede. Futuramente queremos abrir lá delegações para a logística ficar mais simples”. O empresário apoia “muitos eventos locais como creches, clubes de futebol e associações comunitárias”. Confessa que “a estratégia foi sempre permanecer em Portugal”, mas nunca fecha a porta ao estrangeiro. “Isso não quer dizer que amanhã a empresa não cresça e não possa abrir uma delegação num país qualquer”.



**Local de nascimento:**

Arega, Torres Novas

**Onde vive:**

Leiria

**Actividade:**

Empresário



## João Cardoso

João Cardoso nasceu na localidade de Arega, em Torres Novas, a 23 de Dezembro de 1947, apesar de apenas ter sido registado a 31 Dezembro do mesmo ano. Passou uma infância sempre em família, inicialmente no Entroncamento. O pai tinha uma indústria de serralharia e só com a aquisição de terrenos na aldeia é que se mudaram para Torres Novas. Os meus pais tinham quintal, gado e tinha de ir pastar as ovelhas. Na altura não havia eletricidade". Depois da escola primária, João Cardoso foi para a Escola Industrial de Torres Novas tirar o curso de formação de serralheiros, para ajudar o seu pai. Já em férias e em outros momentos oportunos ia ajudando o pai na serralharia, implementando sempre melhorias nas instalações. "Modifiquei as instalações e permitiu ter outros olhos e pensar na projeção de trabalhos com outra dimensão". Ainda esteve cerca de dois meses e meio em Alverca, nas oficinas gerais de material aeronáutico, mas depressa regressou à serralharia do pai, onde fazia falta. Seguiu-se a experiência do ultramar, e quando voltou desenvolveu bastante a empresa familiar. "Aumentamos em número de empregados, as instalações passaram a ter dois mil metros quadrados, com secção de decapagem e metalização para tratamento de superfícies. Nunca deixei de ser ambicioso, sabendo sempre até onde ir". Entretanto, nos anos 80, começa a dedicar-se ao setor dos transportes, começando com cisternas e passando posteriormente para os transportes na área alimentar, com a Tracopol. A sua veia empreendedora nunca parou, abraçando anos mais tarde outro grande projeto: a Fábrica Torrejana. A ligação à Torrejana já se fazia, efetuando a Tracopol serviços de transporte. Desta forma, a família Cardoso interessou-se pelo negócio e avançou para a compra da Torrejana. "Tínhamos um cliente, na área de óleos e azeites, que tinha falta de espaço de armazenagem e aproveitamos para alugar o espaço. Inicialmente, pensámos em relocar a Tracopol nas instalações da Torrejana, mas rapidamente começámos a estudar a hipótese de fazer aqui uma refinaria de óleos e azeites". O que seguiu? Toda uma pesquisa sobre o assunto. Partiram para Itália para conversarem com projetistas deste tipo de equipamentos. "Dessas conversas surgiu a hipótese de investirmos no biodiesel. Visitámos uma fábrica de biodiesel em Itália, e encomendámos o projeto para construirmos a nossa. O projeto chegou com algumas nuances que tivemos necessidade de alterar. A minha atividade profissional teve início na metalurgia e as alterações que fiz, nessa base, vieram acrescentar valor à instalação e ao projeto", acrescentou João Cardoso. Assim se concretizou e, a Fábrica Torrejana serviu de modelo para a venda de 88 fábricas no espaço de um ano. A fábrica começou a funcionar a 100% em 2006, e foi a primeira fábrica em Portugal dedicada à produção de biodiesel. João Cardoso sente-se realizado e orgulhoso, e não esquece que em criança apenas queria ter uma vida melhor que a dos pais, tendo sentido bastante as dificuldades que os seus progenitores passaram. Assume que os sonhos nunca acabam, e os seus, hoje, passam por ver uma continuidade dos seus negócios pelos seus filhos e netos. Tem, na sua vida, três elementos essenciais: não abusar do trabalho, da saúde e do crédito. Também faz sempre por trabalhar com pessoas credíveis, sérias e honestas. Ajuda sempre as instituições locais, como a Cáritas, hospitais e bombeiros. Para si, ser português é ser sério, ambicioso e generoso. Aos portugueses, deixa uma mensagem de positivismo: "que sejam saudáveis, amigos do próximo e partilhem alegria".



**Local de nascimento:**

Açores

**Onde vive:**

Estados Unidos da América

**Actividade:**

Empresário



## João Medeiros

João Medeiros nasceu na ilha dos Açores, no fim da década de 50. Portugal não vivia na plenitude das suas capacidades e muitos portugueses decidiram carimbar o passaporte em direção a outra realidade. A família de João não foge à regra e emigrou para o continente americano. “Em 1969 fui com os meus pais para os EUA”, diz.

Ao chegar a um país novo, uma realidade e cultura diferente, João atravessa a sua primeira grande dificuldade. “Com 10 anos fui para a escola e depois das aulas ia ajudar os meus pais. Viemos à procura de uma vida melhor, não falávamos a língua. Foi muito custoso”, confessa. Quando questionado pelo motivo de ter saído de Portugal, o português responde de forma perentória. “Havia trabalho, mas não havia dinheiro”, relembra.

Desde cedo, João Medeiros encarou a realidade profissional e logo criou a sua identidade. “O primeiro emprego foi a trabalhar num grupo, durante as férias escolares, e ao longo de 12 horas por dia. Com 10 anos já trabalhava. Fui cozinheiro e trabalhei numa fábrica de joias”, realça.

É neste contexto que João descobre a sua vocação. “Trabalhei muitos anos com artistas famosos. Era supervisor, tinha sempre muitas pessoas a trabalhar para mim. Tudo passava pelas minhas mãos e eu tenho muita experiência”, destaca. O empresário ganhou notoriedade na área da ourivesaria e em 1984 abriu o seu próprio espaço. “Decidi fazer a minha fábrica. Não sabia se ia ganhar dinheiro e não foi fácil”, diz.

John Medeiros é o nome que veste o negócio do empresário e, ao mesmo tempo, espelha a vasta experiência que João acumula. A empresa é especialista em joias e tem o cunho pessoal do português.

Com as recordações escritas na memória, João é apaixonado por Portugal e por tudo o que envolve as suas origens. “O português é uma pessoa de classe, uma pessoa que trabalha muito. Gosto muito dos nossos portugueses. É preciso ter muita fé e nunca desistir”, realça.



**Local de nascimento:**

Ilha do Faial, Açores

**Onde vive:**

Estados Unidos da América

**Actividade:**

Empresário



## João Pinheiro

A ilha do Faial, nos Açores, viu nascer João Pinheiro, mas tem sido os Estados Unidos da América que têm presenciado a vida empresarial de sucesso deste português. Nasceu em 1942 e esteve nos Açores até aos 17 anos, altura em que se deu a erupção do Vulcão das Capelinhas, facto que o fez mudar de vida. “Na altura, o presidente John F. Kennedy instituiu uma lei especial para as pessoas afetadas pela erupção poderem emigrar para os Estados Unidos. O meu pai decidiu aceitar e viemos para aqui em 1959. A minha primeira lembrança é chegar aos Estados Unidos com a ideia de continuar os estudos, mas por norma os emigrantes não estudavam, iam logo trabalhar. Ao princípio esta ideia custou-me um bocado, mas hoje em dia sou feliz por estar onde estou e por ter duas culturas, a portuguesa e a americana”. Foi no Estado de Massachusetts que João Pinheiro se instalou e construiu o seu percurso de vida, pessoal e profissional. Começou por jogar futebol num clube semiprofissional, facto que lhe foi garantindo fazer alguns amigos e perceber como funcionava a sociedade americana. Algum tempo depois, já casado, juntamente com o seu sogro decidiu abrir uma oficina bate-chapas. Começaram apenas duas pessoas, hoje são 22 colaboradores. “Ganhámos, com muito orgulho, o prémio de melhor oficina de South Coast Massachusetts. Este projeto levou tempo a chegar ao ponto onde estamos hoje, mas conseguimos. Viemos para um país estrangeiro, e chegámos com muitas dificuldades à posição que temos hoje. Tivemos sorte de estar rodeados por pessoas que tinham conhecimentos, e nos ajudaram a dar seguimento a este projeto”.

João Pinheiro é também um homem que nunca desiste dos seus sonhos e pensa não ter idade para os alcançar, independente do sonho. Impedido de continuar os estudos em jovem, foi há sensivelmente dez anos que conseguiu tirar um curso superior. “Tirei o curso por orgulho, não me serve de nada, mas eu queria ter este curso para poder realizar o meu sonho. É verdade que há 30 anos não o consegui tirar, mas isso ficou dentro de mim e por força de vontade graduei-me em Nashville”. Por isso mesmo, define-se como um homem com vontade de aprender para chegar cada vez mais longe. “Eu nunca estou satisfeito, mesmo com a idade que eu tenho estou sempre à procura de algo para melhorar e aprender. Nós temos de querer inovar e de aprender”.

João Pinheiro continua fortemente envolvido na comunidade portuguesa, tendo sido o fundador do Clube União Faialense e do Azorean Maritime. Foi também fundador de duas associações de bolsas de estudo para ajudar crianças portuguesas nascidas nos Estados Unidos. “Para mim é um orgulho próprio poder ajudar quem necessita, e ajudar alguém a realizar os seus sonhos”. Admite ter um grande orgulho em ser português, açoriano e faialense. “Também tenho muito orgulho de viver nos Estados Unidos, país que me recebeu. Tenho duas culturas, mas nunca vou deixar a cultura portuguesa. Os portugueses que vivem em Portugal às vezes não têm a ideia real do que é ser emigrante, e do que é viver fora do país. Nós que vivemos aqui, sentimos mais do que muitas pessoas que vivem em Portugal. Nós vivemos Portugal, nós gostamos de Portugal e temos saudades de Portugal”.





**Local de nascimento:**  
Santa Cristina de Longos, Guimarães

**Onde vive:**  
França

**Actividade:**  
Empresário



## Joaquim Machado

É com orgulho que Joaquim Machado assume ter nascido na freguesia de Santa Cristina de Longos, no concelho de Guimarães, corria o ano 1954. Foi criado nesta aldeia até aos seus 12 anos, altura em que a família se muda para uma freguesia vizinha: São Lourenço de Sande, onde hoje Joaquim tem casa. Recorda que foram tempos duros, tendo começado a trabalhar desde muito novo. Foi também neste período que aprendeu a trabalhar à mão, sendo hoje a sua profissão de vocação e paixão carpinteiro e marceneiro.

A ambição fê-lo emigrar para França, onde se instalou no departamento 92 e esteve um mês a estagiar. “Na altura faziam-se estágios de profissão e depois, em função do resultado, era atribuído um preço horário e o local para onde se ia trabalhar, fosse para as obras, oficina, ou outros locais. Eu fui trabalhar para um atelier”, conta. Algum tempo depois, decidiu enveredar pelo sector da construção, para conhecer um pouco esse mercado e ganhar mais dinheiro. Já depois de casar, trabalhou durante três anos como técnico comercial onde fazia a instalação de máquinas e assistência técnica aos clientes, sempre ligado ao sector das madeiras. Depois, mudou para uma empresa onde passou a ter funções comerciais, tendo clientes em todo o território francês. “Os meus clientes eram as grandes carpintarias e marcenarias, mas fiquei cansado de fazer muitos quilómetros e resolvi criar a minha própria empresa”. Depois de alguma prospeção de mercado, constatou que havia uma oportunidade na venda de móveis. “Criei os Móveis Franco-Portugueses, mas posteriormente alterei o nome para Móveis Elmo, para não limitar os clientes à nacionalidade portuguesa”.

Ser correto, cumpridor, trabalhador e respeitador foram as missivas da sua vida. Gostava de ter estado mais envolvido no meio associativo, mas a sua profissão e o facto de ter lojas abertas ao público, não lhe permitem ter muito tempo disponível. Ainda assim, faz parte da Academia do Bacalhau de Paris. Assume que ser português, para si, é um orgulho. “Ser português é ser uma pessoa trabalhadora, respeitada e respeitadora, como a imagem que temos em França”. Aos portugueses, deseja que tudo corra bem, sobretudo aos emigrantes que cá estão. Não devemos ter vergonha de ser portugueses, nunca farei isso. Aliás, os meus filhos e os meus netos falam português, é uma forma de impor a nossa cultura”.

Com o Alto patrocínio das marcas e empresas







**Local de nascimento:**

Arcos de Valdevez, Portugal

**Onde vive:**

Estados Unidos da América

**Actividade:**

Empresário na área da restauração



## Joe Cerqueira

José António Neto Cerqueira é um homem do mundo e já levou comida a três cantos diferentes. Nasceu em Portugal e começou a trabalhar na restauração ainda jovem, mas nos anos 70 lançou-se à estrada e mudou-se para França. Uns anos mais tarde decidiu abandonar a Europa, atravessou o oceano e foi parar à Venezuela. A ilha do Caribe conquistou-o e ainda hoje gostava de viver perto daquele mar, mas foi a norte do continente americano que fez a sua carreira. Mudou-se para os Estados Unidos ainda nos anos 80 e por lá ficou até hoje. Joe Cerqueira, assim conhecido nos Estados Unidos, continuou sempre ligado à restauração, mas também está envolvido na área jurídica e bancária. O Rocco's Restaurant é o seu último projeto. "Um amigo meu, Salvador Couto e o seu filho, amigos de longa data, decidimos fazer um projeto juntos. Procuramos várias situações, mas nunca se concretizou. Este projeto apareceu porque ele teve a oportunidade de adquirir a propriedade, que vinha com este restaurante e logicamente quando ele se aproximou de mim para saber a minha abertura para este projeto, obviamente que a resposta foi positiva. Eu conhecia a casa", explicou o início do projeto.

José considera-se "um homem feliz" e diz que nunca acorda maldisposto. "Sou uma pessoa bem-disposta por natureza". O sorriso fácil vai mostrando essa faceta, assim como a simplicidade das respostas. Há cerca de 40 anos nos Estados Unidos, Joe diz que não se arrepende das decisões que tomou e se voltasse através provavelmente faria tudo igual.

Apesar de ter vivido sempre dedicado à restauração, gostava de se envolver na política, mas falta-lhe tempo para realizar esse sonho. "Gostava de me envolver mais na política, mas requer muito tempo, muito trabalho e muita atenção e eu, por causa das minhas outras tarefas, não tenho tempo de me envolver, mas gostaria", afirma. Como referência nessa área tem o antigo presidente norte-americano Ronald Reagan, que governava os Estados Unidos quando José Cerqueira emigrou para o país nos anos 80.

Aos 60 anos e com uma carreira sólida na restauração, Joe Cerqueira acredita que as pessoas "quanto mais trabalharem, mais sorte têm", e é essa ambição que os pode tornar "Portugueses de Valor".



**Local de nascimento:**

Santa Cristina de Longos, Guimarães

**Onde vive:**

França

**Actividade:**

Chefe de obras e autarca



## Jorge Gomes

Jorge Gomes nasceu em Santa Cristina de Longos, em Guimarães, em 1978, e recorda com saudade os tempos das vindimas com os avós. É mais um caso de emigração portuguesa. Chegou a França, com os pais, com 12 anos de idade, corria o ano 1991. Aos 16 começou a trabalhar na área da construção civil. Hoje, divide o seu tempo em duas profissões bem distintas: é chefe de obras num local de construção no principado do Mónaco, e é também maire-adjoint na cidade de Beausoleil, no sul de França. “Comecei a trabalhar muito cedo em Portugal, mal saí da escola. Só quando emigrei com os meus pais para França é que voltei à escola até aos 16 anos, altura em que parei para começar a trabalhar no sector da construção civil com um amigo, numa empresa no Mónaco”. O interesse pela política surgiu nos inícios durante os anos 2000. “De 2000 até 2004 fui proprietário de um bar e restaurante aqui em Beausoleil, e na altura o presidente criava-me bastantes problemas, queria fechar-me o estabelecimento por causa dos clientes, porque ao fim-de-semana juntava muitas pessoas para verem os jogos de Portugal. O presidente da altura prejudicou-me e isso foi uma motivação para mim, para me alinhar ao lado do atual presidente, que surgiu em 2008, quando aceitei o desafio de fazer parte da lista dele”.

Um dos sonhos que tinha para a sua vida já o concretizou: ser pai. Jorge Gomes tem hoje três filhos. O outro sonho, faz por o realizar diariamente: “ser feliz e ver as pessoas felizes à minha volta”. Para si, que está fora do país, valoriza muito a entreeajuda e a solidariedade entre todos. “Estamos fora do país e sente-se muito a falta de Portugal, por isso entre nós somos muito solidários”. Ao nível associativo, Jorge Gomes também deixa a sua marca. “Temos o Rancho Folclórico de Beausoleil, 100% português, e que apoio no que posso ao nível da câmara. Recentemente criamos outra associação cultural em que o objetivo é fazer um protocolo de acordo com o Governo português para várias ações durante o ano de intercâmbio com escolas portuguesas”. Para si ser português é um orgulho. Considera-se patriota em muitos sentidos e, sendo o seu país de origem, o sentido daqui a 20 ou 30 anos será igual. A todos os portugueses deixa uma mensagem para sejam “solidários uns com os outros. Devemos apoiar-nos uns aos outros, é importante sobretudo para quem está fora do país, isso dá-nos motivação para avançarmos melhor no dia-a-dia”.



**Local de nascimento:**

Alcabideche, Cascais

**Onde vive:**

França

**Actividade:**

Advogado



## Jorge Mendes

Jorge Mendes é hoje um conceituado advogado do sul de França, mas as suas origens pertencem a Cascais. Viveu até aos sete anos em Portugal, de onde tem ainda memórias do bairro onde morou, de vizinhos, da sua primeira bicicleta e da escola que frequentou e onde fez a primeira classe. Chegado a França em 1977, foi aqui que deu seguimento ao seu percurso académico. Assume que teve um fácil e rápido período de adaptação a Paris, cidade onde a família se instalou. “Não sofri muito na integração, nunca senti um mau acolhimento. Não me lembro como aprendi a língua francesa, surgiu rápido e de forma natural”. Sempre continuou a falar português em casa, o que lhe permite hoje dominar bem as duas línguas. Foi na região parisiense que fez os seus estudos secundários, mas quis completar o 12º ano em Lisboa, no Liceu Francês. “Permitiu-me descobrir melhor a minha cidade e o meu país, com 18 anos”. No final deste ano, regressa a França, agora para a região sul, onde ingressa numa Universidade de Direito. Saiu com Doutoramento em Direito, tendo lá estado durante nove anos como estudante e assistente universitário, tendo dado aulas durante alguns anos. “Só fui advogado aos 33 anos, com uma média de sete anos de atraso, porque preferi ficar na Universidade a dar aulas”. Quando chegou a hora de abraçar o mercado de trabalho, Jorge Mendes questionou qual a sua diferença perante os outros advogados. “Era a língua. Então comecei a trabalhar com a comunidade portuguesa. Frequentei festas, sardinhas, bailes, e foi assim que, pouco a pouco, os clientes foram aparecendo”. Hoje, Jorge Mendes tem um gabinete com vários advogados e assistentes lusófonos, em Marselha. O seu sonho era ter um trabalho que lhe permitisse contactar com os dois países (França e Portugal) e, isso, está-se a realizar diariamente. “Era o que eu queria, ter uma ligação sempre com Portugal e, ao mesmo tempo, ter um trabalho liberal. Agora, o meu sonho é poder passar alguns meses, quem sabe alguns anos, em Portugal, também para os meus filhos terem mais contacto com a língua”. Na sua vida e na sua profissão salienta o carácter que mantém e a acessibilidade para as pessoas. “Tenho sempre um olhar atento às pessoas”.

Jorge Mendes é o presidente da delegação regional da Câmara de Comércio Franco-Portuguesa no Sul de França. Criei a Association Culturel de Beausoleil e é ainda o responsável por uma associação de eventos culturais no sul de França. No Sul há poucas instituições e associações, não é como em Paris, mas eu estou a tentar criar eventos e associações para que depois possam continuar com outros. É assim que vejo as coisas, tentar implementar uma vida associativa no sul de França”.

Apesar de ter a sua vida implementada em França, Jorge Mendes orgulha-se de seu país, Portugal, e quer sempre representar de forma digna as suas raízes portuguesas.



**Local de nascimento:**

Lisboa

**Onde vive:**

Portugal

**Actividade:**

Advogado



## José Abel de Andrade

O pai era advogado, o irmão também e, por isso, foi mais a advocacia que escolheu José Abel de Andrade do que o contrário. Estudou Direito em Lisboa e desde que terminou o curso que tem exercido a profissão. Considera que dá sempre o seu melhor para responder às necessidades daqueles que o procuram. Diz ser um homem teimoso, mas, antes de formar uma opinião, ouve todas as opiniões dos outros. É calmo e diz-se “avesso a litígios incontroláveis”.

Tem uma paixão relativamente recente, mas profunda, pela Moldávia. O país entrou na vida de José Abel de Andrade um pouco por acaso, mas nunca mais saiu. Vai lá sempre que pode, tem amigos no país e diz que encontra nesse cantinho da Europa um pouco do que era Lisboa há 50 anos atrás.

Considera a felicidade um estado difícil de alcançar e um conceito sempre em mutação. No limite, diz, “comer, beber e respirar”, é tudo aquilo de que precisamos para construir a felicidade.

Sonhos tem muitos, tempo para os pôr em prática tem pouco. Mas vai sonhando. “Se não se sonhar, não acontece nada. Assim, alguma coisa há-de acontecer”.



**Local de nascimento:**

São Miguel, Açores

**Onde vive:**

Estados Unidos da América

**Actividade:**

Empresário



## José da Ponte

De Portugal ganhou o gosto pelo mar e pelos barcos. José da Ponte nasceu em 1956 na freguesia do Pico da Pedra, em São Miguel. Localidade tipicamente rural, a família subsistia da agricultura, atividade à qual se dedicavam. "Ainda hoje as pessoas se admiram como é que eu passei de lavrador para construtor de barcos", afirma. "A freguesia onde nasci não tinha mar, ficava bem no meio da ilha, mas já nesse tempo sempre que eu via um barco, sentia algo especial", conta. Nasceu nos Açores, mas é nos Estados Unidos da América que tem realizado o seu sonho: trabalhar com barcos. Emigrou em 1973, cheio de vontade e ambição. Chegou com 17 anos aos Estados Unidos da América com a família à procura de melhores condições de vida. Se fosse hoje, pensa que talvez não tivesse emigrado. "Portugal desenvolveu muito, mas na altura procurávamos uma vida melhor", conta. "Quando cheguei à América fui trabalhar para uma fábrica de tapetes, mas estive lá apenas dez meses. A grande memória que tenho é que vim ganhar 1,90 dólares à hora", recorda o agora empresário de sucesso. A fábrica de tapetes ficava bem ao lado do mar e, todos os dias, José da Ponte via as embarcações a passar. Na altura, construir e trabalhar com barcos era apenas um sonho. Mas esse sonho tornou-se realidade, à base de muito trabalho e espírito de sacrifício. Dois anos depois de estar em solo americano, numa visita aos Açores conheceu aquela que viria a ser a esposa e companheira de vida - Rosa da Ponte. Já casados, é nos Estados Unidos que a vida do casal se constrói, sempre em conjunto até hoje. Tendo começado a sua atividade profissional numa empresa de confeção de tapetes, rapidamente José da Ponte arranhou forma de integrar uma empresa de construção de barcos, onde o seu pai já trabalhava. Começou assim a grande odisseia de José da Ponte no mundo dos barcos, até que decidiu arriscar e criou a sua empresa em 1998. "Comecei a fazer barcos de 18 e 20 pés, criei ainda mais gosto e quis aumentar o negócio. Começamos a fazer modelos maiores e, hoje em dia, temos à volta de 12 diferentes modelos, barcos de 12 e 14 metros, que é o maior que temos".





**Local de nascimento:**

Alfaião, Bragança

**Onde vive:**

Portugal

**Actividade:**

Comandante de Bombeiros



## José Fernandes

José Fernandes nasceu em 1958 na freguesia de Alfaião, do concelho de Bragança. É precisamente aqui que hoje é visto como um herói, não fosse o Comandante dos Bombeiros de Bragança. Ainda hoje se recorda na entrada na escola, com apenas sete anos e atividades que fazia com amigos de então. “A partir do fim de Maio nós, na minha aldeia, íamos com as vacas para o rio. A partir de Junho levávamos a merenda, guardávamos as vacas e íamos nadar”. Seguiu-se o liceu, que completou até ao 7º ano, indo depois para a tropa. Há 40 anos que José Fernandes é militar. Começou como sargento, correu várias unidades do país, concorreu ao Instituto Superior Militar, em Águeda, e transitou para o curso de Oficiais. Foi promovido várias vezes, até ao posto que hoje desempenha, de Tenente-Coronel. Sente-se um homem realizado e com todos os sonhos alcançados, até mais do que algum dia pôde imaginar. “Nunca pensei desempenhar funções nobres como as que desempenho agora. Temos de ter disponibilidade 24 horas por dia, 365 dias por ano. Nas recordações que eu tenho, eu sempre gostei de ser militar. Recordo-me quando andava no liceu e admirava os militares fardados no quartel de Bragança. Felizmente concretizei este sonho e fiz tudo o que queria fazer”. É casado há 35 anos e tem dois filhos, ambos a viver atualmente no estrangeiro.

Um dos seus lemas de vida é questionar-se o que pode dar aos outros. “A vida já me deu muito. É isso que tenho feito nestes últimos 14 anos que estou a comandar os Bombeiros de Bragança. Nós temos feito muito, e ajudamos muita gente. Não nos interessa quem é, mas sim onde é para socorrer o mais depressa possível. Inicialmente estive aqui requisitado pelo exército, e era o exército que me pagava. Agora, estou aqui a título totalmente voluntário, sou um dos muitos voluntários que trabalham nesta casa. Estou a concretizar um sonho e uma ambição pessoal”.

Se há profissões que são solidárias, ser bombeiro é uma delas. Mas, além disso, José Fernandes é ainda presidente da Liga dos Bombeiros do Núcleo de Bragança. Para si, ser português é um orgulho imenso. “Se há coisas que os militares fazem é amar e defender a sua pátria, inclusive com o sacrifício da própria vida. Todos os portugueses devem ter o maior orgulho em serem portugueses. Nós, já dominámos o mundo, hoje em qualquer canto do mundo encontramos um português”.



**Local de nascimento:**

Vila Nova de Gaia

**Onde vive:**

França

**Actividade:**

Presidente do Sporting Clube de Paris



## José Lopes

José Lopes é uma figura incontornável da história do futsal em França. Mas até alcançar esse estatuto, teve muito sangue, suor e lágrimas. Nasceu a 7 de Maio de 1946 em Vila Nova de Gaia, altura que era o pós-II Guerra Mundial e, por isso, tempos de pobreza e muita dificuldade. José recorda-se da fome que passou, de ir à sopa popular, à Igreja e de andar de pé descalço. Seguiu-se o tempo do Salazarismo em Portugal, mas as condições na sociedade não melhoraram muito. Começou a trabalhar ainda antes dos 14 anos, sendo tipógrafo, actividade que interrompeu para cumprir o serviço militar na Guiné-Bissau, entre 1968 e 1970. Regressado a Portugal, foi-lhe negado o seu posto de trabalho na tipografia, o que revoltou José Lopes. “Estive a servir o meu país e quando cheguei negaram-me o meu local de trabalho”. Recorreu ao sindicato dos tipógrafos e, por essa ação, começou a ser perseguido pela PIDE, que nunca mais o largou. “Nunca fui revolucionário, mas como fui ao sindicato, era visto como opositor ao regime”. José Lopes teve de fugir para França, como muitos outros. Estava traçado que o desporto ia ter uma grande influência na vida de José Lopes. Foi através do futebol que entrou para uma empresa americana em França. Os seus dotes enquanto jogador conquistaram a firma para disputar o campeonato corporativo, um torneio entre empresas. “Comecei do zero, e no fim eu saí da empresa a dirigir toda a gente”. A história do Sporting Clube de Portugal começa quase por brincadeira. Um conjunto de miúdos, no 13º bairro de Paris, desafiou José Lopes a treiná-los para um torneio que estaria a começar. Só houve o tempo de comprar rapidamente 15 camisolas e colocar-lhes os números com um ferro de passar a roupa. A equipa ganhou o torneio e José Lopes decidiu montar uma equipa, recorrendo à prefeitura. Estava no ano 1982, e dava-se assim o início do Sporting Clube de Paris, uma equipa que revolucionou o futsal em França, ganhou campeonatos, taças e chegou às meias-finais da Taça da Europa. José Lopes é feliz por saber que este seu projecto tem continuidade, sendo um dos filhos treinador de futsal e um dos que tem mais títulos em França. Homem de uma grande simplicidade, José Lopes sente-se incomodado com os excessos e estragos de comida que hoje se vê no mundo, pela pobreza que já teve de passar na vida. Gosta de ajudar jovens condenados, dando-lhe uma oportunidade de trabalho colaborativo no Sporting. “Não é por uma asneira que a situação é grave, e nós aqui ajudamos esses jovens”. Tem muita vaidade em ser português, e já a tinha há 50 anos atrás, quando os portugueses eram gozados em França. É com vaidade também que mostra a sua tatuagem de “sangue, suor e lágrimas”, cravada no braço e que retrata a sua ligação à sua pátria. José Lopes recebeu um diploma do general António de Spínola e foi recentemente condecorado com a Medalha de Mérito do Governo Português, entregue pelo Secretário de Estado do Desporto.



**Local de nascimento:**

Linhares da Beira

**Onde vive:**

França

**Actividade:**

Empresário



## José Luis Rodrigues

Emigrou para França depois do 25 de Abril, em Setembro de 1974, porque era natural de uma região desfavorecida, sem condições para singrar na vida. Tenta guardar a entidade portuguesa com a ideia de um dia regressar ao país. Sempre que teve oportunidade investiu em Portugal, mas acha que nunca foi reconhecido pelo trabalho que realizou até hoje. Para si, a maioria dos portugueses são patriotas e nostálgicos do país.

Define os portugueses como trabalhadores, que se adaptam facilmente nos países de acolhimento e aponta o dedo ao seu individualismo. Quanto a obras sociais, sente-se honrado por ter feito parte, durante doze anos, do Conselho Económico do Santuário de Nossa Senhora de Fátima em Paris. Na sua empresa, tem actualmente doze trabalhadores portugueses, dois dos quais com cerca de trinta anos de casa.

Figura histórica tem uma admiração por Fernando Pessoa. Dedicar-se a praticar golfe, uma das suas grandes paixões, e gostaria de conhecer todos os campos de golfe, do Minho ao Algarve. Expressa o desejo de que a comunidade portuguesa, nomeadamente em França, continue a evoluir positivamente, que os portugueses sejam mais unidos e que sejam orgulhosos dos êxitos dos compatriotas.



**Local de nascimento:**

Lisboa

**Onde vive:**

Portugal

**Actividade:**

Empresário e Engenheiro



## José Manuel Fernandes

José Manuel Fernandes nasceu em Lisboa em 1945, mas é natural de Matosinhos, onde passou toda a sua infância. Lembra-se, da sua infância, de todo um esforço da família para sobreviver e a sua passagem pela escola primária e secundária, onde teve a possibilidade de fazer uma paridade com o sistema que hoje as crianças estão submetidas na parte do ensino, comparar sistemas e comparar resultados. “Essa infância para mim está muito viva”. A engenharia é a base da Frezite, e é a paixão de José Manuel Fernandes, o rosto do grupo. Fez uma formação a partir da escola industrial, sendo licenciado em Engenharia Mecânica pela FEUP/Universidade do Porto e bacharel em Electrotecnia e Máquinas pelo ISEP. Com 14 anos de idade, começou a trabalhar na indústria de bens de equipamento e transaccionáveis, tendo-se mais tarde especializado em áreas ligadas à produtividade, controle numérico, gestão de investimentos em ambiente CNC pela ADEPA, em França, gestão empresarial pelo CIFAG/IAPMEI. “Eu, desde novo, apercebi-me que a transformação dos materiais e as skills da indústria era a minha vocação. Sou um engenheiro nato e, sobretudo, virado para a área da produtividade. Costumo dizer muitas vezes, em conferências, que entre dois pontos só defendo a linha recta. De maneira que fazer uma curva é perder tempo, dinheiro e aumentar os custos”.

José Manuel Fernandes é autor de vários artigos sobre estratégia político-empresarial em seminários económicos, além de conferencista com múltiplas intervenções em Portugal e no estrangeiro. Em 1978 fundou a Frezite e desde 1976 que está ligado ao movimento associativo empresarial – AEP, CIP, AIMMAP, AEBA – e foi membro do CGS da EDP. É, também, membro do Conselho de Curadores da Universidade do Porto e consultor empresarial. “Ao longo da vida tentei ter um percurso permanente de aprendizagem e assumindo competências e especializações em diversas áreas da gestão, e não só, na medida em que trabalhamos sempre ligados a projectos empresariais dos bens transaccionáveis, normalmente bens de equipamento e sempre em actividades de exportação e de internacionalização da actividade económica das empresas onde trabalhamos”.

Este futuro estaria reservado, porque José Manuel Fernandes sempre sonhou em liderar um projeto. “Ter desafios de fazer coisas”, era a ambição que tinha. Para si, integridade é o mais importante, assim como a sua vida possa ser um exemplo entre aquilo que diz e aquilo que faz. “Isto tem de estar sincronizado. O primeiro ato de uma boa liderança é o exemplo”.

A mensagem para todos os portugueses “é que nós temos de ter orgulho pelo passado da nossa história e temos de ser portadores dessa mensagem de continuar a desbravar mundos, quer pelas nossas atividades profissionais, quer através da cultura, quer através da família, temos de o fazer onde quer que a gente esteja”.



**Local de nascimento:**  
Monsanto, Idanha-a-Nova

**Onde vive:**  
Portugal

**Actividade:**  
Empresário



## José Pascoal

A aldeia de Monsanto viu nascer em 1953 um homem destinado ao sucesso. O tempo viria a reservar-lhe um futuro ao volante de camiões. Da infância, José Pascoal recorda os jogos de futebol e as brincadeiras entre amigos. Foi cedo que começou a trabalhar, começando por ingressar numa empresa de montagem de postes de alta tensão, onde já andava com camiões e gruas. O gosto pelo transporte também lhe veio do pai, que já era a sua profissão. Com 34 anos comprou o seu primeiro camião, hoje tem uma frota de 320 camiões. Num intervalo de 36 anos criou, alicerçou e colocou o nome Transportes Pascoal no mercado. Mercado nacional, mas também internacional, estando hoje a empresa fisicamente em Vitória e Madrid, em Espanha, Paris e Lyon, em França, Inglaterra e Bruxelas. Apesar do sucesso empresarial, fruto do seu empreendedorismo, José Pascoal confessa que nunca foi sonhador. “Fui sempre terra a terra, até nunca sonhei chegar onde cheguei. Muito trabalho, transparência, honestidade, sinceridade e justiça são tudo para mim”. José Pascoal não tem esquecido também a vertente solidária e benévola. “Temos apoiado várias instituições e, na altura dos incêndios, compramos e plantamos cerca de 1000 árvores”. Orgulhoso de ser português, José Pascoal deseja que todos os seus compatriotas “continuem a desbravar os caminhos que sempre desbravámos e que sempre continuamos a descobrir e a evoluir não só no nosso país. Demos provas que quando avançamos para outros países conseguimos levar o nome de Portugal aos quatro cantos do mundo”.



**Local de nascimento:**

Sintra

**Onde vive:**

França

**Actividade:**

Bancário



## José Roussado

José Roussado nasceu em Sintra, em 1954, e assume ter tido uma juventude feliz. Passando pelo teatro e pelo desporto, José Roussado teve a oportunidade de ser treinado pelo Professor Moniz Pereira e por Eduardo Cunha enquanto atleta do Sporting. Assume que a juventude também se marca pelo percurso escolar, e neste ponto José Roussado passou pela Escola Industrial do Cacém e pelo Liceu de Sintra. Ainda jovem, foi durante as férias escolares, nos meses de Junho, Julho, Agosto e Setembro que começou a trabalhar em fábricas da região. Aos 19 anos, quase por acaso, e sem intenção de emigrar, chegou a França, onde se mantém até aos dias de hoje. “Vim para França um ano antes do 25 de Abril, por diversas razões. Contudo, tive a sorte de ter uma mãe destemida, pois conseguiu uma coisa, na altura, que ninguém conseguia: o passaporte para vir para o estrangeiro. Inicialmente vinha para passear, mas acabei por encontrar qualquer coisa e fiquei por aqui. Instalei-me no Paris 20, onde fiquei até 1975”, recorda.

A sua ligação à comunidade portuguesa sempre foi muito forte, tendo sido eleito em 1984, pela primeira vez, Conselheiro das Comunidades Portuguesas. Repetiu a eleição em 1987. Foram vários os momentos associativos de que se recorda. “Em 1985 fui a uma reunião a Estugarda e em 1987 estive presente na reunião mundial, em Albufeira”. José Roussado fez também parte da Associação Portugal de Abril, da qual destaca sobretudo a organização de um grande espetáculo na Mutualité com Carlos do Carmo e Linda de Suza. “Um espectáculo de casa cheia, gente na rua, desesperados por não conseguirem entrar na sala”. Em 1985 fundou, juntamente com Jaime Alves, a ARCOP de Nanterre. A associação organiza anualmente um dos maiores eventos da comunidade portuguesa: a Feira de Nanterre.

A proximidade com a comunidade portuguesa permite-lhe ver e analisar a relação da diáspora com o seu país. “Os portugueses que vivem aqui estão próximos, mas ao mesmo tempo distantes do nosso país. Próximas pela convivência com as suas famílias e a sua realidade, mas distantes porque não se interessam por aquilo que se passa e se vive em Portugal. Criam-se mesas de voto em França aquando de eleições em Portugal e não se registam votos. Neste aspecto há uma distância. Ainda assim, nos eventos portugueses aqui em França, há uma grande adesão”.

Por isso mesmo, a mensagem de José Roussado é clara. “Gostava que os portugueses se implicassem mais na sociedade onde vivem. Há um trabalho muito grande a fazer para que os portugueses se integrem mais na vida política e cívica em França”.



**Local de nascimento:**

Montelavar, Sintra

**Onde vive:**

França

**Actividade:**

Empresário



## José Ventura

José Ventura nasceu no ano de 1960, na vila de Montelavar, concelho de Sintra, local onde passou a sua infância. Vivia perto do campo e os seus avós tinham animais de criação, por isso sempre teve grande liberdade e contacto com a natureza. Foi criado nesse meio até ao falecimento do avô materno, que era o núcleo da família. Nesse momento decidem emigrar para França e começar uma vida nova. “Eu vim juntamente com a minha mãe e a minha irmã, mais nova, a salto”. Já em França, continuou na escola a muito sacrifício, sem saber falar francês. Fez um CAP (Certificado de Aptitude Profissional) como serralheiro civil, área que escolheu não prosseguir, porque acabou por se instalar com um sócio no ramo do calçado. Quando o seu primeiro sócio foi morar para o Brasil, José associou-se a um dos seus fornecedores e manteve a empresa, que ainda hoje dirige, a MENPORT, especializada na venda para revenda de calçado. “Comecei nos sapatos em 1985, tinha 25 anos, foi uma vida de muito sacrifício, tinha sido pai há pouco tempo. Não éramos muito conhecidos, e fazer o nosso lugar no mercado foi complicado. Hoje temos mais de 30 anos de casa, somos reconhecidos pela qualidade e seriedade no trabalho”.

José caracteriza-se como alguém com o certo excesso de ambição, o que o levou a dar propriedade ao seu trabalho sobre a sua vida pessoal, algo que de certa forma lamenta. Diz-se uma pessoa fácil de lidar, e julga que a sua maior qualidade seja talvez a franqueza. Estar com a sua família e tentar viver o melhor possível com as pessoas com quem convive é algo de muito importante para si. Sempre sonhou em conseguir deixar algo de bom para as filhas, fruto da educação que teve, e sente que o conseguiu. “Estamos de passagem, mas sempre fui ambicioso em criar a minha própria empresa, ser dono de mim próprio, com muita luta”. José não abdica da seriedade em tudo na vida e de ser bom para os outros.

Faz parte da Academia do Bacalhau de Paris, sendo um dos membros mais antigos, sempre gostou de conviver e ajudar o próximo. Também apoia instituições francesas também ligadas a doenças. Diz também que não abdica de forma alguma das suas férias em Portugal.

Considera que os portugueses se têm, ao longo do tempo, afirmado como um povo sério, trabalhador e pontual, “qualidades que são reconhecidas em qualquer parte do mundo. Para mim ser português é ser reconhecido pela honestidade e ser amigo do próximo. Sou muito patriota, gosto muito de Portugal, tenho lá casa, vou assim que posso. Uma das minhas filhas já vive lá. Gostava que todos os portugueses fossem orgulhosos daquilo que somos. Temos pessoas de muito valor, somos reconhecidos pela nossa seriedade no nosso trabalho”.



**Local de nascimento:**

Pinela, Bragança

**Onde vive:**

Portugal

**Actividade:**

Artesã



## Julieta Alves

Julieta dos Anjos Alves nasceu a 13 de Maio de 1953 na aldeia de Pinela, concelho de Bragança. Recorda-se bem, e com saudade, da sua infância. “Não éramos ricos, mas tínhamos um bocadinho de tudo. Tenho imagens de brincar, de andar sempre na rua, não era como nas grandes cidades. Foi uma infância de participar um pouco em tudo o que se passava na aldeia. Fazíamos jogos na rua, brincava com vizinhos”, lembra. Completou a quarta classe e começou a trabalhar em Bragança, tomando conta de uma criança e posteriormente de uma pessoa idosa. Apenas regressou a casa na altura em que a mãe tivera mais um filho, ajudando nessa missão, mas começando também a trabalhar na plantação de lúpulo. Atividade que durou até aos 17 anos, altura em que, como tantas outras raparigas de Pinela, saiu da aldeia para emigrar para França. Aproveitou o dia de festa na aldeia, em pleno mês de Agosto, para que ninguém desconfiasse, para fugir para território francês. Em França, trabalhou como empregada de casa, indo ao longo do tempo melhorando as suas condições de trabalho sempre que mudava de local de emprego. Em determinada altura, o marido ficou sem trabalho e decidiram abrir uma empresa de limpeza, área que o marido tinha formação. “Aprendeui a trabalhar com produtos de limpeza profissionais. Começamos em 1983, e nunca fizemos publicidade, foi um trabalho porta a porta”. Anos mais tarde, a família decide regressar a Portugal, à sua terra natal: Pinela. Foi nesta altura que Julieta Alves investiu na sua paixão pelo barro. Não trabalhava no barro, mas, na sua meninice e juventude, acompanhava vizinhos e familiares na arte da olaria, observava com interesse e conta que o barro sempre fez parte da sua essência. Por isso, quando regressou à terra, já mulher madura, decidiu recuperar aquela arte entretanto perdida. Diz que trabalha por amor e com paixão, pelo barro. Hoje, é a única artesã que faz louça de Pinela. Ao longo da sua vida, deu valor à família, trabalho e saúde. “A partir daí, o resto vem tudo por acréscimo”.

Sempre foi uma pessoa benévola, ajudando todos quanto precisassem. Espírito que transmitiu também aos seus filhos. “Ajudei portugueses a arranjar trabalho, emprestava dinheiro, dava de comer. Mesmo agora em Pinela, aqui faço voluntariado no centro”. Para si, ser portuguesa significa muito. “Quem está lá fora, e teve de deixar o país onde nasceu, é complicado, porque uma parte de nós fica sempre em Portugal. Ao longo do tempo vinham as saudades. Sinto que damos mais valor a certas coisas de Portugal do que as pessoas que estão cá e não sabem o que é abandonar o país, deixar para trás a nossa vida. Eu sei que há países bonitos, mas, para mim, Portugal é o país mais bonito do mundo. Quando oiço falar mal dos portugueses que estão lá fora fico enraivada. Desejo, acima de tudo, que tenham muita sorte, que Deus os abençoe e proteja, e que tenham muita coragem porque trabalhar fora não é aquilo que as pessoas pensam, é difícil. Nós adaptamo-nos, mas há um pedacinho do coração está sempre em Portugal”.







**Local de nascimento:**  
Bidoeira de Cima, Leiria

**Onde vive:**  
Portugal

**Actividade:**  
Empresário



## Luís Carreira

Luís Carreira nasceu em 1949 na freguesia de Bidoeira de Cima, pertencente ao concelho de Leiria. Com uma infância feliz e de boas memórias, fruto de origens humildes, Luís estava longe de imaginar que se viria a tornar um empresário de sucesso. Começou a trabalhar com 12 anos de idade, altura em que o sector da agrícola trabalhado pelo pai não o agradava. Tentou sair de casa para trabalhar e começou num serviço precário, transportando barro em carrinhos de mão. Foi também aprendiz de pedreiro antes de ir para França, uma aventura que durou três anos e meio, mas que serviu para evitar o serviço militar. Ainda assim, apresentou-se fora do prazo e foi-lhe atribuída uma missão de dois anos em Angola. Aí, aproveitou o seu tempo para tirar a carta de condução de pesados e profissional, e ainda um curso de construção civil e decoração, atividade que adora. Regressado a Portugal, começa logo a trabalhar como pedreiro e inscreveu-me como empresário a 11 de Abril de 1974. Passado uns dias acontece o 25 de Abril e, com algumas obras adjudicadas, perde algum dinheiro com o crescimento da inflação. Ganhou coragem e determinação para continuar a trabalhar e a progredir como empresário de forma a recuperar o dinheiro perdido. Constituiu empresa com a sua esposa e algum tempo depois surgiu a oportunidade de comprar uma empresa de materiais de construção da qual era cliente. Fê-lo juntamente com um irmão e logo a batizaram de Macolis. Um irmão passou a sociedade a outro e foram-se desenvolvendo duas áreas de atividade na Macolis: cerâmicos e climatização. A separação das áreas foi o caminho a tomar e Luís Carreira ficou o sector da climatização e canalizações. Hoje, a Macolis está presente em Leiria, Coimbra e Paris.

Luís confessa que nunca foi um homem sonhador, que apenas desejava fazer amanhã melhor do que hoje. E se conseguiu chegar até aqui, devo-o à honestidade do seu trabalho e à valorização dos recursos humanos. Tem uma vida de 45 anos de atividade ligada a coletividades, mas desejava sempre fazer mais pelo associativismo. Assume que quando instalou a Macolis em França, em 2013, ficou positivamente bem impressionado com a capacidade dos empresários portugueses em França. “Vi coisas que me entusiasmaram bastante e me deram força para continuar. Os portugueses são bem vistos em termos de laboração de trabalho, mas como empresários não ficam nada atrás. Para eles, os meus parabéns”.



**Local de nascimento:**

Coimbra

**Onde vive:**

França

**Actividade:**

Empresário



## Luis Neto Ferreira

Luis Neto Ferreira iniciou a vida profissional numa carpintaria de uma serração, aos 14 anos. Aos 18, começou a trabalhar com o pai, que era pedreiro, na construção civil. Em 1986, teve a oportunidade de vir para França e aí trabalhou durante três anos para um patrão, até começar uma sociedade de construção.

Diz que foi “criado no trabalho” e não se arrepende de nada do que fez no seu percurso profissional, para o qual sempre despendeu a maior parte dos seus dias. Os pequenos prazeres que lhe dão mais entusiasmo na vida são os momentos em família e os convívios com os amigos. É apreciador na música de baladas calmas.

Portugueses

de valor



**Local de nascimento:**

São Mamede da Ventosa, Torres Vedras

**Onde vive:**

Nazaré, Portugal

**Actividade:**

Empresário



## Luís Silvério

Luís Silvério é uma verdadeira referência em Portugal na revenda de pescado fresco e congelado. O talento para esta arte passou de geração em geração e foi transmitido como uma herança da família. O avô já negociava peixe e o pai também fazia uma pequena distribuição na aldeia, mas os tempos eram diferentes e as dificuldades bem maiores. “Naquela altura a distribuição era feita com carroças e com burros. No tempo da escola, o meu pai punha-me em cima de um burro para ir fazer vendas de peixe às aldeias juntamente com os funcionários que ele tinha”, recorda. Luís não esconde a admiração que sente pelo pai e diz que ele foi uma das pessoas que mais o inspirou. “O meu pai não sabia ler nem escrever, mas vendia peixe pelas aldeias e tinha o seu livro de fiados onde apontava todos os fiados que fazia às pessoas através da numeração”. O empresário estudou em Torres Vedras na Escola Industrial, mas depressa trocou os livros pelo trabalho e arregaçou as mangas para se juntar ao irmão mais velho. “O meu irmão lançou-se por conta própria e começou a comprar peixe em Peniche e a levá-lo para a Ribeira Nova em Lisboa. Eu ainda andava na escola, mas disse que não queria estudar mais, fui ter com ele e aos 15 anos fui para a Universidade da Vida que era a Universidade da Ribeira em Lisboa”, diz-nos.

A Universidade da vida até pode ter sido exigente, mas hoje reconhece que o preparou da melhor forma. “Havia lá um senhor em Lisboa que tinha um armazém onde é hoje a Portugália. Eles escreviam umas letras muito mal feitas, mas eu tinha que ir para a porta do armazém conferir o peixe e tinha que perceber a letra que eles escreviam. Depois comecei a crescer e com apenas 21 anos já era empresário”, recorda. A empresa Luís Silvério & Filhos foi fundada em 1987 na Nazaré, onde ainda hoje têm um armazém. As suas instalações estendem-se a Peniche, Lisboa e, mais recentemente, em Valado dos Frades, onde a empresa detém uma nova e moderna unidade industrial. Parte do peixe comercializado pela empresa vem da Mauritânia, Marrocos, Senegal, Espanha, Noruega, Tanzânia, Uganda e África do Sul. Depois é distribuído pelo território português ou além-fronteiras, abastecendo grandes grupos como o Jerónimo Martins, Makro ou Ocean e navegando em novos mercados como é o caso do americano ou italiano. “Nós estamos a mandar sardinhas frescas para a América e para o Canadá, carapaus, peixes nobres de qualidade para os grandes restaurantes de Nova Iorque e para Itália para uma peixaria ultramoderna. Conseguimos fazer isso com bom produto, boa qualidade e temos orgulho em elevar o nome de Portugal”, afirma Luís Silvério. Luís Silvério garante todos os colaboradores são tratados como membros da família. O empresário diz sempre “aos mais novos que são todos filhos” e este carinho é retribuído pela equipa. A solidariedade também é um dos valores transmitidos, por isso, fazem frequentemente importantes doações para os Bombeiros Voluntários e apoiaram inclusive a viagem do surfista McNamara até à Nazaré para dinamizar a localidade. O nome do empresário é reconhecido e a opinião é unânime na cidade. “Eu acho que todos gostam de mim e eu gosto de todos”, diz-nos. O trabalho e a humildade caracterizaram o seu percurso e, hoje, Luís Silvério garante que é um homem feliz com as marés da vida.



**Local de nascimento:**  
Boalhosa, Ponte de Lima

**Onde vive:**  
França

**Actividade:**  
Empresário



## Manuel Alves

Manuel Alves nasceu numa pequena aldeia do concelho de Ponte de Lima. Em 1974 emigrou com a mãe até França juntando-se ao pai que já estava a trabalhar em Paris. Como ainda era muito novo, Manuel não foi logo trabalhar e durante dois anos ainda frequentou a escola francesa, mas quando fez 16, largou os livros e foi à procura do seu primeiro trabalho. Inicialmente não seguiu as pisadas de muitos portugueses e não foi parar à construção civil. Manuel deu cor a muitos jardins em Paris, mas como não gostava daquele trabalho, decidiu seguir o mesmo caminho da emigração, dedicando-se às obras. Atualmente tem uma empresa que faz a renovação de vários edifícios, assim como o seu design. Já teve um restaurante nos arredores da capital francesa com três sócios e amigos, em Ivry-sur-Seine. Manuel é natural de Ponte de Lima, precisamente, e manifesta um forte amor pelas suas origens, continuando a investir no país que deixou com apenas 14 anos. Tem vários apartamentos alugados na zona de Braga, é sócio de uma empresa de transportes e procura apoiar o país sempre que é possível. “Eu sempre gostei de ser português e onde eu vou digo em voz alta. Para mim é um orgulho ser de Portugal”, afirma. Mesmo em Paris procura dinamizar a comunidade portuguesa através de várias iniciativas. Manuel já organizou vários espetáculos com o rancho folclórico da sua terra natal, criou uma equipa de futebol e, através do novo restaurante, procuram dar a conhecer a gastronomia portuguesa, sendo inclusive o cozinheiro natural do Minho.

O empresário considera os portugueses patriotas, considera que estão perfeitamente integrados em França e prova disso são os elogios que recebem por parte dos franceses. “Eu acho que eles gostam de nós e durante o meu trabalho eu só ouço bons comentários sobre os portugueses. Somos pessoas bem vistas em França”, diz-nos. Na sua empresa 80% dos funcionários são portugueses e o colaborador mais antigo já está na equipa desde 1988, somando 33 anos. Manuel Alves é um homem discreto, não gosta que os holofotes se virem para a sua direção, mas o seu trabalho em França merece a atenção da comunidade, por isso, é nomeado para os Portugueses de Valor 2021.



**Local de nascimento:**

New Bedford

**Onde vive:**

Estados Unidos da América

**Actividade:**

Reformado



## Manuel Pedroso

Manuel Pedroso nasceu na América, foi criado em Portugal e voltou durante a Segunda Guerra Mundial respondendo ao apelo patriótico do presidente. Completou em Novembro de 2019 cem anos, uma marca só alcançada pelos mais resistentes. Nasceu em New Bedford, nos Estados Unidos. Os seus pais eram portugueses, de Alvados, a terra das grutas, ao pé de Mira de Aire, concelho de Porto de Mós. Emigraram em 1914 mas depois da Primeira Guerra Mundial tiveram de regressar ao seu país de origem. Manuel assim pisou solo português, onde foi criado e passou a ser português “como qualquer outro”, conta. Tinha 22 anos quando regressou aos Estados Unidos. “O Roosevelt fez um apelo a todos os americanos para regressarem”, recorda. O Japão tinha atacado há pouco Pearl Harbor (7 de dezembro de 1941) e o presidente Franklin Roosevelt declarava guerra também à Alemanha. Chegou e não falava nada de inglês. Como não podia ir para a guerra, acabou por ir construir barcos. Antes, ingressou numa escola para aprender a ser soldador. “Ajudei a fazer 150 navios de guerra, aqui nos estaleiros em Providence”. Em Providence ficou até hoje, onde constituiu família com Maria Pedroso, natural de Porto de Mós, de Zambujal de Alcaria. Conheceram-se jovens em Portugal e são casados há mais de 60 anos.

Hoje, já atingida a meta dos 100 anos Manuel Pedroso mantém ativo o negócio que entretanto criou: o Friends Market, o que parece uma típica loja de pequena cidade americana, diferenciando-se pela bandeira portuguesa na montra. Aqui encontra-se uma grande variedade de produtos portugueses.

As duas pátrias estão-lhe no coração de igual forma, e orgulha-se de ter ensinado português aos seus dois filhos. Até uma neta quis aprender o idioma dos avós. Já centenário, Manuel Pedroso diz que tenciona continuar a trabalhar. Já não vai há algum tempo a Portugal, mas conhece bem o país, incluindo a Madeira e esses Açores de onde são originários muitos luso-americanos da região. Apesar da distância, está a par de tudo o que se passa em Portugal, preocupando-se por se manter informado. Acima de tudo, valoriza a família, mostrando-se orgulhoso pelo núcleo familiar que construiu e que pretende continuar a manter unido.



DUARTE  
SAR 19



**Local de nascimento:**

Casais, Tomar

**Onde vive:**

Portugal

**Actividade:**

Empresário



# Manuel Ribeiro

Manuel da Silva Ribeiro nasceu na freguesia de Casais, em Tomar, corria o ano 1954. E é em Tomar que tem as principais recordações da sua infância, onde aqui passava fins-de-semana sem conta. Apesar de hoje residir em Lisboa, mantém com Tomar e os concelhos vizinhos uma forte relação de proximidade, com alguns amigos que ainda hoje se mantêm.

Estudou no ISEL, mas perante uma ameaça do pai de o obrigar a trabalhar nas obras caso não passasse de ano, Manuel Ribeiro encontrou uma alternativa. Passou a estudar à noite e encontrou trabalho no Instituto Nacional de Estatística, onde esteve durante nove anos. Aos 21 anos casou e com 28 iniciou-se como empresário no setor da construção civil. “Primeiro comecei com o meu irmão, e depois avancei sozinho”. É o responsável pela construção de inúmeros prédios em redor de Lisboa e também em Cascais. Em 2012, com a queda abrupta nas vendas, decidiu parar. Hoje, retomou a atividade, mas mais inclinado para os hotéis e residências universitárias.

Em 2014 abraçou o projeto da Casa do Adro Hotel, dando-lhe uma nova vida. Localizado no interior de Portugal, este hotel assume-me como um local de descanso e rodeado de tranquilidade. Um novo projeto hoteleiro surgiu entretanto na vida de Manuel Ribeiro: comprou o Hotel de Vila de Rei e está, também nele, a encetar uma profunda remodelação.

“Também fiz uma pequena residência de estudantes, mas agora estou a fazer uma com 156 estúdios, em Lisboa. Será fonte de rendimento para mim e para os meus filhos”.

Em criança, assume não ter tido grandes sonhos. “Apenas queria brincar e jogar à bola. Deus deu-me mais do que alguma vez pensei ter. Perante isso, só tenho de agradecer. No trabalho, sou teimoso e persistente. Só assim se consegue alguma coisa”. Neste momento, os seus objetivos são terminar os projetos que tem em curso. Para si, é essencial o respeito, o carinho e o amor do ser humano. Fez parte da Casa de Tomar, em Lisboa. Para si, o facto de ser português merece respeito.





**Local de nascimento:**  
Sever do Vouga, Aveiro

**Onde vive:**  
França

**Actividade:**  
Empresário



## Manuel Soares

Manuel Soares é natural de Sever do Vouga, no distrito de Aveiro, tendo nascido em 1964. A família é o principal elemento da qual se recorda da sua infância. Partiu com 17 anos para França e lá permanece até hoje. Começou por trabalhar com o seu pai numa empresa, mas rapidamente veio ao de cima a sua veia empreendedora. Criou a sua primeira empresa em 1988, lançando-se por mero acaso no mundo dos mosaicos, mas, pouco tempo depois, o mármore torna-se a sua paixão e hoje tem uma empresa de renome em Paris. Em 1994 cria a Real Marbre, empresa que perdura até hoje. A coragem e a seriedade são duas das características do povo português que considera terem-no influenciado na sua vida.

Para Manuel Soares o sucesso profissional que atingiu em França não teria sido o mesmo se tivesse ficado em Portugal, acredita que não lhe teriam surgido as mesmas oportunidades e também a necessidade de trabalho e vontade de vencer. Em pequeno, sonhava em poder construir uma vida profissional e pessoal se sucesso, passos que considera ter alcançado com sucesso. Ainda assim, tem sempre sonhos e objetivos a cada dia que passa: "agora é deixar traços da nossa passagem".

Construiu toda a sua vida com base na família, o que considera ser um dos valores essenciais na sua existência. Diariamente, acrescenta a seriedade e a motivação de ir sempre além do que faz no dia-a-dia.

Manuel Soares é membro ativo da Academia do Bacalhau de Paris, tendo já desempenhado as funções de vice-presidente e sendo, desde o início de 2019, presidente da Academia. Acha importante participar numa associação que ajuda as pessoas mais carenciadas. A maioria dos funcionários das suas empresas são portugueses, o que revela desde logo o seu patriotismo. Para si, ser português "é guardar as nossas raízes e guardar a nossa forma de pensar e nunca esquecer a nossa pátria". Como alguns portugueses a viver no estrangeiro, ajuda a economia do país tendo recentemente criado uma empresa em Portugal de produção e transformação. Define os portugueses como um povo patriota, trabalhador e corajoso, mas a quem ainda falta união e solidariedade. Acima de tudo, Manuel Soares deseja muita saúde e sucesso no dia-a-dia a todos os portugueses.



**Local de nascimento:**  
Curral das Freiras, Madeira

**Onde vive:**  
França

**Actividade:**  
Empresário



## Marcelino Ribeiro

Marcelino Ribeiro nasceu no coração da ilha da Madeira, mais concretamente no Curral das Freiras. Cresceu com os avós, pois os seus pais estavam emigrados em Inglaterra, e é deles que tem as maiores recordações da sua infância. Era de uma família pobre, obrigando-o a trabalhar desde novo. A partir dos 13 anos, ainda enquanto estudava, dedicada os fins-de-semana ao trabalho na construção civil. Com 17 anos abandona a escola e dedica-se em exclusivo ao trabalho. Surgiu-lhe a oportunidade de ir para Lisboa trabalhar num café, estando lá o tempo suficiente para tirar a carta. Não era a área que o fascinava e, por isso, regressou à Madeira e à construção. Conhece a sua esposa, que tinha nascido na França, mas já estava na Madeira com os pais. Depois de casarem, ainda tentam uma vida em Inglaterra, mas sem sucesso. Com os conhecimentos e a família que a sua esposa ainda tinha deixado em França, é para aí que decidem emigrar. Chegaram a terras gaulesas em 2004, permanecendo até hoje.

Em França, Marcelino Ribeiro foi parar à área que melhor conhecia: a construção civil. Ainda teve uma pequena experiência nos camiões, antes de se tornar sócio de uma empresa de construção, entre 2006 e 2008. Em 2009 decide criar a sua própria empresa, a CR9, dedicada à construção e renovação. “Como tenho paixão por camiões e máquinas, em 2015, criei uma empresa de aluguer de máquinas e camiões, a LS9. Eu sou um pouco ambicioso e vim com a ideia de ir o mais longe possível, ou seja, estabilizar e dar o melhor possível à minha família. Hoje digo que eu não esperava chegar onde cheguei. Sei que sou um pequeno empresário, mas já me sinto feliz com o que concretizei”.

É com humildade e sinceridade que Marcelino Ribeiro tem pautado os seus dias e tem conseguido sucesso nos projetos em que se envolve. Sente um enorme orgulho em ser português, mas também em ser madeirense, e deixa uma mensagem a todos os jovens que se querem lançar: “vão em frente, acreditem, mas não mudem quem são”.



**Local de nascimento:**

Coimbra

**Onde vive:**

Portugal

**Actividade:**

Vice-Reitora



## Margarida Mano

Margarida Mano nasceu a 3 de dezembro de 1963, na cidade dos estudantes, em Coimbra. Foi aqui que teve uma infância feliz, de onde ainda hoje guarda memórias de um carinho grande, de uma família pequena, mas alargada. “A infância marca-nos sempre. Embora tenha nascido e crescido em Coimbra, os pais eram de meios mais rurais e recorro com carinho experiências rurais, algumas delas, hoje, quase extintas. Por exemplo, de ver a matança do porco, fazer os enchidos. Lembro de aprender a andar bicicleta em caminhos junto ao rio Mondego. Ir ao rio era uma rotina, lembro das lavadeiras do Mondego. Tenho memórias de uma infância onde partilhava muitas experiências com crianças, algumas delas ainda se mantêm como amigas, que tinham os pais espalhados pelo mundo. Infância de afetos e de vivência diferente daquela que tive de oportunidade de continuar”.

Estudou sempre em Coimbra, sendo formada em Economia pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Entrou na faculdade em 1981 como aluna e apenas à pouco tempo saiu da UC. “Depois do curso fiquei como assistente estagiária e, ao fim de um ano, decidi que queria ir fazer outras coisas. Surgiu a oportunidade de um novo percurso, em que estive 10 anos na banca, no Português do Atlântico”. Ao mesmo tempo, fez o Mestrado e exercia funções no banco. Começou por técnica, mas exerceu funções de gestora de conta, gerente, diretora e, ao fim de dez anos, procurou um novo sentido para a sua vida. Decidiu fazer o doutoramento e, simultaneamente, recebeu um convite para ser administradora da UC. “Tinha 32 anos, não sabia muito bem o que era ser administradora de uma universidade, mas funcionou a motivação e a confiança de quem convida. De administradora, surgiu o convite para pró-reitora e vice-reitora, estive ao todo 15 anos”. Em 2015 começa outro período, de 5 anos. Considera um desafio inesperado e improvável, para quem a conhece. “Surgiu um convite pelo Primeiro-Ministro da altura para encabeçar a lista de Coimbra ao Parlamento. Ou seja, ser cabeça de lista pela coligação Portugal à Frente. Não tinha qualquer ligação partidária. Foi um período interessante, o período de campanha foi muito agradável, do contacto com as pessoas, e sentir a proximidade com as pessoas. No Parlamento aprendi muito, estive um mês como Ministra da Educação, em que foi um período curto, mas muito intenso”. Terminado este período regressou a ‘casa’ até que surgiu um novo convite, onde agora se encontra, para vir para vice-reitora da Universidade Católica. “Estou numa nova fase porque não conhecia nada desta instituição”.

Ao longo da sua vida, o que sempre a motivou foi aprender e conhecer coisas novas. “Uma das minhas aspirações era conhecer o mundo, conhecer pessoas e locais diferentes. Gostava ainda de ter ido ao Tibete. Gostava de estudar filosofia a sério, ou programar”, diz. Sobre os valores, valoriza a esperança. “O acreditar nos outros, em nós, acreditar que o amanhã vai ser melhor”. Considera o associativismo uma forma de estar importante. Fez parte da Associação Académica de Coimbra e, hoje, está como presidente da FORGES – Fórum de Gestão do Ensino Superior nos Países e Regiões de Língua Portuguesa. “Eu sinto um profundo orgulho em ser portuguesa, de pertencer a um povo inconformado, que há 500 anos deu novos mundos ao mundo. Somos um povo de diáspora, um povo do mundo”.







**Local de nascimento:**

Vila das Aves

**Onde vive:**

França

**Actividade:**

Empresária



## Maria da Conceição Silva

Maria da Conceição Silva nasceu no Minho e foi viver para França com a família quando ainda era uma adolescente. A mãe era conhecida por “trabalhar mais depressa do que a máquina” numa fábrica em Vitry-sur-Seine e Maria herdou também esta determinação.

Com apenas 16 anos, quis sair da escola e ser autónoma. Depois de ler corretamente em voz alta um pequeno texto, foi trabalhar para uma gráfica nos arredores de Paris e, depois de casar, apoiou o marido, Ângelo da Silva, na criação de uma empresa. Como desde cedo mostrou inclinação para os números, tirou um curso de contabilista e começou a ajudá-lo nas contas. Atualmente, detêm várias empresas, entre as quais se destaca a Alfyma, responsável pela realização, instalação e manutenção de transportadores, de triagem de bagagens, postos de inspeção de filtragem e integração de equipamentos de segurança para o sector da indústria aeroportuária.

O nome Alfyma está espalhado pelo Aeroporto de Paris Orly, Charles de Gaulle, entre outros, e é uma referência neste ramo. Maria está encarregue da gestão financeira das empresas, todos os anos passam milhões de euros pelas suas mãos, mas desengane-se quem pensa que não continua igual à menina que deixou a aldeia de Vila das Aves, em Santo Tirso.



**Local de nascimento:**

Aveiro

**Onde vive:**

França

**Actividade:**

Funcionária



## Maria Oliveira

Maria de Lurdes de Oliveira Marques, conhecida apenas por Maria Oliveira nasceu numa pequena aldeia do distrito de Aveiro, em 1959. São muitas as recordações que tem da infância, nomeadamente a Praia de Mira, o convívio com a família e amigos, as festas na aldeia e as brincadeiras de antigamente, bem diferentes das atuais. Lembra a união e o amor existente na família, que ainda hoje se mantém. "Ainda hoje nos amamos muito, não conseguimos viver muito uns sem os outros".

Começou por tomar conta dos filhos da sua irmã em Portugal, estando esta emigrada em França. "Houve um ano que a minha irmã não podia ir a Portugal ver os filhos, então decidi eu vir a França mostrar-lhe os filhos e passar um pouco de férias juntamente com o meu filho também. Cheguei a França, gostei do que vi e acabei por ficar", conta.

Maria Oliveira emigrou então para França, começando por tomar conta dos sobrinhos, mas rapidamente começou a trabalhar para uma condessa. Aí, tomava conta dos netos e da condessa também, que acabou por adoecer. Após o seu falecimento, rapidamente "encontrei logo outro trabalho, já faz agora 18 anos, também numa condessa. É um pequeno paraíso. Tomo conta do correio, vou passear com ela e escolho a roupa para vestir. Também me permite ocupar do Albano, meu marido, e dos negócios dele".

Os seus sonhos sempre foram viver o dia-a-dia. "Só pensava em ter saúde e ser feliz com família e amigos. Nunca tive grandes sonhos, a não ser ter uma casa para os meus filhos". Já hoje, confessa ter um sonho: "poder ir tratar da minha mãe e viver com ela. Tem 93 anos, eu saí com 17 anos de casa e não pude ocupar-me do meu pai, gostava de poder tomar conta dela". Para si, o essencial sempre foi não enganar as pessoas, ser leal e ajudar quem precisa.

"Gosto de ajudar quem precisa, participar nas associações, por isso vamos sempre ao jantar da Santa Casa da Misericórdia, à associação Les Copains d'Hugo e a outras".

Para si é uma honra ser portuguesa, "mas também adoro a França".



**Local de nascimento:**

New Bedford

**Onde vive:**

Estados Unidos da América

**Actividade:**

Empresário



## Michael Tavares

Michael Botelho Tavares nasceu em New Bedford, no estado de Massachusetts, em 1976, mas todas as suas raízes são portuguesas, mais concretamente dos Açores. Nos Estados Unidos foi criado de perto dos avós e com eles teve uma grande convivência. "Aprendi a falar português com eles porque eles ficavam connosco quando éramos pequenos, eu e os meus irmãos. Ouvia histórias de vivências deles nos Açores, ouvia músicas que eles ouviam, principalmente o fado, e aprendi a gostar de fado por causa deles". Rapidamente Michael Tavares apreendeu a cultura portuguesa. Depois do ensino secundário foi para a universidade e formou-se em Engenharia Mecânica, tendo depois tirado um mestrado em Engenharia de Fabricação. Começou a trabalhar em engenharia na empresa Johnson & Johnson, tendo aí desempenhado funções durante oito anos e meio. Só depois sentiu ser a hora certa para ingressar na empresa do pai, a Horacio's. Atualmente está à frente da empresa há mais de uma dezena de anos, levando a bom porto a empresa familiar.

Michael Tavares admite que o seu sonho era continuar aquilo que o pai começou. "Estou atualmente e sempre a concretizar. Não quero pensar que está concretizado, porque quero trabalhar sempre para continuar. Sempre penso em levar isto para a frente. Outro sonho era progredir a nossa comunidade portuguesa aqui, ainda mais. Educar o que é ser português e o que é a nossa cultura. Tenho-me envolvido em várias organizações na nossa comunidade para ajudar a concretizar esse sonho".

Os valores que lhe comandam a vida, admite serem os que os foram transmitidos pelos pais. "Tudo o que quisermos tem de ser com muito sacrifício e trabalho, mas que nada é impossível. Sempre me passaram esta mensagem". Michael tem ajudado diferentes organizações, de diferentes áreas, mas tem um gosto especial por tudo o que consegue fazer por Portugal. Criou, com a ajuda de um Cônsul, o Festival Viva Portugal em New Bedford, que promove a cultura portuguesa. O evento já vai na sua quarta edição. Para Michael, Portugal significa as suas raízes. "Sou americano porque nasci aqui e tenho orgulho, mas as minhas raízes são portuguesas. A primeira vez que fui aos Açores senti que fazia parte daquele lugar, sentia-me em casa, faz parte de quem eu sou. Gostava que os portugueses continuassem a promover a nossa cultura".





**Local de nascimento:**

Zoio, Bragança

**Onde vive:**

França

**Actividade:**

Artista



## Nair Pinto

Maria Nair Pinto nasceu na pequena aldeia e freguesia de Zoio, no concelho de Bragança. Desse lugar guarda boas recordações, tendo aí passado toda a sua infância e juventude. Cresceu com carinho e amor da sua família. Esteve em Portugal até aos 19 anos, altura em que emigrou para França. Em território gaulês fez um pouco de tudo. “Guardei crianças, trabalhei em hotelaria, em restauração e também tive patroas”. Só há cerca de 15 anos é que deu asas ao sonho de criança e se tornou artista a tempo inteiro. Faz pintura a óleo, aguarela, modelagem e até escultura. Nair Pinto é o exemplo de que nunca é tarde para se seguir sonhos. Hoje, tem o seu atelier em Ozoir-la-Ferrière, nos arredores de Paris, onde dedica uma parte do tempo às suas obras. “Para mim, a pintura, funciona como uma terapia. Passo muito tempo no meu atelier e sinto-me bem aqui, a fazer as minhas obras”. A sua mãe já era artista, embora de forma diferente, por isso o ‘bichinho’ pela arte esteve sempre presente na vida de Nair Pinto. “Já nasci com esta paixão. Até na escola eu já demonstrava o meu jeito, era muito boa a desenhar e na pintura. A professora guardava todos os meus trabalhos, porque gostava muito deles”. Sempre foi autodidata, mas acabou por se inscrever numa associação em Ozoir-la-Ferrière que tinha um professor que ensinava algumas bases importantes. “Inscrevi-me para poder ir mais longe”.

Para além do sonho da arte, orgulha-se dos seus três filhos. Hoje, sonha apenas com paz no mundo. Para si, a amizade é tudo. Ao nível associativo, apoia uma associação de deficientes e faz parte de uma associação de artistas de Ozoir-la-Ferrière. Apesar de estar em França há vários anos, continua a gostar e a defender o seu país. “Eu acho que o povo português é muito mais aberto na amizade e mais recetivo às pessoas”.



**Local de nascimento:**

Paris

**Onde vive:**

Portugal

**Actividade:**

Empresária



## Natália Rodrigues

Natália Marques Rodrigues, nasceu em 1972 em França. É filha de pais emigrantes, por isso a emigração sempre fez parte do seu quotidiano. Recorda-se de uma infância feliz, vivida em tempos mais difíceis em que as brincadeiras eram outras, mas um tempo onde “se vivia se forma mais simples, mais descomplicada, mas talvez até mais feliz. Tenho boas recordações dos primos e da família, que é na sua maioria emigrante”. Natália formou-se na área das letras, estudando na Sorbonne, em Paris, mas o seu percurso profissional nada tem a ver com a sua formação académica. O seu pai tinha uma empresa de transportes e esse bichinho pelo mundo dos negócios e dos transportes foi crescendo. Por volta dos 20 anos começou a ajudar o pai e desde logo se apaixonou pela profissão. Hoje, é sócia, juntamente com o irmão António José Rodrigues, da Transnate, empresa de transportes sediada em Celorico da Beira. Natália e o irmão são o rosto de uma dupla que dá continuidade ao empreendimento que o pai começou em França. Natália mudou-se para Portugal, foi uma opção de vida, e tem gerido a empresa que iniciou atividade em 1998. Natália é uma mulher que impera num universo composto, maioritariamente, por homens. Não se recorda de ter tido um sonho que envolvesse um futuro para si, mas aquilo que idealizava era uma vida mais pacata, talvez sendo professora na área das letras. “Não era um sonho, mas sim uma expectativa e uma pretensão. Hoje, o meu sonho é continuar a ser quem sou e a continuar a levar este barco a bom porto”. Tanto profissionalmente como pessoalmente, há valores dos quais Natália não abdica, que são de berço e de formação. “É muito importante a seriedade, a questão de ser idónea, de cumprir e honrar os nossos compromissos. Isso é fundamental para o bom funcionamento de qualquer empresa e até para nós como ser humanos”. Ao nível solidário, Natália recorda com carinho o apoio a uma instituição de crianças desfavorecidas. Apesar de ter nascido em França, Natália assume que tem os dois lados: França e Portugal. “Gosto muito de França, mas o facto de ter vindo para cá foi uma opção e não uma obrigação. Foi uma opção de vida e se o fiz é porque de facto admiro o nosso país, mais até por uma questão cultural. Gosto das nossas gentes, gosto das pessoas acolhedoras, somos pessoas sérias, abertas e penso que esse lado me diz muito e tenho muito orgulho. Temos uma gastronomia fantástica, temos muito para mostrar ao mundo, paisagens arrebatadoras”. Natália deixa ainda uma palavra de apreço a todos os emigrantes. “Sou oriunda de França, os meus pais ainda hoje são emigrantes, parte da minha família vive em França. Tenho um respeito enorme por essas pessoas que lutaram por melhores condições de vida”.



**Local de nascimento:**  
Galelos de Santa Maria, Barcelos

**Onde vive:**  
França

**Actividade:**  
Empresária



## Olivia Carvalho

Olivia Carvalho é mais um exemplo de força, oriunda de uma pequena freguesia do concelho de Barcelos, Galegos de Santa Maria, terra desde sempre ligada à olaria, facilmente se descobre as origens do aproveitamento do barro e a razão de existir das mais antigas tradições ligadas ao fabrico do afamado Galo de Barcelos, atividade essa que começou com apenas 14 anos, na pintura destas tão características figuras. Nesta localidade, recheada de jovens, fruto de várias famílias numerosas, era esta a ocupação profissional da grande maioria dos seus habitantes. Mas Olivia Carvalho teve um ano de viragem, e que viragem. Em 1968 com 19 anos, decide casar e seguir com o seu marido rumo a França, sendo que conhecer novos lugares e pessoas faziam parte das suas ambições e esta opção de vida ia de encontro aos seus sonhos.

Esta ida para França, teve como base o seu sogro que já estava integrado há 3 anos neste país, dando a possibilidade ao seu marido de iniciar o seu trabalho na área da construção civil, onde inclusivamente, Olivia pôde participar nas primeiras obras, dando o seu contributo em pinturas, aproveitando a experiência trazida da sua primeira experiência profissional.

Lembrando-se hoje de como era difícil a ida e integração em França, hoje dedica-se a ajudar os portugueses que decidem ir para este país. É assim que Olivia se sente feliz e realizada, provando que o espírito de entre-ajuda fortalece os laços da nossa comunidade. Mesmo tendo viajado um pouco por todo o mundo e conhecido muitos locais de grande beleza, é em Portugal que mais gosta de estar e onde se sente segura e certamente que Portugal sentirá que bom filho à casa torna.



**Local de nascimento:**  
Champigny-sur-Marne

**Onde vive:**  
França

**Actividade:**  
Autarca



## Paulo Marques

De nome completo António Paulo Neves Marques, é conhecido e tratado por todos apenas por Paulo Marques. Nasceu a 13 de janeiro de 1970, em Champigny-sur-Marne, França. Tem uma vida implicada no movimento associativo, e essa ligação começou bem cedo. Em 1973, os seus pais e a comunidade residente em Aulnay-sous-Bois criaram a Associação Cultural Portuguesa, e desses tempos ainda permanecem imensas e boas lembranças, recordações e saudades. Para além da associação, Paulo Marques destaca o Grupo Folclórico Rosa dos Ventos e o grupo de dançarinos RD Boys.

Paulo Marques estudou em França, e logo com 19 anos foi candidato à câmara de Aulnay-sous-Bois, corria o ano de 1989. Conseguiu ser eleito em 1995 e desde então que exerce funções autárquicas. Paralelamente, teve um percurso profissional bancário, tendo passado pelo Banco Borges & Irmão e também pelo BPI, na região de Paris. “Depois estive na Marconi França, como quadro comercial, mas sempre com a atividade pública na câmara de Aulnay, o que permitiu reforçar os meus laços com a comunidade portuguesa residente aqui em Aulnay-sous-Bois, mas também na região de Paris”. Atualmente, exerce várias funções, entre as quais Maire-adjoint, presidente e fundador da associação Cívica, conselheiro do território Paris, Terres d’Envol e presidente da comissão das adjudicações públicas do território. É ainda conselheiro das comunidades portuguesas e membro do conselho permanente, do conselho económico e social e do conselho de opinião da RTP.

Um dos sonhos de vida de Paulo Marques era precisamente ver vivo o movimento associativo português em França. A nível pessoal, destaca o casamento e os filhos. Confessa que tem sempre sonhos por cumprir, entre os quais uma melhor integração e interação entre Portugal e França. “Que haja um maior envolvimento da comunidade no dia-a-dia. Um dos sonhos era de haver cada vez mais autarcas, e conseguimos. De quatro mil em 2014, passámos a perto de 8 mil, em 2020, em municípios franceses”. A sua vida assenta nos valores de família, trabalho e respeito.

A ligação ao movimento associativo surge desde os três anos de idade. Primeiro com a Associação Cultural Portuguesa e depois com a criação da Cívica. Também a sua função como delegado da vida associativa lhe permite ter uma relação estreita com este setor. Para si, “ser português significa falar português o melhor possível, saber e relembrar de onde nós vimos. O meu avô materno chegou muito cedo a França, e por isso temos esse dever de memória. É ter esse valor lusófono de descoberta, de amizade, de liberdade, mas também uma liberdade de olhar para o outro diferentemente”.

Aos portugueses, pede que estejam atentos para as gerações futuras mantenham vivas as origens e tradições portuguesas.



**Local de nascimento:**

Vila Real

**Onde vive:**

Portugal

**Actividade:**

Advogado



## Pedro Seixas

Corria o ano 1980 e nascia Pedro Seixas em Vila Real. Fruto de uma família tradicional, recorda da infância momentos felizes passados em família, com os irmãos e primos, nunca tendo passado por grandes dificuldades. Esteve até ao 12º ano em Vila Real, seguindo depois para a cidade do Porto onde ingressou na Universidade Católica para se formar em direito. Realizou um estágio numa sociedade de advogados na baixa do Porto, tendo aqui permanecido após a conclusão do estágio por dois anos. Realizou ainda uma pós-graduação em Propriedade Intelectual e também em Direito do Trabalho. Em 2009, o seu atual sócio desafiou-o para trabalhar em conjunto. “Começamos, eu na altura já tinha um pequeno escritório em Vila Real, de prática isolada, mas comecei a trabalhar mais aqui no Porto. Em 2012 constituímos a sociedade Cavaleiro & Associados, fruto de um trabalho que já vinha sendo desenvolvido desde 2009/2010. Começamos a trabalhar e fomos crescendo em sociedade. É nessa altura, em 2012 que temos a primeira incursão em França”. Alguns clientes solicitaram a ajuda da sociedade de advogados para alguma assessoria na internacionalização para França. “Avançamos e fomos até França com alguns clientes para os assessorar nessa nova aventura. Foi curioso porque foram os próprios franceses e os emigrantes portugueses em França que quiseram investir em Portugal, o que foi uma agradável surpresa. Acabamos por trazer alguns franceses, daí a nossa relação recorrente com França”, conta.

Como em todas as crianças, também Pedro Seixas teve vários sonhos para a sua vida, mas o direito começou a cedo a delinear-se na sua vida. “Acima de tudo, sempre tive o objetivo de proporcionar uma vida aos meus filhos igual ao que os meus pais me proporcionaram”. E como os sonhos nunca acabam, o advogado confessa que gostava de “conjuntamente com esta sociedade, crescermos e sermos uma referência da advocacia a nível nacional. Já reconhecidos, até internacionalmente, mas ainda somos pequenos”. Para si, é essencial a integridade, honestidade e justiça. Valores intrínsecos a prática advocacia e direito, mas também essenciais como cidadão no dia-a-dia.

Pedro faz ainda parte da Associação Nacional de Empresários e Gestores, ligada à vertente das empresas, que tem princípio orientador os pagamentos pontuais. A nível pessoal, colabora com a Bagos d’Ouro, associação que ajuda crianças carenciadas na vertente do estudo. A sua portugalidade é forte, mas define o ser português com uma expressão curiosa: “podemos dizer mal de nós, falar mal do país, mas se houver um estrangeiro que diga que estamos mal, cai o ‘Carmo e a Trindade’, defendemo-nos com unhas e dentes”. Considera-se patriota, mas sente que o patriotismo é vivido com maior intensidade pelos portugueses que se encontram espalhados pelo mundo. E a eles pede que “nunca se esqueçam das raízes que têm, Portugal está sempre de portas abertas para receber”.



**Local de nascimento:**

Leiria

**Onde vive:**

França

**Actividade:**

Docente e empresário



## Rui Gomes Pedro

Rui Gomes Pedro nasceu em Leiria no ano 1969. Recorda com saudade o Colégio Conciliar Maria Imaculada, o Futebol Clube dos Capuchos, a Guia, local onde nasceu o pai e ainda o tempo que passava nos montes, a regar árvores, e nas praias da Nazaré e em São Pedro Moel. Rui iniciou a sua atividade profissional com 13 anos na fábrica do pai, uma confeção de vestuário em pele. Com duas licenciaturas, de DESCAF-Comércio Internacional em 1993 na Escola Superior de Comércio em Poitiers, França, e de licenciatura em Gestão e Organização de Empresas em 1996 no ISEG-Lisboa, termina em 2010 o MBA na HEC Paris (nº3 do ranking Financial Times). Ao longo do período, frequenta vários cursos de formação para executivos no IMD Lausanne-Suíça, na UCLA Los Angeles-USA e na Doshisha Business School em Kyoto-Japão. A sua experiência de gestor passa por 14 anos de Nestlé com carreira internacional, onde assumiu a Direção Geral de Marketing Estratégico essencialmente em França, Belux e Ibérica e Direção Comercial & Trade Marketing para a Europa do Sul em Grande Distribuição e Fora-do-Lar. Como sucessos europeus evidencia-se o exercício em França de Diretor Geral de Mövenpick of Switzerland e no campo de Marketing Estratégico ser o criador da marca de volume Gelados La Laitière que lhe valeu o 1ºPrémio Nestlé Inovação em 2005.

Em 2010, inicia o exercício de docente e empreendedor, concluindo em 2015 o seu doutoramento em Estratégias empresarias de Desenvolvimento Sustentável. Como empreendedor, lança a ideia do famoso profissional Pierre Cluizel, proprietário da sua própria holding de chocolate de luxo. É docente desde 2010 em domínios de desenvolvimento sustentável e suas linhas de economia participativa, solidária, circular, funcional e verde. As experiências são partilhadas junto da l'Université Paris-Sorbonne e no CELSA, o mais notável Instituto de media, comunicação e jornalismo de França, onde é igualmente orientador de teses. É fundador e proprietário de 2 empresas que apoiam o seu serviço de gestão: a empresa SustainableGoals, e a empresa Angels Recipes. Rui teve uma educação humilde, mas que apelida de muito rica, exatamente aquilo que deseja poder transmitir aos seus filhos. No seu dia-a-dia, valoriza a componente de intercâmbio pessoal e as relações entre pessoas. A componente associativa sempre fez parte da sua vida, com destaque para a inclusão aos 14 anos na juventude do Lions Club, em Leiria, tendo desempenhado diferentes funções com o passar dos anos. Aos 22 anos foi presidente da juventude Lions Club de Portugal, onde teve vários louvores, tendo conseguido criar 12 novos clubes em Portugal. Para si, ser português é servir e não servir-se. Rui Gomes Pedro considera que a dimensão dos portugueses, desde o seu ADN até à forma como desenvolvem a sua actividade, está sempre primada pelo rigor, pela organização, pela vontade de querer executar bem. "No âmbito da execução, os portugueses são excelentes".



**Local de nascimento:**

Luanda, Angola

**Onde vive:**

França

**Actividade:**

Agente de viagens



## Rui Lafayette

É filho de pai angolano e mãe portuguesa. Rui Lafayette nasceu em Angola a 15 de Novembro de 1965, local onde cresceu e viveu até aos nove anos de idade. Com a guerra, a família teve de fugir para Portugal, e instalou-se na aldeia do avô materno, perto da Guarda. Já sem o pai, aqui Rui teve de se adaptar a uma nova realidade, num país mais frio. Estudou aqui até aos 15 anos, altura em que foi para França, onde já se encontrava a sua mãe. Ainda frequentou a escola para aprender a língua francesa e obteve um diploma de torneiro mecânico, mas nunca exerceu essa profissão. Rui não era rapaz para estar fechado a produzir, tinha um espírito de comercial e começou por ser estafeta numa das maiores empresas portuguesas em França no ramo dos seguros, a Império. “Fui estafeta durante três anos”. A empresa, tinha também a vertente de agência de viagens, onde Rui se foi integrando aos poucos. “Comecei a levar bilhetes de avião aos clientes, ia aos bancos e, ao mesmo tempo, comecei a aprender a vender bilhetes. Tive uma diretora que apostou em mim e deu-me a oportunidade de ser agente de viagens”. Assim se deu início a uma longa carreira dedicada à agência de viagens. Com 25 anos, passou a ser chefe de agência, no 11º bairro de Paris e como bom vendedor que se revelou, nunca mais deixou o local. Hoje o espaço onde trabalha é da MZ Voyages, mas Rui Lafayette está no mesmo escritório há 28 anos.

Mais do que conseguiu até hoje, Rui sente-se orgulhoso por ter dado aos filhos a oportunidade de estudar. O filho é bancário, e a filha engenheira. “Estão a voar sozinhos e estou super contente”. Hoje, sonha poder regressar a Portugal e realizar alguns projetos no Algarve. Valoriza muito a educação que teve, e enaltece o papel da mãe neste sentido, que sempre lhe transmitiu a importância da família.

Ao nível associativo, participa regularmente em ações do Lions Club, da Santa Casa da Misericórdia de Paris e da Les Copains d’Hugo. Para si, ser português, significa representar a cultura lusa em França. “Toda a vida trabalhei com portugueses, sempre servi os portugueses. Gosto de ajudar o meu povo, as minhas origens. Vou muitas vezes a Portugal, continuo a ir à festa da aldeia. Tento ir aqui também às festas portuguesas. Somos pessoas que estamos juntas e nos ajudamos uns aos outros. Somos um povo muito de paz, onde há muitas pessoas com as quais podemos contar. Que continuem assim”.



**Local de nascimento:**

Matosinhos

**Onde vive:**

Portugal

**Actividade:**

Empresário



## Rui Pedro Moreira

Rui Pedro Moreira nasceu na cidade de Matosinhos em 1970. As suas recordações de infância estão sempre associadas aos sentidos: “lembro-me de quando nós torrávamos o café, do cheiro e do aroma acabado de torrar”. Rui licenciou-se na Universidade Católica Portuguesa, em Gestão de Empresas. Quando terminou a licenciatura, trabalhou em auditoria aproximadamente dois anos, tendo depois iniciado a sua atividade na Casa Angola, onde se mantém até hoje. A Casa Angola foi criada em 1932 pelo seu avô, sendo inicialmente conhecida por “Casa do Café de Angola”, altura em que começou uma viagem familiar no mundo empresarial, continuada e renovada pelos seus descendentes, presentemente na terceira geração. Paralelamente à gestão da Casa Angola, Rui Pedro Moreira é o presidente do Conselho Fiscal da ANCEVE, a Associação Nacional dos Exportadores de Bebidas e, na medida do possível, tenta manter algumas atividades no âmbito da cooperação e do associativismo. Para si, os sonhos sempre se confundiram com os hobbies. É um adepto confesso da natureza e, por isso, as questões ambientais sempre fizeram parte da sua vida, gostando de agricultura e jardinagem. Atividades que pratica como descompressor da atividade do dia-a-dia.

O facto de trabalhar numa empresa familiar, há valores muito associados a essa própria cultura que faz questão de manter, como a amizade e o respeito. “Valores muito presentes aqui na empresa e é isso que faz a diferença. Mesmo no mundo dos negócios, mesmo que não estejamos com seriedade e proximidade, os negócios passam a ser muito frios. Sentimos a necessidade de construir amizade no mundo dos negócios porque acaba por dar muito mais prazer”, revela. A solidariedade não lhe passa ao lado e faz mesmo parte da política da empresa não haver desperdício. “Frequentemente apoiamos o Banco Alimentar, anualmente são mais de duas toneladas”. Para si, ser português é um prazer. “O tipo de profissão que tenho, permite-me viajar muito por todo o mundo e é fantástico ver a presença portuguesa nos cantos mais inimagináveis, desde a Ásia, África e Américas. É interessante ver que não existem anticorpos em relação aos portugueses. Marcamos presença em muitos territórios, deixamos ficar a nossa herança e mantemos uma relação de proximidade com esses países todos. Orgulho-me de termos uma cultura aberta a todos os povos”. Como português que é, sente que cada um é um Embaixador de Portugal. “Onde quer que estejamos é importante valorizar a cultura, a gastronomia e que cada um de nós seja um exemplo do nosso bem-receber e hospitalidade. É isso que tem feito dos portugueses um sucesso por toda a parte do mundo”.





**Local de nascimento:**

Póvoa de Varzim

**Onde vive:**

Londres

**Actividade:**

Chefia no Palácio de Buckingham



## Salomé Dias

Salomé Dias é natural de um meio com raízes piscatórias, na Póvoa de Varzim, distrito do Porto. Da infância recorda, com um brilho nos olhos, os tempos de escola, altura em que andava com os livros na mão, e ainda sublinha um momento especial. “Ter um irmão aos 11 anos também se tornou numa experiência enriquecedora”, refere. Salomé viveu em solo português até completar 26 anos e é nessa altura que abraça um novo desafio. “Acompanhada com a minha filha mais velha partimos à descoberta de um novo país e uma nova cultura”, realça.

Ainda adolescente, lembra-se de querer ser advogada, mas o pai não a apoiou na decisão, optando por se formar em Neurofisiologia e o seu primeiro contacto com o mundo profissional foi numa clínica, a Clipóvoa. A experiência foi enriquecedora e, por isso, na bagagem que levou para a capital inglesa havia a vontade em exercer uma função na ação médica. A realidade não foi a esperada, mas a vontade em superar adversidades venceu qualquer obstáculo que se avizinhasse. “Quando aqui cheguei tinha o aluguer da casa para pagar e a filha de seis anos para criar, e então não pude prosseguir a minha vocação. A primeira porta que se abriu foi na indústria da limpeza”, afirma. Salomé deu cartas no papel que desempenhou e hoje desempenha, nada mais, nada menos do que uma posição de chefia, no Palácio de Buckingham. Na residência oficial da Família Real Britânica, um dos pontos turísticos de maior importância na Inglaterra, Salomé conheceu o seu marido, de quem tem uma filha. Para além de ser uma profissional de referência, Salomé mostrou além-fronteiras o que é ser português. “No meu local de trabalho sou a única portuguesa a ocupar uma posição de alto nível”, constata. Eternamente ligada à realidade britânica, a portuguesa sente-se bem no Reino Unido, mas não esquece as suas origens. “Temos pessoas inglesas, no Palácio de Buckingham, a pronunciar algumas palavras portuguesas”, confessa. Salomé Dias faz do amor pelo próximo a sua máxima diária. “Eu procuro no meu dia-a-dia fazer algo por alguém, mesmo que seja um pequeno gesto. Isso, faz-me sentir realizada como pessoa. O outro valor que me guia sempre é a honestidade, por mais difícil que a verdade seja, ela deve prevalecer. É isso que eu tento transmitir às minhas filhas, que mais vale dizer a verdade do que a mentira. E não esquecer que é preciso lutar para atingir os nossos objetivos, até porque quando alcançamos esse objetivo, o valorizamos mais. Se há algo que me caracteriza muito é que eu luto, os ingleses dizem que eu sou starborn.”

Poveira de gema, e sobretudo, portuguesa de coração, Salomé Dias considera Portugal “um país lindo, com um clima maravilhoso e uma gastronomia que nos mantém robustos”. Salomé apela a todos os portugueses que sigam o exemplo do nosso Chefe de Estado e que consigam transparecer uma maior cumplicidade. “Para mim ser portuguesa é ser humanitária, lutadora e ter orgulho de quem sou. Eu gosto de dizer que sou portuguesa, porque para mim isso é motivo de grande orgulho. Serei sempre portuguesa, esteja onde estiver. No dia em que eu partir, a minha família já sabe para onde eu quero ir, porque lá comecei e é lá que quero terminar”.

Salomé Dias não esquece também o seu lado solidário, apoiando a Liga Portuguesa Contra o Cancro e a Liga Contra o Cancro em Inglaterra. “As doenças não têm nacionalidade. Também contribuo para crianças órfãs, porque é um assunto que me toca bastante. E estou ligada à Academia de Bacalhau de Londres”. A mensagem que deixa a todos os portugueses é de paz e esperança. “Nós passamos por momentos difíceis, mas há algo que nos caracteriza como portugueses, o nosso lado lutador. Somos um povo com muita fé. Não devemos ter rivalidades, mas celebrar cada vez que o nosso amigo/vizinho teve sucesso em algo. Hoje sou eu a celebrar por ele, amanhã serão eles a celebrar por mim. Vamos basear-nos no grande exemplo que o nosso Presidente Marcelo nos dá, e vamos estar presentes quando mais necessitam de nós”.



**Local de nascimento:**

Nazaré

**Onde vive:**

Portugal

**Actividade:**

Secretária de Estado das Pescas



## Teresa Coelho

Teresa Coelho é nazarena, nasceu e cresceu apreciando as ondas da Nazaré, frequenta a lota “desde pequenina” e durante o seu percurso profissional esteve sempre ligada ao mar, somando um currículo extenso nesta área. Aos 18 anos deixou a sua terra natal e licenciou-se em Direito na Universidade de Coimbra. Durante dois anos esteve em Paris, onde alcançou o diploma de Francês e Civilização Francesa na Universidade de Sorbonne em 2004 e um ano depois concluiu o Mestrado em Gestão de Recursos Humanos na Escola Superior de Gestão de Paris (Paris Graduate School of Management). Teresa Coelho confessa que esta passagem pela capital francesa foi “muito enriquecedora” e ainda hoje recorda o ambiente vivido nas aulas. “O facto de ter estado em Paris tornou-me mais pragmática”, diz-nos. “Ainda por cima, na turma onde eu estava, havia sobretudo franceses, mas depois havia uma inglesa, um espanhol, uma venezuelana também, portanto, o convívio com as diferentes culturas foi muito enriquecedor”, sublinha. Teresa Coelho foi sozinha com o marido até França e o filho do casal acabou por nascer em Paris. De regresso a Lisboa, deu os primeiros passos de um longo caminho “ligado às pescas” e viu que “Portugal tem um mar de oportunidades”. É quadro superior da Docapesca há vários anos e já passou por muitos gabinetes governamentais, tendo desempenhado funções de subdiretora-geral das Pescas e Aquicultura e representado Portugal em várias instâncias internacionais. Em 2016, depois de ter sido chefe do gabinete do Secretário de Estado das Pescas e da Ministra do Mar, Ana Paula Vitorino, foi convidada pelos próprios para ser Presidente do Conselho de Administração da Docapesca. Desde 23 de maio de 2016 que Teresa Coelho desempenhou essas funções, acompanhando a promoção do sector das pescas em Portugal. “Efetivamente, a Docapesca é uma empresa que tem vindo a acompanhar o sector e a acompanhar os diferentes agentes económicos nas feiras internacionais. Tem conseguido promover o sector das pescas, tem conseguido promover Portugal como o melhor peixe do mundo e, portanto, acho que tem desempenhado um papel fundamental”, diz-nos. Desde 2020 que é Secretária de Estado das Pescas. Teresa Coelho já foi autarca, já fez parte de associações de bombeiros e de vários grupos desportivos, mas olhando para trás, reconhece que o fator mais enriquecedor da sua carreira foi “o convívio com as gentes do mar”. “É um convívio diferente, mas a boa relação que nós conseguimos ter, o facto de conseguirmos estar junto dos pescadores e conseguir-lhes explicar às vezes mensagens que são difíceis de passar tendo uma relação de proximidade com eles, é o objetivo da minha atividade profissional que mais me enriquece. Eu quero estar próxima das comunidades piscatórias”, afirma. Viaja muito pelo mundo, adorou viver em Paris, mas confessa que quando está fora, tem sempre “saudades de Portugal”. “Paris é uma cidade magnífica e se tivesse que voltar a sair, ia para lá, mas a luz de Lisboa, a luz do nosso país não há no resto do mundo. Eu acho que não há luz igual à nossa”.



**Local de nascimento:**

Viana do Castelo

**Onde vive:**

Portugal

**Actividade:**

Fotógrafo



## Victor Roriz

Victor Roriz tem, em cada imagem que capta, a forma de demonstrar o orgulho que sente em ser português. Fotógrafo de profissão e de paixão, pensa que se tivesse saído de Portugal o sucesso poderia ter sido maior, mas os trabalhos no exterior dão-lhe a “possibilidade de sair e lutar por mais”. Nasceu em 1962 em Viana do Castelo, de onde ainda hoje mantém fortes recordações da sua infância: a primeira bicicleta e as idas à praia.

“Nasceu” praticamente numa empresa fotográfica, facto que viria a marcar o seu percurso profissional. Era fotógrafo o seu tio-avô, o seu pai e dois tios. Sempre ligado à imagem, foi por aqui que traçou o seu rumo. Aos 20 anos formou-se em fotografia, tendo tido também passagens pelo estrangeiro onde se especializou em fotografia de moda e de arquitetura.

Criou, em Pedras Rubras, uma empresa especializada em fotografia aérea, tendo sido a principal empresa deste sector. Também se dedicou ao vídeo documental, mas a paixão pela fotografia venceu, estando praticamente toda a vida ligado ao negócio de família - Roriz Imagem.

Tinha um sonho de menino, que era ser médico, porque sempre gostou da ideia de poder salvar pessoas, mas ao longo da sua profissão sente que também se realizou tendo muitas boas surpresas e boas resoluções de imagem. “Quero fazer mais, muito mais. Cada vez que faço sinto que ainda não fiz o que quero fazer”, diz, afirmando que para si o mais importante é a dignidade e a humildade.

Está ligado à academia do bacalhau e a associações de beneficência mais direta, como é o caso da APPACDM. Para si, ser português, é “ter a dignidade de um ser humano. Tenho muita vaidade em ser português e muito orgulho neste país pequeno ter conseguido fazer o que fez até agora. Orgulho-me também da juventude que está com muita força e a representar bem Portugal no mundo”.

Victor Roriz deixa a mensagem “aos de dentro e aos de fora de terem sempre vaidade daquilo que somos e a humildade de quem somos”.







**Local de nascimento:**

Pinela, Bragança

**Onde vive:**

França

**Actividade:**

Empresário



## Virgílio Santos

Pinela é uma aldeia e freguesia do concelho de Bragança, lugar onde nasceu Virgílio Santos. Foi aqui que cresceu na companhia do avô, que muito o marcou para a sua vida. Até aos 10 anos viveu junto dele e a ele agradece toda a educação que lhe transmitiu. Partiu de Pinela para França e integrou-se bem, apesar de sempre desejar regressar a Portugal. É em terras gaulesas que tem trilhado o seu percurso profissional, tendo começado por ser mecânico durante seis anos. Depois do serviço militar, passou para a área dos vidros, onde trabalhou para um patrão durante três anos. Ao fim desse tempo, decidiu avançar para a constituição de uma empresa, na mesma área de atividade, juntamente com sócios. Em 2009 assume sozinho a gestão da empresa, que mantém até hoje. Sempre sonhou ter a sua própria empresa, ser patrão de si próprio, e conseguiu. Virgílio Santos tem também um contacto próximo com a associação de Vincennes, apoiando anualmente a instituição. Para si, ser português é a melhor coisa do mundo e afirma ser português com todo o orgulho. Deseja, especialmente para os portugueses que estão espalhados pelo mundo, que continuem a ser unidos e pensem em Portugal, o que de mais considera ter.



**Local de nascimento:**  
São Pedro do Sul, Viseu

**Onde vive:**  
França

**Actividade:**  
Bancário



## Vitor Martins

Vítor Martins nasceu no concelho de São Pedro do Sul e recorda, com nostalgia, a sua infância de aldeia. “Nascer e viver numa aldeia, na infância, é uma sorte e um privilégio, porque nos permite viver num meio calmo, tranquilo, onde toda a gente se conhece e acaba por ser bastante confortável e acolhedor para as crianças. Aprendi desde cedo a saber o que é a partilha e a solidariedade porque cresci com um irmão, e é importante recebermos estes valores em criança”. Vítor começou a trabalhar ainda enquanto estudava, com 23 anos, fazendo estágios de aproximação à vida ativa. Fez o primeiro estágio no sector da banca, o que lhe permitiu descobrir o gosto pelo sector bancário. A partir daí procurou, enquanto estudava, novas oportunidades após esse estágio. Teve a sorte de entrar no Millennium BCP em 2005 onde esteve durante cinco anos. Começou como assistente de cliente, depois chegou a gestor de cliente empresas, que exerceu durante dois anos até ter a oportunidade de ir para França, em Janeiro de 2010. Ingressou no Banque BCP para desempenhar funções de animação de relação com o Millennium BCP, “numa altura onde se verificava uma nova vaga de emigração e era importante podermos dinamizar esta atividade. Exerci essas funções até fins de 2013, tendo depois assumido um cargo de direção do Banque BCP, onde aqui me pude ocupar de tudo o que era distribuição, ou seja, rede de agências, canais digitais que temos à disposição dos clientes e também animar a rede comercial e as forças de vendas sobre diferentes elementos da nossa oferta”. Hoje, Vítor Martins está de regresso a Portugal para efetuar funções de marketing no Millennium BCP para a vertente diáspora. Tornou-se um profissional de referência, mas em criança teve ainda o sonho de ser piloto de aviões, que viu ser impossível de concretizar pelas vertigens que tem. Ainda assim, considera que o maior sonho que tem é ser feliz. “Será que já realizei? Penso que essa busca é eterna. Globalmente considero que sou uma pessoa feliz, mas na vida, com o tempo, vamos ajustando os objetivos, que considero diferentes dos sonhos. Fui cumprindo os objetivos, mas se me perguntar se chega? A resposta é não”.

Sempre determinado na vida, foi base nos valores da “infância da aldeia” que pautou a sua vida: solidariedade, respeito, justiça, transparência e sinceridade. “Nunca esquecer de onde se vem, é uma frase que devemos cumprir, não basta afirmar. É importante ainda nunca esquecer o nosso lado humano. Nascermos todos na mesma forma, morreremos todos da mesma forma, pouco importa o percurso que fazemos e os meios que temos”.

Considera-se, no seu dia-a-dia, um Embaixador não oficial de Portugal, pelo orgulho que tem no seu país.



**Local de nascimento:**

Usseira, Óbidos

**Onde vive:**

França

**Actividade:**

Empresária



## Zita Morgado

Zita Morgado é natural de Usseira, em Óbidos, mas o seu percurso de vida tem sido passado maioritariamente em França. Emigrou com os pais tinha cerca de 10 anos, numa época marcada pela forte emigração portuguesa. Em Portugal completou a 4ª classe e era a menina da família, sendo a primeira neta a surgir, caindo em si toda a atenção e carinho. Destes tempos, recorda o bem-estar familiar e a união que os caracterizava. Os destinos da vida levaram a que Zita deixasse Óbidos e abraçasse uma nova realidade. Em França continuou os estudos e foi-se especializando em Contabilidade e Secretariado. “Tive algumas dificuldades porque não conhecia a língua, mas fui ultrapassando com o tempo”, refere. Assim que terminou a formação, procurou emprego e encontrou-o numa agência de viagens, que procuravam alguém que falasse a língua portuguesa. Zita Morgado preenchia os requisitos e assim se iniciou na área do turismo, com 17 anos de idade. Já casada, Zita tentou um regresso a Portugal, acompanhando o regresso dos pais e das irmãs, mas ao fim de 6 anos percebeu que teria de regressar a França e que o seu percurso seria efetivamente em terras galesas. Voltou a trabalhar na área do turismo até 1993, altura em que decide abrir a sua própria agência de viagens, atividade que mantém até hoje.

Confessa-se uma mulher com muitos sonhos, uns alcançados outros não, mas o maior de todos foi conseguir ser a sua própria patroa. “Sou independente, tenho liberdade de ação, e isso é muito bom”. Para si, o mais importante na vida é a honestidade, o bem-estar das pessoas que estão à sua volta e a sua família. “O meu maior núcleo é o estar junto dos que me são mais queridos”. Zita tem ainda tempo para a solidariedade, ajudando várias associações, sempre que assim é solicitada. Não esquece as suas origens e salienta que para si, ser portuguesa, é uma honra e um prazer. “Considero-me patriota porque, por exemplo, ensinei os meus filhos a falar português e penso que todos os emigrantes deviam fazer o mesmo. A todos os portugueses desejo muita felicidade e que tenham vontade de levar Portugal para a frente”.





Com o Alto patrocínio das marcas e empresas





FICHE TECHNIQUE

Concessionaire



**CONCESSIONAIRE**

Êxito Régie Publicitaire  
19, avenue James de Rothschild  
77164 FERRIÈRES EN BRIE - França

**REDACTION ET STUDIO**

Rua do Sino, nº9 | 3640-050 CUNHA SERNANCELHE - Portugal  
19, avenue James de Rothschild | 77164 FERRIÈRES EN BRIE - França

**ASSOCIADOS**

Armando Freire  
Fernando Amorim  
Joaquim Filipe  
José Gomes de Sá  
Lídia Sales

**PROPRIÉTÉ/EDITION**

José Gomes de Sá - cont nº 128 275863

**DIRECTION**

**Directeur de la publication**

Lídia Sales  
lidiasales@lusopress.tv

**DIRECTEUR EXECUTIF**

Guilherme Gomes de Sá

**REDACTION**

Isabel Oliveira  
Wilker Alves

**DIRECTION COMMERCIAL**

Gomes de Sá  
gomesdesa50@gmail.com  
Tél. + 33 6 18 44 74 55

**SERVICE FINANCIER**

Amparo Conseil

**RÉALISATION**

João Cazenave - [joaocazenave@lusopress.tv](mailto:joaocazenave@lusopress.tv)

**IMPRESSION**

Grafisol  
Rua das Maçarocas  
Abrunheira Business Center nº03 - Abrunheira 2710-056 Sintra

[lusopress@gmail.com](mailto:lusopress@gmail.com)

[www.lusopress.tv](http://www.lusopress.tv)



# ALFYMA

À VOTRE SERVICE DEPUIS 1974

**Sede social**

ZAC du Prieuré

17 avenue Christian Doppler | 77700 Bailly-Romainvilliers - France

Tél. : 01 60 04 21 28 - Fax : 01 60 04 14 25 - E-mail : contact.bailly@alfyma.fr

**Agence Amiens-Croixrault**  
Somme - tél. +33 (0) 3 2 89 19 01

**Agence Alençon - Argentan**  
Orne - tél. +33 (0) 2 33 67 80 60

**Agence Bordeaux - Coutras**  
Gironde - tél. +33 (0) 1 30 54 23 61

**Agence Chartres - Le Coudray**  
Eure-et-Loire - tél. +33 (0) 2 37 26 50 13

**Agence Cholet - La Tassoualle**  
Maine-et-Loire - tél. +33 (0) 2 41 56 45 47

**Agence Compiègne - Verberie**  
Oise - tél. +33 (0) 3 44 40 99 56

**Agence Concarneau - Rédéné**  
Finistère - tél. +33 (0) 2 98 96 39 39

**Agence Dijon - Orville**  
Côte d'or - tél. +33 (0) 1 30 54 23 61

**Agence Epinal - Chavelot**  
Vosges - tél. +33 (0) 1 30 54 23 61

**Agence Lyon**  
Rhône - tél. +33 (0) 1 30 54 23 61

**Agence Mantes-la-Jolie**  
Yvelines - tél. +33 (0) 1 30 94 35 62

**Agence Marne-la-Vallée - Val d'Europe**  
Seine-et-Marne - tél. +33 (0) 1 60 04 21 28

**Agence Nantes - Vigneux de Bretagne**  
Loire-Atlantique - tél. +33 (0) 2 40 92 16 00

**Agence Nice**  
Alpes-Maritimes - tél. +33 (0) 1 30 54 23 61

**Agence Nîmes - Saint-Ambroix**  
Gard - tél. +33 (0) 1 30 54 23 61

**Agence Orléans - Marcilly-en-Villette**  
Loiret - tél. +33 (0) 2 38 56 02 46

**Agence Rennes - Doumloup**  
Ille-et-Vilaine - tél. +33 (0) 2 99 37 58 50

**Agence Sens - Saint-Clément**  
Yonne - tél. +33 (0) 3 86 83 33 09

**Agence Toulouse - Saint-Gaudens**  
Haute-Garonne - tél. +33 (0) 1 30 54 23 61

**Agence Versailles - Plaisir**  
Yvelines - tél. +33 (0) 1 30 54 23 61

**Agence Lisbonne**  
Portugal - tél. +33 (0) 1 60 04 21 28

**Agence Tunis**  
Tunisie - tél. +33 (0) 1 60 04 21 28

→ [www.alfyma.fr](http://www.alfyma.fr)

INSTALLATION ET REMPLACEMENT  
DE BANDES TRANSPORTEUSES  
SPÉCIALISTE DES SYSTÈMES  
DE CONVOYAGE  
SERVICE 24h/24

La garantie  
de votre productivité

# LE PORTUGAL A TANT À VOUS OFFRIR

Et nous aussi.  
En accompagnant vos projets.



## Empruntez en France pour votre bien au Portugal

Financement  
jusqu'à 100% <sup>(1)</sup>  
en France,  
à taux fixe.

Garantie d'une société  
de caution permettant  
de ne pas hypothéquer  
votre bien <sup>(2)</sup>.

Une expertise  
patrimoniale, fiscale  
et juridique.

Des conseils d'experts  
dans l'immobilier,  
pouvant aller jusqu'à  
l'évaluation de votre  
future acquisition.

Contactez-nous : [investirauportugal@banquebcp.fr](mailto:investirauportugal@banquebcp.fr)

(1) Sous réserve d'acceptation de votre dossier de crédit immobilier par la Banque BCP, prêteur. L'emprunteur dispose d'un délai de réflexion de dix jours avant d'accepter l'offre de prêt.

(2) Sous réserve de l'acceptation du dossier par CEGC (Compagnie Européenne de Garanties et Cautions) - Société anonyme au capital de 160 995 996 € - Entreprise régie par le Code des assurances - 382 506 079 RCS Nanterre - 16 rue Hoche - Tour Kupka B - TSA 39999 - 92919 Paris la Défense Cedex - Tél. : +33 1 58 19 85 85



Banque BCP

Partenaire de vos projets  
en France et au Portugal

Document à caractère publicitaire et sans valeur contractuelle.

BANQUE BCP, SAS à Directoire et Conseil de Surveillance, au capital de 173 380 354 euros. Siège social : 16, rue Hérold - 75001 PARIS - N° 433 961 174 RCS PARIS - N° identification TVA FR 71 433 961 174. Intermédiaire d'assurance, immatriculé à l'ORIAS sous le N° 07 002 041 - site web ORIAS : [www.orias.fr](http://www.orias.fr). Autorité de Contrôle Prudentiel et de Résolution (ACPR) - 4 Place de Budapest - CS 92459 - 75436 PARIS CEDEX 09 - site web ACPR : [acpr.banque-france.fr](http://acpr.banque-france.fr). Carte professionnelle de Transactions sur immeubles et fonds de commerce N° CPI 7501 2017 000 021 774.